

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO UNIVERSITÁRIO NORTE DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

GRAZIÉLI VENTURINE AHNERT BERNARDO

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA LIBRAS: UM ESTUDO SOBRE
POSSIBILIDADES E DESAFIOS NO ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE
SINAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

SÃO MATEUS/ES

2023

GRAZIÉLI VENTURINE AHNERT BERNARDO

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA LIBRAS: UM ESTUDO SOBRE
POSSIBILIDADES E DESAFIOS NO ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE
SINAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Departamento de Educação e Ciências Humanas do Centro Universitário Norte do Espírito Santo da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Orientadora: Rita de Cassia Cristofoleti

SÃO MATEUS/ES

2023

GRAZIELI VENTURINE AHNERT

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA LIBRAS: UM ESTUDO
SOBRE POSSIBILIDADES E DESAFIOS DO ENSINO DA LÍNGUA
BRASILEIRA DE SINAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Aprovada em 19 de dezembro de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **RITA DE CÁSSIA CRISTOFOLETTI**
Data: 28/12/2023 11:25:41-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profª. Drª. Rita de Cassia Cristofoletti
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **ZAIRA BOMFANTE DOS SANTOS**
Data: 29/12/2023 14:11:49-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profª. Drª. Zaira Bomfante Santos
Universidade Federal do Espírito Santo.

Documento assinado digitalmente
 **Ronice Müller de Quadros**
Data: 04/01/2024 11:10:05-0300
CPF: ***.927.400-**
Verifique as assinaturas em <https://c.ufes.br>

Profª. Drª. Ronice Müller de Quadros
Universidade Federal de Santa Catarina.

- B518p Bernardo, Graziéli Venturine Ahnert, 1984-
Práticas pedagógicas no ensino da Libras: um estudo sobre
possibilidades e desafios no ensino da língua brasileira de sinais
na educação infantil / Graziéli Venturine Ahnert Bernardo. -
2023.
163 f. : il.
- Orientadora: Rita de Cassia Cristofoleti.
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Educação.
- I. Língua Brasileira de Sinais. I. Cristofoleti, Rita de Cassia.
II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação.
III. Título.

CDU: 37

Dedico este estudo, em primeiro lugar, a Deus, que permitiu que eu vivenciasse esse sonho, dando-me forças e capacitando-me.

Ao meu esposo Sidiney, pela paciência, incentivo. Sem seu apoio incondicional não conseguiria vivenciar o processo.

À minha família que sempre incentivou a alçar voos maiores.

À minha orientadora Prof. Dr. Rita de Cassia Cristofoleti, que me conduziu em suas orientações brilhantemente. Sem elas essa Dissertação não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus o autor da minha fé, que me sustentou em todas as etapas desse processo árduo do conhecimento. Agradeço ao meu esposo Sidiney Bernardo que, incondicionalmente apoiou-me em cada momento. Esteve presente nos momentos de crises, nos momentos de desespero acalmando-me e tranquilizando-me de que tudo daria certo. Nas idas e vindas a São Mateus, colocando-se à disposição no translado, divido dessa forma essa conquista.

À minha filha Sarah Bernardo pela compreensão da necessidade de dividir a minha atenção com leituras e escritas, diminuindo assim o meu tempo de escuta em seus desabafos escolares e vivências do dia a dia.

À minha orientadora, Rita de Cassia Cristofoleti, que me mediou através dos diálogos e reflexões, ora em orientação, ora em sala de aula, conduzindo-me e ensinando-me em todo o percurso do mestrado, ressignificando o processo da construção do conhecimento. Por sua paciência, mostrando os caminhos a serem trilhados, expresso minha profunda gratidão. Aos demais professores que contribuíram nesse caminho percorrido, Pof. Dr. Jair Miranda de Paiva, Prof. Dr. Valdinei Cezar Cardoso, Prof. Dr. Zaira Bomfante dos Santos, Prof. Dr. Andrea Brandão Locatelli, Prof. Dr. Gustavo Machado Prado, Prof. Dr. Franklin Noel dos Santos.

Às minhas amigas e colegas de mestrado, Sônia, Andressa e Egliene, onde vivenciamos momentos de trocas de experiências e compartilhamos angústias, uma fortalecendo a outra em momentos de viagem ao Ceunes, expresso minha gratidão por trocas enriquecedoras e por uma amizade que levarei para a vida toda.

Às minhas amigas Lara Regina Cassani e Francilene dos Santos Will, grandes incentivadoras na realização do mestrado, mostrando-me os caminhos a trilhar, provando-me que o sonho era possível.

À Pedagoga Cinthia Ronconi Ferrechi que de uma forma toda especial ajudou-me em momentos que parecia que seria impossível, trazendo-me tranquilidade, suporte e apoio em meio às adversidades.

À Secretaria de Educação do Município de São Gabriel da Palha que autorizou a realização da minha pesquisa em um Centro Municipal de Educação Infantil e que também flexibilizou minha carga horária de trabalho possibilitando frequentar as aulas presenciais.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB) pela oportunidade de realizar um sonho que antes era inalcançável.

“Se não tivéssemos voz nem língua, mas apesar disso desejássemos manifestar coisas uns para os outros, não deveríamos, como as pessoas que hoje são mudas, nos empenhar em indicar o significado pelas mãos, cabeça e outras partes do corpo?”

Aristóteles

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo investigar estratégias da prática docente na Educação Infantil que possibilitem o ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras através de cantigas infantis, buscando compreender a possibilidade desse ensino e seus desafios. Fundamenta-se na perspectiva Histórico-Cultural de desenvolvimento humano elaborada por Vigotski (2022) destacando a importância da Libras como meio de compensação sociopsicológica da deficiência para a pessoa surda. A linguagem é um sistema de signos que possibilita o indivíduo significar e ressignificar o mundo e a realidade na qual está inserido. Apoiar-se também nos estudos de Quadros (1997), sustentando que a pessoa surda necessita se desenvolver nas duas línguas, a língua de sinais e a Língua portuguesa na modalidade escrita, concomitantemente no espaço escolar. É uma pesquisa qualitativa fundamentada na pesquisa participante e no estudo de caso. A pesquisa se desenvolveu em uma turma de alunos matriculados na Educação Infantil e contou com três momentos: Observação das práticas pedagógicas com foco nas interações sociais e nas relações de ensino vividas entre alunos ouvintes, uma aluna surda e a professora; Intervenção no ensino da Libras a partir de cantigas infantis para todos os alunos pesquisados e produção de vídeos como meio de veiculação de práticas pedagógicas no ensino da Libras. Como resultados da pesquisa, nota-se uma aquisição rápida por parte dos alunos ouvintes quando a língua é inserida em contextos lúdicos, como as cantigas infantis. Nota-se também uma busca pela aprendizagem da Libras por parte da professora, o que evidencia uma proposta inclusiva de acesso ao conhecimento. Em relação à criança surda, apesar de uma aquisição rápida dos sinais, mas por não haver par linguístico em sala de aula, concluímos que sua inserção em ambiente em que prevalece o oralismo não é o melhor espaço para sua aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino de Libras; Cantigas infantis; Ludicidade. Educação Infantil.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo investigar estrategias de práctica docente en Educación Infantil que posibiliten la enseñanza de la Lengua de Signos Brasileña – Libras a través de canciones infantiles, buscando comprender la posibilidad de esa enseñanza y sus desafíos. Se basa en la perspectiva Histórico-Cultural del desarrollo humano elaborada por Vigotski (2022), destacando la importancia de Libras como medio de compensación socio-psicológica de la discapacidad de las personas sordas. El lenguaje es un sistema de signos que permite al individuo significar y resignificar el mundo y la realidad en la que está inserto. También se basa en estudios de Quadros (1997), argumentando que las personas sordas necesitan desarrollarse en ambas lenguas, lengua de señas y portugués en forma escrita, simultáneamente en el espacio escolar. Es una investigación cualitativa basada en investigación participativa y estudios de casos. La investigación se desarrolló en una clase de estudiantes matriculados en Educación Infantil y constó de tres momentos: Observación de prácticas pedagógicas con enfoque en las interacciones sociales y relaciones didácticas vividas entre un estudiante oyente, un estudiante sordo y el docente; Intervención en la enseñanza de Libras utilizando canciones infantiles para todos los estudiantes encuestados y producción de videos como medio de transmisión de prácticas pedagógicas en la enseñanza de Libras. Como resultado de la investigación, existe una rápida adquisición por parte de los estudiantes oyentes cuando el lenguaje se inserta en contextos lúdicos, como las canciones infantiles. También hay una búsqueda de aprendizaje Libras por parte del docente, que destaca una propuesta inclusiva de acceso al conocimiento. En relación a los niños sordos, a pesar de la rápida adquisición de señas, pero debido a que no existe un par de lenguas en el aula, concluimos que su inclusión en un ambiente donde prevalece la oralidad no es el mejor espacio para su aprendizaje.

Palabras clave: Enseñanza de Libras; Canciones infantiles; Alegría. Educación Infantil.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Foto dos sinais da música “O jacaré foi passear lá na Lagoa” exposto na parede da sala de aula.....	87
Figura 2- Sinal de “jacaré” em Libras.....	89
Figura 3- Sinal de “parar” em Libras.....	89
Figura 4- Atividade de verificação de aprendizagem – Identificação da imagem correspondente ao sinal de jacaré.....	100
Figura 5 – Atividades de verificação de aprendizagem – Identificação da imagem correspondente ao sinal de peixe.....	100
Figura 6 – Atividade de verificação de aprendizagem – Desenho identificado através do sinal em Libras.....	101
Figura 7 – Foto dos sinais da música “1, 2, 3 indiozinhos” exposto na parede da sala de aula.....	105
Figura 8 – Fotos de sinais presentes na música “1, 2, 3 indiozinhos” realizados pelas crianças.....	109
Figura 9 – Atividades de verificação de aprendizagem – Identificação da imagem correspondente ao sinal de barco.....	114
Figura 10– Fotos da atividade de verificação da aprendizagem da Língua de Sinais - identificação da imagem correspondente ao sinal de rio.....	115
Figura 11- Atividade de verificação de aprendizagem – Desenho identificado através do sinal em Libras.....	116

Figura 12 – Foto das letras do alfabeto em Libras coladas na parede da sala de aula.....117

Figura 13 – Foto da atividade de verificação da aprendizagem referente às letras do alfabeto..... 128

Figura 14 – Imagem das atividades dos alunos que não conseguiram desenvolver a atividade proposta..... 129

Figura 15 – Imagem das atividades dos alunos que confundiram os sinais das letras do alfabeto.....129

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1- Descrição geral da pesquisa.....	38
Gráfico 2- Estudantes público da Educação Especial matriculados na rede municipal de ensino de São Gabriel da Palha.....	40
Gráfico 3 – Visão na perspectiva histórico-cultural para que desenvolva o ensino-aprendizagem.....	75

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Participantes da Pesquisa.....	39
Quadro 2 – Quantitativo de alunos Público da Educação Especial no Município de São Gabriel da Palha	40
QUADRO 3 – Descrição detalhada da pesquisa.....	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado.

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

BNCC – Base Nacional Comum Curricular.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CEP – Comitê de Ética e Pesquisa.

CEUNES – Centro Universitário Norte do Espírito Santo.

CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil.

DT – Designação Temporária.

FANAN – Faculdade de Nanuque.

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos.

INES – Instituto Nacional de Educação dos Surdos.

L1 – Primeira língua.

L2 – Segunda língua.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.

QR – Quick Response (resposta rápida).

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

UNIP – Universidade Paulista.

ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 Trajetória Formativa e Profissional da Pesquisadora e as Motivações na elaboração da pesquisa	19
1.2 Contextualização do Problema de Pesquisa	22
1.3 Tecendo diálogos com estudos desenvolvidos na área da pesquisa.....	27
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	35
3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE O ENSINO DA PESSOA COM SURDEZ.....	48
3.1 Percurso histórico da educação da pessoa surda.....	48
3.2 Legislação e inclusão de alunos surdos no contexto escolar	55
3.3 A perspectiva de educação para a pessoa com surdez.....	59
3.3.1 O bilinguismo como modalidade de ensino à pessoa surda.....	62
4. A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM PARA O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA PESSOA COM SURDEZ	65
4.1 As dificuldades da pessoa surda na falta da comunicação na linguagem própria.....	68
5 AS CONTRIBUIÇÕES DE VIGOTSKI NA INSERÇÃO DA LIBRAS NA SALA DE AULA DO ENSINO COMUM	71
6 ENSINO DA LIBRAS ATRAVÉS DE CANTIGAS INFANTIS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA ALUNOS SURDOS E OUVINTES	78
6.1 Características dos participantes da pesquisa e seu meio social.....	77
6.2 Primeira intervenção com ensino da Libras: Cantiga “O jacaré foi passear lá na Lagoa”	87
6.3 Segunda intervenção com ensino da Libras: Cantiga “1,2,3 Indiozinhos”	105
6.4 Terceira intervenção com ensino da Libras: Cantiga “Alfabeto para crianças”	117

CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS.....	135
APÊNDICE A	142
APÊNDICE B	146
APÊNDICE C	150
APÊNDICE D	154
APÊNDICE E	155
APÊNDICE F.....	156
APÊNDICE G	157
APÊNDICE H	158
APÊNDICE I.....	159
APÊNDICE J.....	160
APÊNDICE K	161
APÊNDICE L.....	162
APÊNDICE M.....	163

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, trazemos as possibilidades e os desafios do ensino da Libras através das cantigas infantis para todos os alunos, surdo e ouvintes numa sala de aula de ensino comum, em um Centro Municipal de Educação Infantil no município de São Gabriel da Palha – ES.

Buscamos respostas às indagações de como se dá o ensino da Libras através do trabalho com cantigas infantis, que possam ser eficazes para o ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais – Libras, oportunizando o desenvolvimento da identidade do aluno surdo através do ensino, e também destacando e embasando a importância da Língua Brasileira de Sinais – Libras, nas salas de aulas do ensino comum. Trazemos também uma análise da potencialidade de aprendizagem das crianças na Educação Infantil em aprender, de forma lúdica, uma segunda língua.

Para tal, essa introdução se divide em seis capítulos, sendo eles: Introdução, perpassando com a trajetória formativa e profissional da pesquisadora e as motivações na elaboração da pesquisa; contextualização do problema de pesquisa e diálogos com estudos desenvolvidos na área da pesquisa.

No segundo capítulo encontra-se os caminhos metodológicos demonstrando todo o percurso da pesquisa.

O terceiro capítulo aponta a contextualização histórica sobre o ensino da pessoa com surdez e a importância em se compreender a sua história para refletir e questionar os aspectos da educação e inclusão de pessoas com surdez até os dias atuais. Esse capítulo perpassa a história desde a metade do século XVI até a atualidade, destacando as lutas e as conquistas de uma sociedade inclusiva. Traz também a proposta de ideal de ensino para a pessoa surda.

O quarto capítulo enfatiza a importância da linguagem para o processo de constituição da pessoa com surdez, demonstrando que a linguagem faz a mediação entre o cognitivo, o meio social, entrelaçando o processo de interação na construção de significados e trocas linguísticas.

O quinto capítulo evidencia as contribuições de Vigotski nos processos de ensino-aprendizagem da pessoa com deficiência. Enfatiza-se a tese da Defectologia (2022) na qual a deficiência desenvolve estímulos para elaborar uma compensação utilizando-se de vias indiretas. Destaca-se também a importância da linguagem para o desenvolvimento humano enfatizando a Zona de Desenvolvimento Proximal como o lugar de atuação do professor para mediar e alavancar a aprendizagem. Todos esses conceitos irão permear a possibilidade do ensino da Libras em uma sala aula de ensino comum na Educação Infantil.

No sexto capítulo busca-se trazer evidências no ensino da Libras através de cantigas infantis com práticas pedagógicas para alunos surdos/ouvintes, subdividindo-se em: primeira intervenção com ensino da Libras: cantiga “O jacaré foi passear lá na lagoa; segunda intervenção com ensino da Libras: cantiga “1,2,3 Indiozinhos” e a terceira intervenção com ensino da Libras: cantiga “Alfabeto para Crianças”, trazendo pistas de potencialidades do uso de cantigas para o ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais.

1.1 Trajetória Formativa e Profissional da Pesquisadora e as Motivações na elaboração da pesquisa

Para melhor compreender sobre a escolha do tema desta dissertação de Mestrado, faz-se necessário abordar minha¹ trajetória como profissional da Educação Básica.

Como ponto de partida, possuo formação acadêmica no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia realizada pela Universidade Paulista – UNIP no ano de 2013. Logo que me formei, iniciei duas Pós-graduações concomitantes, sendo uma em Gestão da Educação e a outra em Educação Infantil e Séries Iniciais realizadas pela Faculdade de Nanuque – FANAN, finalizadas no ano de 2014.

Minha primeira experiência profissional, aconteceu quando ainda cursava a faculdade de Pedagogia no ano de 2012, quando fui convocada a atuar como professora de Sociologia para o Ensino Médio onde trabalhei por dois anos consecutivos na cidade

¹ Usarei a primeira pessoa do singular para descrever minha experiência profissional.

de São Gabriel da Palha/ES, localizada na região noroeste do estado do Espírito Santo, lugar em que resido há 17 anos. Nesse mesmo ano iniciei trabalhos voluntários em um espaço religioso atuando como aprendiz de intérprete para pessoas com surdez onde trabalho até o presente momento sempre buscando conhecer a Língua de Sinais através de formações informais e formais. Ainda trabalhando como professora de Sociologia, no ano de 2013, para aprofundamento da Língua de Sinais realizei o primeiro curso formal de nível básico e intermediário e a partir daí outros cursos nessa área tive a oportunidade de realizar.

No ano de 2014, tive a oportunidade de trabalhar na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE, como Educadora Social. Nesses ambientes de trabalho tão distintos, por meio da aproximação com os sujeitos, pude entender que as pessoas possuem particularidades e necessidades específicas, desenvolvendo em mim um amor pela educação e entendendo que, necessitava compreender a individualidade de cada ser humano que é singular e potencialmente capaz de ir além de suas limitações, superando barreiras que muitas vezes são impostas pela própria sociedade. Essas vivências me proporcionaram a busca pela formação continuada em algumas áreas da Educação Especial, inclusive na área da surdez – mesmo não atuando profissionalmente.

Como profissional de Designação Temporária – DT, todos os anos novas possibilidades surgiam em novos espaços e contextos educacionais, sendo assim, no ano de 2015 pude experimentar uma nova prática profissional na área da Educação como Suporte Educacional. Concomitante a este cargo tive minha primeira experiência profissional da área da Educação Especial com alunos surdos, atuando como Professora de Apoio na área da surdez, ora na sala de recurso, ora na sala de aula com atuação colaborativa. Foi através dessa aproximação com o aluno surdo, nesse espaço educacional que vivenciei as dificuldades de inserção desse estudante na comunidade escolar pela primeira vez.

Essa dificuldade ocorria pelo fato da comunidade desconhecer a Língua de Sinais havendo barreiras na comunicação. Surgiram então questionamentos e inquietações em relação a inserção do estudante com surdez na Educação Básica que desde então tem aguçado a reflexão e o diálogo sobre a inserção da Língua

Brasileira de Sinais – Libras na Educação Básica.

Conforme estabelecido pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002, a situação explicitada no art. 2º do referido decreto estipula, no artigo 3º, que a Língua de Sinais deve ser incorporada como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério (em nível médio e superior) e nos cursos de Fonoaudiologia de instituições de ensino, sejam públicas ou privadas, tanto do sistema federal de ensino quanto dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. Além disso, o decreto a implementa como disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional (Brasil, 2005). Nesse sentido, surge o seguinte questionamento: **Por que a Libras, segunda língua oficial do Brasil, ainda não está inserida nas escolas de Educação Básica?**

Nesse mesmo ano submeti-me ao concurso público do município de São Gabriel da Palha – ES, sendo aprovada. Efetivei no ano de 2016 como professora na Educação Infantil, onde estou até a presente data, hoje como Diretora Escolar. Continuei atuando como Professora de Apoio para alunos com surdez nesse ano e no ano seguinte como Instrutora de Libras sempre concomitante à Educação Infantil.

E é nesse cenário, inconformada com a inserção do estudante com surdez na Educação Básica que mesmo amparado pelo o que a Lei determina, há dificuldades de inserção e de acessibilidade ao currículo escolar, que iniciei a introdução da Língua de Sinais na Educação Infantil através das práticas pedagógicas existentes no cotidiano escolar, mesmo não havendo, a priori, alunos com surdez matriculados na sala de aula.

Na rotina da Educação Infantil há o momento da cantiga de roda/cantigas infantis, que sempre usa expressões faciais, corporais e gestos nas músicas. Como estratégia para o ensino da Libras, troquei os gestos pelos sinais, percebendo assim, uma rápida aprendizagem das crianças pelos sinais ensinados.

Hoje não mais atuo na área da surdez como profissional, apenas como voluntária

em espaços religiosos e também não leciono, por estar na direção da escola, mas sempre que posso, trago oportunidades para a divulgação da Libras no espaço escolar em que atuo com a presença de amigos surdos, colocando as crianças em contato com a pessoa com surdez e também com ensinamentos da Libras.

1.2 Contextualização do Problema de Pesquisa

A partir das vivências e práticas, questionamentos e inquietações no contexto escolar, entendi que deveria me debruçar melhor nessa área, surgindo o desejo pelo Mestrado para aprofundamento da pesquisa sobre o ensino da Libras na Educação Infantil. Sendo assim, ficam as perguntas: **Como ensinar Libras para crianças da Educação Infantil? Poderia o ensino através de músicas/cantigas infantis contribuir para o aprendizado da Libras na Educação Infantil?**

Para responder as questões propostas, temos como **Objetivo Geral** investigar estratégias da prática docente que possibilitem o ensino da Libras para todos os alunos através de cantigas infantis, buscando compreender a possibilidade desse ensino e seus desafios em uma escola de Educação Infantil da Rede pública municipal de São Gabriel da Palha – ES.

Como **Objetivos Específicos** o estudo pretende trabalhar Libras através das cantigas infantis na Educação Infantil, que possam ser eficazes para o ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais - Libras; Oportunizar o desenvolvimento da identidade do aluno com surdez através do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras; Destacar e embasar a importância da Língua Brasileira de Sinais – Libras, nas salas de aulas do ensino comum; Analisar a potencialidade de aprendizagem das crianças na Educação Infantil em aprender, de forma lúdica, uma segunda língua.

A Libras é a língua natural da pessoa com surdez que ocorre na modalidade visual-espacial, permitindo uma comunicação efetiva entre e com o surdo, representando valores culturais, sociais e científicos dessa comunidade (Quadros e Schmiedt, 2006). Assim, não somente a Língua de Sinais deve ser inserida na educação de pessoas com surdez, mas também a cultura e o repensar das práticas nas escolas

inclusivas efetivando uma escola para todos que respeita e acolhe as diferenças. Destacando que de acordo com a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, embora se trate de uma língua que representa uma minoria linguística em uma modalidade diferente da Língua Portuguesa, a Libras é reconhecida como língua pelo fato de possuir todos os níveis próprios das línguas orais auditivas.

Sendo assim, pode-se pensar na sua introdução na Educação Infantil através do brincar, relacionando-a com a aprendizagem, pois brincar é aprender. Na brincadeira, reside a base daquilo que, mais tarde, permitirá à criança aprendizagens mais elaboradas utilizando a ludicidade, como as cantigas infantis facilitando a aquisição dessa segunda língua que aprenderão brincando. Segundo Vigotski (1998, p. 137) “a essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual, ou seja, entre situações no pensamento e situações reais”. Essas relações permearão toda a atividade lúdica da criança. Será também um importante indicador do desenvolvimento, influenciando sua forma de encarar o mundo e suas ações futuras. O lúdico torna-se, assim, uma proposta educacional para o enfrentamento das dificuldades no processo de ensino-aprendizagem.

Essas ações permitem ampliar os olhares e compreender que a Língua de Sinais no contexto escolar pode significar para crianças ouvintes oportunidades ímpares de aquisição de novos saberes, de valores imprescindíveis para a formação da sua identidade enquanto cidadãos.

E para as crianças com surdez, essas vivências podem representar a garantia de que o processo de ensino-aprendizagem transcorrerá de modo a lhes proporcionar aprendizagens significativas resultantes de ricas experiências com participação individual ou coletiva, constituindo-se enquanto elementos essenciais para o seu desenvolvimento pleno e, conseqüentemente, para a sua inclusão nos diversos espaços sociais. Como destaca Vigotski (1993), a linguagem é a base do pensamento e é por meio dela que surgem todas as manifestações sociais. Portanto, quanto maior o canal de comunicação e compreensão entre os sujeitos, maior serão as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento.

Para embasar esse estudo, buscamos as contribuições trazidas pela perspectiva Histórico-Cultural, aqui representada por Vigotski (1998, 2022), na medida em que dialoga com os objetivos elencados para o estudo. Os estudos de Vigotski foram o suporte para se pensar na importância da utilização dos caminhos alternativos para a compensação sociopsicológica da deficiência (Vigotski, 2022). Destacamos o conceito de mediação (Vigotski, 1998), pois segundo o autor, todo aprendizado é mediado, e isso torna o papel do ensino e do professor mais ativo, pois ele atua como mediador entre o aluno, os conhecimentos que este possui e o mundo.

Nesse viés, destaca-se a importância do professor que deve promover oportunidades práticas que sejam apropriadas à criança com interesses diferentes e a escola tem esse papel fundamental de mediar esses conhecimentos, aproximando o sujeito dessa segunda língua oficial, como trata Vigotski (1989, 1998) em dois de seus vários conceitos: *nível de desenvolvimento real ou atual e zona de desenvolvimento proximal ou imediato*. O primeiro constitui-se nos conhecimentos que a criança já possui e o que ela consegue realizar sozinha. O segundo são os conhecimentos que a criança terá capacidade de se apropriar por meio das mediações culturais ao longo de sua vida, isto é, o intervalo entre o que é capaz de realizar sozinha e o que será capaz de fazer com a mediação do outro mais experiente. Conforme as palavras de Vigotski (1989), a Zona de Desenvolvimento Proximal,

[...] define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente (Vigotski, 1989, p. 97).

Pode-se então, estabelecer uma oportunidade de ensinar para as crianças essa capacidade de comunicação, também em Língua de Sinais, que será de grande contribuição para uma sociedade mais acolhedora na comunicação e inclusiva, pois sabe-se que a falta de informação sobre essa segunda língua oficial do Brasil é de grande proporção e, como já destacamos, a linguagem é a base do pensamento, fazendo emergir diversas possibilidades de comunicação e interação.

Para Vigotski (2000, p.24), “através dos outros constituímos-nos”, é por meio das relações de ensino, da interação de alunos e professores que a criança se apropria dos significados do que foi socialmente construído, elabora conhecimentos sobre os objetos e sobre si mesma, percebendo, assim, a realidade na qual está inserida. Ainda segundo Vigotski (2000), o indivíduo nasce com funções elementares e na medida em que as trocas, as interações, o contato com o mundo e com outras culturas acontecem, o cognitivo vai sendo elaborado e assim vai constituindo-se.

De acordo com Vigotski (2000a),

Todas as funções superiores constituíram-se na filogênese, não biologicamente, mas socialmente. /.../ Sua composição, gênese, função (maneira de agir) – em uma palavra, sua natureza – são sociais. Mesmo sendo, na personalidade, transformadas em processos psicológicos –, elas permanecem ‘quase’- sociais. O individual, o pessoal – não é ‘contra’, mas uma forma superior de sociabilidade (Vigotski, 2000a, p. 26-27).

As funções superiores surgem então das relações entre os indivíduos. Quando se fala em introduzir a Libras na Educação Infantil, pensa-se nas transformações das funções elementares em funções psicológicas superiores, numa perspectiva inclusiva de valorização da diversidade linguística, no respeito ao outro, na formação do ser humano. Nesse sentido o papel do professor é fundamental para mediar essas transformações, para Vigotski (2001),

O curso do desenvolvimento do conceito científico nas ciências sociais transcorre sob as condições de colaboração educacional, que constitui uma forma original de colaboração sistemática entre o pedagogo e a criança, colaboração essa em cujo processo ocorre o amadurecimento das funções psicológicas superiores da criança com o auxílio e a participação do adulto (Vigotski, 2001, p.244).

A pesquisa apoia-se também nos estudos de Ronice Muller de Quadros (1997) que traz contribuições na área da surdez. Segundo a autora,

Se a língua de sinais é uma língua natural adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais. A proposta bilíngue busca captar esse direito [...]. A língua portuguesa não será a língua que acionará naturalmente o dispositivo devido à falta de audição da criança.

Essa criança até poderá adquirir essa língua, mas nunca de forma natural e espontânea, como ocorre com a LIBRAS (Quadros, 1997, p.27).

Por meio da Lei nº 10.436/2002, a Libras deve ser valorizada nas escolas como a primeira língua do surdo (L1), tendo esse aluno o direito de receber toda instrução por meio dessa língua, sem desmerecer o que preconiza o artigo 4º, parágrafo único, desta mesma lei em que preconiza que o uso da Libras não substitui a modalidade escrita da língua portuguesa (L2). O surdo necessita se desenvolver nas duas línguas concomitantemente no espaço escolar, passando a vigorar nas escolas o modelo bilíngue de educação para pessoas com surdez.

Por isso a importância de ensinar Libras desde a educação infantil. Para o aluno surdo é de suma importância, segundo Quadros (1997, p. 119),

A voz dos surdos são as mãos e os corpos que pensam, sonham e expressam. As línguas de sinais envolvem movimentos que podem parecer sem sentido para muitos, mas que significam a possibilidade de organizar as ideias, estruturar o pensamento e manifestar o significado da vida para os surdos. Pensar sobre a surdez requer penetrar no “mundo dos surdos” e “ouvir” as mãos que, com alguns movimentos, nos dizem o que fazer para tornar possível o contato entre os mundos envolvidos, requer conhecer a “língua de sinais”, permita-se “ouvir” essas mãos, pois somente assim será possível mostra aos surdos como eles podem “ouvir” o silêncio da palavra escrita (Quadros, 1997, p. 119).

Através do ensino da Libras na Educação Infantil é possível assegurar o direito e reconhecimento da língua no conceito de bilinguismo respeitando que a Língua de Sinais é a língua natural dos surdos.

A criança surda, deve então ter o acesso a sua língua natural, sendo sua primeira língua (L1) o mais cedo possível, sabendo que a língua portuguesa será sua segunda Língua (L2), na modalidade escrita e não será sua língua natural. Segundo Quadros (1997) há duas propostas bilíngues de ensino para a L2, sendo elas:

Uma delas envolve o ensino da segunda língua quase de forma concomitante à aquisição da primeira língua e a outra caracteriza-se pelo ensino da segunda língua somente após a aquisição da primeira. (Quadros, 1997, p. 30-31).

Portanto, essa pesquisa pretende investigar estratégias da prática docente que

possibilitem o ensino da Libras para todos os alunos através de cantigas, buscando compreender a possibilidade desse ensino e seus desafios em uma escola de Educação Infantil da rede pública municipal de São Gabriel da Palha –ES.

Essa etapa de escolaridade é a base da educação sendo a primeira etapa da Educação Básica, de acordo com a LDB 9394/96 art. 29, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (Brasil, 1996).

Pretende-se para o ensino da Libras na Educação Infantil utilizar-se da ludicidade que a música proporciona. Nesse contexto, a pesquisa foi realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil em uma turma de Pré I (crianças de 04 anos) com 18 crianças matriculadas pertencente ao município de São Gabriel da Palha - ES, partindo da realidade local e da necessidade que os próprios envolvidos no processo de escolarização de crianças da Educação Infantil destacaram como relevantes, tendo em vista o direito de aprender que é de todos e o respeito à diferença.

1.3 Tecendo diálogos com estudos desenvolvidos na área da pesquisa

Considerando a importância de se compreender o processo de ensino-aprendizagem para pessoas surdas, realizamos uma pesquisa com estudos científicos no período entre 2018 a 2022, com objetivo de conhecer pesquisas desenvolvidas na área do estudo proposto, analisar os processos de ensino-aprendizagem e práticas pedagógicas no ensino da Libras desenvolvidos por diversos estudiosos da área da Educação.

Para a realização da investigação, escolhemos como fontes, as Dissertações de Mestrado pertencentes ao banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Biblioteca da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Dentre os estudos pesquisados, selecionamos os que mais se aproximam desta Dissertação, elencando para essa pesquisa os descritores: “Libras e Educação

Infantil”. Sendo assim, após as escolhas dos estudos, realizou-se um recorte, optamos por escolher 12 amostras de trabalhos aproximados à pesquisa, que seguem descritos abaixo.

Investigando a temática sobre o ensino da Libras à pessoa com surdez trazemos os estudos de Perales (2018)² que buscou compreender o processo de planejamento do professor de História atuante em uma turma regular com a presença de aluno surdo e analisar se os materiais didáticos utilizados ou produzidos pelo professor atendem às necessidades do aluno surdo inserido em turma de alunos ouvintes. A autora enfatiza a necessidade em repensar na produção da prática profissional da docência diante do desafio de ensinar a pessoa surda. As escolas devem repensar seus projetos educacionais diante do surdo que utiliza a Libras, estimulando o ensino da língua portuguesa como segunda língua desde a Educação Infantil. O estudo traz mudanças na conscientização da professora pesquisada sobre as necessidades específicas do aluno surdo e proporcionou mudanças atitudinais que se refletiram na sua prática.

Nesse viés, Bueno (2019)³, investiga a prática pedagógica de professores que ensinam matemática para alunos com surdez no Ensino Médio. Os resultados dessa pesquisa indicaram que o desenvolvimento da prática pedagógica dos professores dos alunos com surdez não possibilitou a sua criticidade e a sua integração na prática social. A autora destaca, ainda, que os professores, por vezes, transferem a responsabilidade do ensino para o intérprete profissional de Libras. O estudo sinaliza a importância do desenvolvimento de uma prática docente bilíngue no ensino de matemática para alunos com surdez, reconhecendo que o professor é o mediador do conhecimento matemático e o principal responsável pelo ensino.

² PERALES, H. L. **Práticas Pedagógicas Do Professor De História De Ensino Médio Em Turma Regular Com A Presença De Aluno Surdo**. Dissertação (Mestrado Em Educação). Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte. Natal, 2018.

³ BUENO, R. R. **Prática Pedagógica De Professores Que Ensinam Matemática Para Alunos Surdos**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal De Mato Grosso. Mato Grosso, 2019.

Em seus estudos, Asen (2020)⁴ centra-se no conhecimento da aprendizagem da língua gestual por crianças surdas desde os primeiros anos de vida até a aquisição da língua portuguesa escrita nos primeiros anos do ensino básico. Histórias faladas por familiares posteriormente exibiram que as crianças surdas só têm acesso à língua de sinais se frequentar a escola. Nesse espaço, os professores seguem um currículo escolar homogêneo e desenvolvem a prática escolar de forma independente, sem consultar intérpretes ou professores de língua brasileira de sinais para atendimento educacional especial. O texto destaca os problemas enfrentados por famílias e professores devido à falta de conhecimento especializado da comunicação e da língua de sinais para crianças surdas.

Damasceno (2020)⁵ traz um estudo retratando a realidade do processo educativo da criança surda no Brasil. A autora constatou através dos estudos, que novas perspectivas surgem quanto ao ensino da criança surda, quando professores procuram metodologias e técnicas para atingir os objetivos de ensinar. A autora conclui que no processo educativo, as pesquisas ainda estão muito voltadas ao ensino da Língua de Sinais apenas, evidencia a importância do ensino da Libras, mas que ainda se está muito distante de trazer a realidade de sala no uso de metodologias e técnicas de ensino de qualidade para a criança surda.

Nessa perspectiva, Dias (2020)⁶ trouxe uma investigação do processo de escolarização de um aluno surdo, com aquisição tardia da língua Brasileira de Sinais descobrindo caminhos indiretos no ensino da Biologia. O resultado do trabalho mostra que os caminhos indiretos/alternativos se revelaram como um instrumento potencializador no ensino-aprendizagem da pessoa surda. A autora enfatiza a

⁴ ASEN, T. D. **A aprendizagem da língua de sinais por crianças surdas:** dos primeiros anos de vida à aquisição do português escrito. 2020. 119 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Comunitária Da Região De Chapecó. São Paulo, 2020.

⁵ DAMASCENO, H. Q. S. **O Silêncio E Ouvir Das Crianças Surdas.** 2020. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Do Estado Do Pará. Pará, 2020.

⁶ DIAS, J. C. B. **O Aluno Surdo Em Processo De Aquisição De Linguagem:** Trilhando Caminhos Indiretos No Ensino Da Biologia. Dissertação (Mestrado em Ensino da Educação Básica). Universidade Federal do Espírito Santo, 2020.

urgência à adesão às atuais políticas de educação de surdos para que as comunidades escolares comecem a ver os surdos através da diferença e não do viés da deficiência, contribuindo para a construção de comunidades surdas ricas em linguagem nos municípios envolvidos.

Os autores Perales (2018), Bueno (2019), Asen (2020), Damasceno (2020) e Dias (2020), dialogam entre si em suas temáticas sobre o ensino da Libras à pessoa com surdez retratando em seus estudos sobre a importância de um fazer pedagógico diferenciado ao atendimento à criança surda. Ressaltam também sobre a importância e a necessidade em repensar a prática profissional buscando caminhos que levem a pessoa surda um ensino capaz de potencializar a aprendizagem. Esses trabalhos assemelham-se e contribuem para essa pesquisa, pois trazem indícios de práticas pedagógicas no Ensino da Libras destacando a importância do professor como mediador dessas práticas, enfatizando mudanças de atitude e buscando caminhos alternativos para o Ensino da Libras.

Continuando com os levantamentos e trazendo a abordagem sobre o bilinguismo destacamos alguns autores relevantes sobre a temática. Olmo (2018)⁷ buscou identificar e analisar como se constituíram práticas bilíngues na educação de surdos no contexto das políticas de Atendimento Educacional Especializado no município de Linhares no Estado do Espírito Santo. A autora acredita que a educação para surdos acontece nos espaços, encontros-formação. Ainda levanta questionamentos sobre sua atuação na educação bilíngue que desenvolve e ressalta que, durante toda a sua pesquisa, foi se desconstruindo a respeito da educação bilíngue na qual acreditava. Chegou à conclusão de que a educação bilíngue são experiências únicas, uma vez que essas vivências se transformam conforme mudam os lugares e os sujeitos.

Uri (2019)⁸ traz como objetivo central de sua pesquisa compreender e analisar o

⁷ OLMO, K. G. B. **Educação Bilíngue Em Diário: Políticas E Práticas Constituídas Na Educação Dos Surdos No Município De Linhares No Estado Do Espírito Santo.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Do Espírito Santo. Espírito Santo, 2018.

⁸ URI, J. M. P. **O Bilinguismo no Desenvolvimento Infantil: Contribuições De Estudos e Pesquisas em uma perspectiva Histórico-Cultural.** 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual De Campinas. São Paulo, 2019.

impacto do bilinguismo no desenvolvimento infantil fundamentada em uma perspectiva histórico-cultural. A autora concluiu que a teoria histórico-cultural tem um significado muito maior para o campo do bilinguismo, pois trata de temas da área que consideram o desenvolvimento integral da criança, incluindo todos os seus aspectos constitutivos.

Nesse viés, Silveira (2020) buscou investigar a contribuição do bilinguismo na formação da identidade de alunos surdos. Destaca a importância da educação bilíngue para surdos, em que a língua de sinais e o português são componentes ativos da integração do aluno ao mundo letrado. Concluiu-se que a inserção do surdo em uma escola bilíngue tem forte influência na constituição da identidade do estudante surdo, pois subsidia o sujeito quanto aos seus direitos e deveres, auxilia no apoio à luta de classes, proporciona o uso da linguagem visual, contribui para a autonomia do surdo, uma vez que as informações veiculadas nesse contexto estão relacionadas à sua primeira língua e oferecem exposição à cultura visual.

Os estudos de Olmo (2018), Uri (2019) e Silveira (2020) dialogam sobre a importância do bilinguismo para o desenvolvimento da pessoa surda. Dessa forma, vem a contribuir para a referida pesquisa uma vez que o ensino da Libras deve ser concomitante às práticas pedagógicas já existentes no contexto escolar.

No sentido de aprofundar a pesquisa, na perspectiva sobre a inclusão e a interação da pessoa com surdez nos espaços escolares, trazemos os estudos de Kikuichi (2018)⁹ que levanta questionamentos sobre quais as intercorrências causadas pela inclusão de um estudante surdo na escola regular e diferentes percepções e emoções são criadas pelos participantes que estão diretamente envolvidos no processo. O autor enfatiza a importância de se refletir sobre os desafios e as oportunidades de inclusão dos alunos com surdez nos ambientes escolares tomando como ponto de partida as percepções de quem efetivamente participa do processo e não simplesmente pelas imposições da legislação educacional.

⁹ KIKUICHI, V. Z. F. **Compondo Sentidos Sobre A Inclusão Do Aluno Surdo: As Percepções Dos Sujeitos Envolvidos No Processo**. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, 2018.

Destacamos também os estudos de Alves (2019)¹⁰ que buscou analisar a produção de conhecimento de crianças surdas em diferentes contextos inclusivos por meio de suas interações. Os estudos sugerem uma divergência entre os pressupostos legais da educação inclusiva e a realidade vivenciada pelas crianças surdas na escola regular. As interações em salas de educação infantil que continham apenas uma criança, observou-se o seu isolamento social e prejuízo em suas experiências de aprendizagem. Destaca ainda que nos casos em que havia mais de uma criança surda matriculada, ocorria interação no grupo, possibilitando experiências significativas de aprendizagem. Ressalta a importância da presença do professor bilíngue – tanto ouvinte, quanto surdo como fundamental para que aconteçam as aprendizagens. A autora conclui que não basta matricular, é preciso garantir os grupos de pares surdos, para que haja efetivo processo de interação e aprendizagem, bem como a construção da identidade e subjetividade.

Nessa mesma perspectiva sobre a inclusão e interação da criança surda, Cigognin (2021)¹¹ investiga como ocorrem as interações entre crianças surdas e pessoas ouvintes em escolas regulares. A autora destaca que uso de diferentes recursos/estratégias de comunicação foram essenciais para a compreensão dos alunos participantes do estudo, como troca de olhar e observação, proximidade e toque emocional, gestos/notas indicativas, linguagem corporal e expressões, bem como mimetismo de construção de relacionamento e seleção de pares. Constatou também que quando esses recursos não eram utilizados, ou quando a interação entre a aluna surda e seu interlocutor ouvinte era apenas por meio da linguagem falada, ocorriam dificuldades de comunicação nessa relação. A autora destaca ações fundamentais para melhorar a qualidade da interação, como: condições linguísticas favoráveis, implementações de políticas de inclusão, a acessibilidade de comunicação e práticas pedagógicas correspondentes ao modo de vida e existência dos surdos no mundo. A autora compreende, por meio de sua pesquisa, que "estar junto" não pode

¹⁰ ALVES, R. D. **Interações Da Criança Pequena Na Educação Inclusiva: Contribuições Para A Educação De Surdos**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual De Campinas. São Paulo, 2019.

¹¹ CIGOGNINI, F. L. **A Interação Da Criança Surda No Contexto Da Educação Infantil: Um Estudo De Caso Na Perspectiva Da Educação Inclusiva**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação). Fundação Universidade De Passo Fundo, Rio Grande do Sul, 2021.

ser encarado como justificativa para apoiar a política de educação inclusiva, especialmente no que concerne aos alunos surdos incluídos em classes de ouvintes. Na maioria das vezes, esses alunos não possuem uma língua estruturada para se comunicar com fluência, tampouco contam com colegas surdos para compartilhar suas experiências cotidianas. Isso evidencia a prática da inclusão com base nos princípios da normalização e correção de base.

As pesquisas de Kikuichi (2018), Alves (2019) e Cigognini (2021), nos direcionam a pensar sobre a inclusão dos alunos surdos no contexto educativo e os desafios que são enfrentados num ambiente oralizado. Nesse sentido, esses estudos dialogam com esta pesquisa pois demonstram uma preocupação com a inserção do aluno surdo em salas de aulas do ensino comum nas quais a sua grande maioria é de ouvintes, defendendo um ambiente onde haja interação, construção de identidade e subjetividade, não apenas por dizer que o surdo está incluído, mas defendendo uma inclusão que de fato aconteça.

No que tange à legislação que garante a educação bilíngue, destacamos os estudos de Fernandes (2019)¹² que descreve e analisa como os documentos oficiais norteadores das políticas públicas voltadas aos surdos na esfera da Educação Básica no século XXI - especificamente de 2002 a 2018 - apresentam a surdez, como delineiam e criam modelos e práticas para alunos com surdez. Este levantamento é fundamental para a compreensão das políticas educacionais voltadas para as minorias linguísticas no Brasil.

Como resultado, observou-se que a comunidade surda conquistou leis e portarias que garantiam a educação bilíngue. No entanto, não há consenso sobre bilinguismo ou educação bilíngue, o que resulta em políticas e práticas de ensino que não levam em conta os desejos dos surdos como uma minoria linguística. A autora acima citada, utiliza-se de leis e portarias que garantem a educação bilíngue, mas esclarece que não há consenso sobre o bilinguismo entre as referidas leis e portarias. Esse estudo fortalece a referida pesquisa no sentido da busca em investigar quais práticas sejam

¹² FERNANDES, E. A. P. **Políticas Públicas Da Educação De Surdos No Século XXI: Análise De Documentos Federais, Estaduais E Municipais.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual De Campinas. São Paulo, 2019.

bilíngues, buscando desenvolver ensinamentos diferenciados, trazendo práticas aplicáveis no desenvolvimento da Libras com a Língua Portuguesa, levando em conta as necessidades das pessoas surdas.

Sendo assim, o levantamento desses estudos, demonstram que o ensino da Libras é amplo e abrangente, e em muitos casos ainda, não é bem definido, reafirmando e demonstrando a continuidade de buscas aprofundadas ao tema em diversos aspectos das práticas pedagógicas no contexto escolar. Nesse contexto, a presente pesquisa pretende ser de grande pertinência social, pois tem a intencionalidade de investigar práticas que possibilitem o ensino e a aprendizagem de uma segunda língua concomitante às práticas pedagógicas na Educação Infantil, introduzindo-a de forma lúdica através de cantigas para todos os alunos.

A compreensão sobre o ensino da Libras e sua importância para a comunicação com as pessoas surdas pode acontecer de forma natural além da formação humana no trato pelo respeito à diversidade linguística e pluralidade existente na sociedade, podendo ser uma forma de difusão dessa língua que, ainda hoje, é desconhecida pela maioria, até mesmo nas escolas, onde é direito das pessoas surdas.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é denominada como uma pesquisa qualitativa fundamentada na pesquisa participante. A pesquisa qualitativa contribui com a análise do objeto de estudo de forma minuciosa. Chizzotti (2011, p. 28) assegura que esse tipo de pesquisa “[...] implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”.

Segundo Grossi (1981), a

Pesquisa participante é um processo de pesquisa no qual a comunidade participa na análise de sua própria realidade, com vistas a promover uma transformação social em benefício dos participantes que são oprimidos. Portanto, é uma atividade de pesquisa, educacional orientada para a ação (Grossi, 1981, p.19).

Nesse caso, a pesquisadora estará diretamente envolvida por ser professora efetiva da Rede Municipal de Ensino de São Gabriel da Palha - ES. De acordo com Gil (1991), a pesquisa participante, assim como a pesquisa ação, caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. Assim, poderá ser um potencializador do estudo por estar envolvida com todos os sentidos da pesquisa, tanto na educação infantil como pertencente à comunidade surda.

Trata-se de uma pesquisa participante voltada para a observação e análise de novas práticas do fazer pedagógico com foco nas interações sociais e nas relações de ensino que ali se manifestam. Esta opção metodológica comunga com os pressupostos teóricos propostos por Vigotski (1993, 1998) segundo os quais, o desenvolvimento humano deve ser compreendido de modo materialista, histórico e dialético, buscando nas experiências concretas de existência, as especificidades de formação humana. Consideramos que a adoção de uma determinada perspectiva teórica implica necessariamente em maneiras específicas de se observar, compreender, analisar e explicar os processos em estudo.

A importância da pesquisa participante está no fato de as pessoas estudadas serem “pessoas” e não “sujeitos de pesquisa”, no sentido passivo de fornecedores de

dados, mas participantes de conhecimento, que com suas experiências e vivências trarão pistas da realidade local, sendo possível fortalecer o estudo e contribuir para a transformação da realidade da inclusão de alunos surdos no município de São Gabriel da Palha - ES.

A pesquisa também se configura como um estudo de caso. A opção pelo estudo de caso gira em torno da possibilidade de aproximação e composição de diálogos com a realidade sem mascará-lo, pois, segundo André (2013, p. 97),

[...] no contexto das abordagens qualitativas, o estudo de caso ressurge na pesquisa educacional com um sentido mais abrangente: o de focalizar um fenômeno particular, levando em conta seu contexto e suas múltiplas dimensões. Valoriza-se o aspecto unitário, mas ressalta-se a necessidade da análise situada e em profundidade. [...]. Assim, o mundo do sujeito, os significados que atribui às suas experiências cotidianas, sua linguagem, suas produções culturais e suas formas de interações sociais constituem os núcleos centrais de preocupação dos pesquisadores. Se a visão de realidade é construída pelos sujeitos, nas interações sociais vivenciadas em seu ambiente de trabalho, de lazer, na família, torna-se fundamental uma aproximação do pesquisador a essas situações.

A pesquisa foi realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil com crianças de 4 anos. Como participantes da pesquisa temos uma criança com surdez e 18 alunos ouvintes matriculados na sala de aula investigada. Também participa da pesquisa a professora da sala de aula. Justifica-se a escolha da pesquisa ser realizada com crianças na faixa etária de 04 anos devido a pesquisadora ser profissional da área e sua pesquisa ter como foco o Ensino da Libras na Educação Infantil. A escolha da turma deu-se por haver uma criança com surdez matriculada, na qual foram observados os processos de aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais e a relação entre os envolvidos durante todo o processo da intervenção proposta na pesquisa.

Como parte do processo da pesquisa participante, a pesquisadora além de observar as práticas pedagógicas, também trabalha junto com a professora em processos de intervenção que auxiliem no ensino da Libras – Língua Brasileira de Sinais – nos momentos de cantigas infantis.

Os procedimentos utilizados para a obtenção dos dados se deram em três momentos. O primeiro momento através da observação participante das práticas educativas e das relações de ensino realizadas na sala de aula com anotações das

observações em diário de bordo. Segundo Porlán & Martín (1997, p.19-20) o diário de bordo é "um guia de reflexão sobre a prática, favorecendo a tomada de consciência do professor sobre seu processo de evolução e sobre seus modelos de referência".

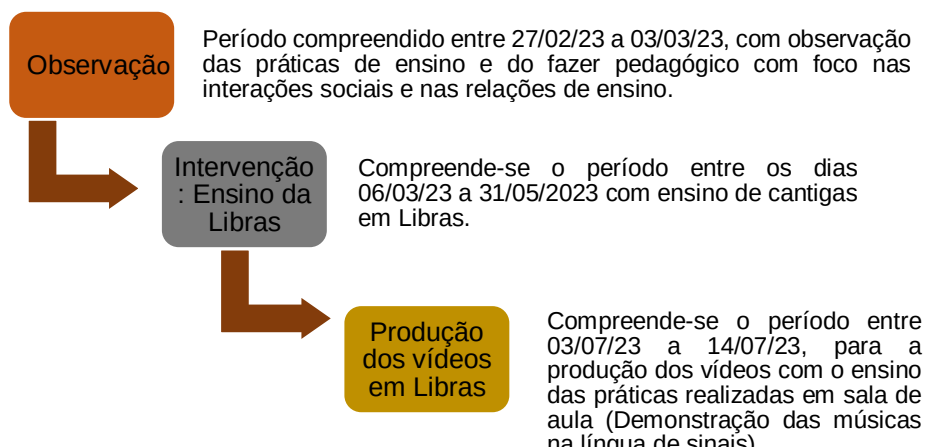
O segundo momento foi a intervenção com o ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras, com filmagens dos momentos desse ensino, sendo que as gravações de vídeos e fotos foram utilizadas somente para registro e análise dos dados, sem veiculação das imagens das crianças na escrita da pesquisa. Essas filmagens foram realizadas com o posicionamento da câmera em um balcão atrás das crianças, de forma que a gravação enquadrava toda a sala e fossem filmadas as crianças pelas suas costas. Não foi observado mudança de comportamento devido a essas gravações, uma vez que a câmera foi posta discretamente, longe dos olhares e percepções das crianças. Vez ou outra, quando uma criança se aproximava do local onde a câmera estava posicionada e observava que estava sendo gravada, apenas se olhava na filmagem, fazia caretas, mas não se notou mudança de comportamento em relação ao ato de estarem sendo filmadas.

Num terceiro momento da pesquisa, sem a presença das crianças, foram gravados vídeos com as músicas trabalhadas em sala de aula para demonstrar os sinais em Libras utilizados e sua técnica. Os vídeos foram disponibilizados através de leitor de QR Code no texto da pesquisa, além da disponibilização do link do you tube¹³.

A pesquisa ocorreu entre fevereiro a julho de 2023, compreendendo 26 momentos entre observação e intervenção na sala de aula: 4 momentos de observação e 22 momentos com intervenção do ensino da Libras. Os momentos da produção dos vídeos foram de 12 dias, distribuídos em preparação do ambiente, filmagens, edições e publicação no canal do You Tube podendo ser usados para cunho pedagógico posteriormente.

¹³ O QR Code e o link dos vídeos produzidos estão disponibilizados no capítulo 6.

Gráfico 1- Descrição geral da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

O início da pesquisa se deu com a organização dos documentos para envio ao CEP – Comitê de Ética e Pesquisa do CEUNES. O projeto foi aprovado, em segunda versão, sob o nº CAAE 61899722.9.0000.5063, podendo assim dar continuidade ao processo da pesquisa. Em seguida, foi realizada visita à escola para contato com os participantes da pesquisa com apresentação dos termos: Registro de Assentimento Livre Esclarecido para menores de 18 anos, Registro de Consentimento Livre Esclarecido para Professores e Registro de Consentimento Livre Esclarecido para Responsáveis Legais. Realizou-se uma reunião com as crianças e seus responsáveis, bem como com a professora para o convite à pesquisa. Realizou-se a leitura dos termos para os responsáveis legais e para a professora, sendo entregue duas vias do documento, uma para assinatura ficando com a pesquisadora e outra para o assinante do termo.

Ficou esclarecido para os responsáveis legais que, em se tratando que o estudante é menor de idade e não tem conhecimento da leitura e da escrita do próprio nome, o Registro de Assentimento Livre e Esclarecido ocorreu por meio da gravação de vídeo em Língua Portuguesa para estudantes ouvintes e em Libras para a estudante surda, mesmo que a criança tenha pouco contato com a língua. Esse procedimento foi necessário para garantir a apresentação na íntegra do documento, bem como algumas explicações caso necessárias, principalmente a natureza da pesquisa,

justificativa, objetivos, métodos, potenciais benefícios e riscos. Dessa forma, ao final, o estudante poderá responder se gostaria de participar ou não. Esta apresentação então foi realizada com a presença do responsável pelo estudante. A gravação do aceite foi transcrita para o papel e posteriormente entregue ao estudante e ao responsável devidamente assinada pela pesquisadora.

QUADRO 1 – Participantes da Pesquisa

PARTICIPANTES DA PESQUISA	NOMES FICTÍCIOS
Professora Regente	Valquíria
Aluna com surdez	Sara
Alunos ouvintes	
1	Amanda
2	Aline
3	Alice
4	Ádria
5	Benício
6	Bruno
7	Carlos
8	Helena
9	Jackson
10	José
11	Kaio
12	Kevin
13	Lucas
14	Marta
15	Mila
16	Paulo
17	Samara
18	Yasmin

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Após todos os envolvidos na pesquisa estarem cientes e esclarecidos bem como assinado os termos, iniciou-se a observação das práticas pedagógicas e das relações de ensino realizadas em sala de aula.

O município de São Gabriel da Palha conta com 6 Centros Municipais de Educação Infantil – CMEIs e 11 escolas com anos iniciais e finais do ensino fundamental, totalizando um atendimento de 3.719 alunos matriculados na rede. Desses alunos, 196 são públicos da Educação Especial, sendo assim distribuídos:

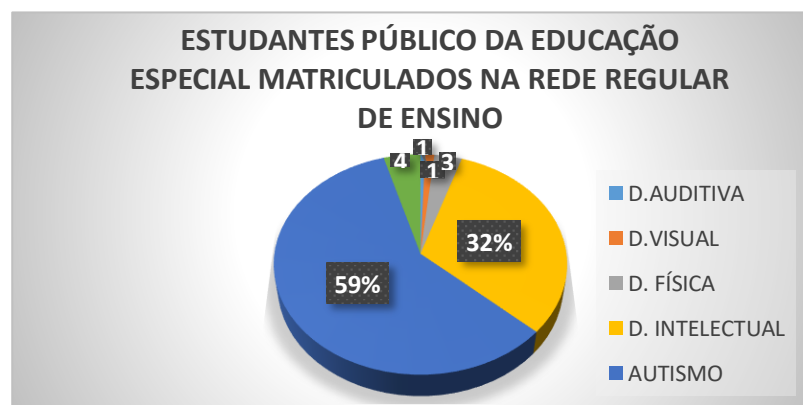
QUADRO 2 – Quantitativo de alunos Público da Educação Especial no Município de São Gabriel da Palha

Deficiência Auditiva (surdez)	01
Deficiência Visual (Baixa visão)	02
Deficiência Física	06
Deficiência Intelectual	59
Autismo	120
Deficiências Múltiplas	08

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de São Gabriel da Palha – ES, (2023).

Segue o gráfico em porcentagem referente aos alunos matriculados público da Educação Especial no município de São Gabriel da Palha.

Gráfico 2- Estudantes público da Educação Especial matriculados na rede municipal de ensino de São Gabriel da Palha.



Fonte: Secretaria Municipal de Educação de São Gabriel da Palha – ES, 2023.

O Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI, lócus da pesquisa, criado em 2020, está localizado na periferia da cidade de São Gabriel da Palha - ES. O prédio é bem estruturado atendendo as especificidades dessa etapa de ensino, bem arejado e de fácil acesso e de mobilização. Atualmente, atende 247 crianças, com idade entre 0 a 5 anos de idade. Dentre o total de crianças, 11 são públicos da Educação Especial: sendo 1 com surdez, 2 com deficiência intelectual, 7 com transtorno do espectro autista e 1 com múltiplas deficiências.

A sala de aula pesquisada possui 19 alunos matriculados, entre eles 3 alunos público da Educação Especial, sendo: 1 criança com transtorno do espectro autista, 1 criança com múltiplas deficiências¹⁴ e 1 com surdez. São atendidos com professores da Educação Especial apenas os alunos com autismo e a aluna com múltiplas deficiências.

De acordo com o levantamento do quantitativo de crianças que são públicos da Educação Especial, nota-se que em toda a Rede Municipal de Educação há apenas 1 criança com surdez, não sendo possível agregá-la com outros pares linguísticos, usuários da Libras. Além disso, o município não conta com escolas e nem classes bilíngues, modalidade de ensino ideal para crianças com surdez. Por esse motivo, não houve oferta à criança desse ensino bilíngue, uma vez também que a família não teve interesse em que a criança tivesse contato com a Libras dispensando o professor surdo para o ensino da língua de sinais, tendo de ser inserida em sala de aula do ensino comum, o que não é adequado para a aluna.

A criança com surdez não possui nenhum atendimento com profissionais na área especializada a pedido da mãe, como citado acima, porém tem atendimento com um cuidador. É importante destacar que Sara, criança com surdez, é faltosa e passou pela cirurgia de implante coclear urante a pesquisa. Vale ressaltar também, que o município de São Gabriel da Palha não possui os cargos de profissionais para atendimento na área da deficiência auditiva, como intérprete de Libras, Instrutor e professor de Apoio. No entanto, no cargo de professores efetivos do município há um

¹⁴ Múltiplas Deficiências: a agrupação de duas ou mais deficiências associadas, de natureza física, sensorial, mental, emocional ou comportamental.

professor surdo que trabalha na Educação Especial que faz atendimentos variados a todo tipo de deficiência, inclusive quando há aluno com surdez matriculado.

A sala de aula pesquisada conta com uma professora Regente de Classe, que trabalha conteúdos relacionados à Base Nacional Comum Curricular – BNCC, uma professora de Múltiplas Experiências¹⁵, uma vez na semana, 3 cuidadoras que ficam todo o tempo com os alunos público da Educação Especial, e em alguns dias, tem presente também a professora de Atendimento Educacional Especializado – AEE, que faz a Atuação Colaborativa¹⁶ juntamente com o aluno com transtorno do espectro autista e a aluna com múltiplas deficiências.

Há muitas profissionais atuando no mesmo espaço, mesmo sendo uma sala espaçosa, em alguns momentos, tumultuam a rotina escolar com conversas entre as profissionais desconcentrando a professora regente e por muitas vezes desviando a atenção dela.

O ensino da Língua Brasileira de Sinais se deu nos momentos das cantigas infantis, momentos esses já incorporados na rotina escolar. Foram 22 momentos de intervenção com ensino de três cantigas: História cantada, música de Bia Bedran “O jacaré foi passear lá na Lagoa”; Ensino de Libras através da cantiga “1, 2, 3 Indiozinhos”, autor desconhecido, Ensino de Libras através da cantiga “música do alfabeto” autor desconhecido.

¹⁵ O componente curricular de Múltiplas Experiências no município de São Gabriel da Palha, tem por objetivo promover por meio de aulas dinâmicas e significativas o desenvolvimento integral da criança na primeira infância proporcionando atividades de expressão corporal, musical, recreação e ludicidades, o desenvolvimento e o estímulo a coordenação motora, lateralidade, conhecimento de ritmo, cores, traços, sons, formas, identidade, autonomia, entre outros elementos essenciais na educação infantil. Objetiva-se que esses estímulos sejam realizados por meio do uso de material concreto e que explorem os direitos, objetivos de aprendizagem e os campos de experiências na educação infantil.

¹⁶ Acompanhamento do aluno público da Educação Especial realizado pelo professor de AEE na sala de aula de ensino comum.

Segue quadro com a descrição da pesquisa realizada em campo.

QUADRO 3 – Descrição detalhada da pesquisa

DIA DA PESQUISA	DESCRIÇÃO DA PESQUISA
27/02/2023	Observação das práticas pedagógicas e interações sociais.
28/02/2023	Observação das práticas pedagógicas e interações sociais.
02/03/2023	Observação das práticas pedagógicas e interações sociais.
03/03/2023	Observação das práticas pedagógicas e interações sociais.
06/03/2023	Intervenção com ensino da Libras: Apresentação da cantiga “O jacaré foi passear lá na lagoa” – Apresentação de recurso visual exposto na parede.
08/03/2023	Intervenção com ensino da Libras: Reforço da cantiga “O jacaré foi passear lá na lagoa” com socialização do sinal preferido pela criança.
09/03/2023	Intervenção com ensino da Libras: Revisão da cantiga “O jacaré foi passear lá na lagoa”.
10/03/2023	Intervenção com ensino da Libras: Revisão da cantiga “O jacaré foi passear lá na lagoa”.
13/03/2023	Intervenção com ensino da Libras: Revisão da cantiga “O jacaré foi passear lá na lagoa”.
14/03/2023	Intervenção com ensino da Libras: Apresentação da cantiga “Indiozinhos” – Apresentação de recurso visual exposto na parede.
15/03/2023	Intervenção com ensino da Libras: Cantigas “O jacaré foi passear lá na lagoa” e “Indiozinhos” com enfoque nos sinais da cantiga “Indiozinhos”.
20/03/2023	Intervenção com ensino da Libras: Revisão dos sinais da cantiga “Indiozinhos” e da cantiga “O jacaré foi passear lá na lagoa”.

22/03/2023	Intervenção com ensino da Libras: Introdução da cantiga “Alfabeto para crianças” - Apresentação de recurso visual exposto na parede.
23/03/2023	Intervenção com ensino da Libras: cantiga “alfabeto para crianças”. Revisão da cantiga e “Indiozinho”.
27/03/2023	Intervenção com ensino da Libras: Revisão da cantiga “Indiozinhos”.
31/03/2023	Intervenção com ensino da Libras: Revisão dos sinais das cantigas ensinadas a partir do uso da caixa surpresa inserido através da brincadeira “batata que passa” referente à música do alfabeto e indiozinho.
03/04/2023	Intervenção com ensino da Libras: Caixa surpresa para mostrar alguns sinais das letras do alfabeto.
10/04/2023	Intervenção com ensino da Libras: Revisão das cantigas “Alfabeto para crianças” e “O jacaré foi passear lá na lagoa”.
14/04/2023	Intervenção com ensino da Libras: Revisão dos sinais da música “O jacaré foi passear lá na lagoa” e revisão das letras do alfabeto a partir das letras dos nomes das crianças.
19/04/2023	Intervenção com ensino da Libras: Revisão das cantigas “alfabeto para crianças” e “Indiozinhos”.
24/04/2023	Intervenção com ensino da Libras: Atividade de verificação da aprendizagem da língua brasileira de sinais. Associação de imagem e sinais e desenho do sinal correspondente referente à música “O Jacaré foi passear lá na lagoa”.
04/05/2023	Intervenção com ensino da Libras: Revisão das cantigas “alfabeto para crianças”.
10/05/2023	Intervenção com ensino da Libras: Atividade de verificação da aprendizagem da língua brasileira de sinais. Associação de imagem e sinais e desenho do sinal correspondente referente à música “Indiozinhos”.
17/05/2023	Apresentação da Música “O jacaré foi passear lá na lagoa” interpretada em Libras pelas crianças para toda a escola.

22/05/2023	Intervenção com ensino da Libras individualmente com a criança surda: Uso da caixa surpresa com imagens e sinais da música ensinada na sala de aula “O Jacaré foi passear lá na lagoa”.
31/05/2023	Intervenção com ensino da Libras: Revisão da cantiga “alfabeto para crianças”; Atividade de verificação da aprendizagem da língua brasileira de sinais: Associação de sinais das letras do alfabeto em Libras com reprodução em Língua Portuguesa utilizando massinha de modelar.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Após a realização da pesquisa de campo, foi realizado o levantamento de dados buscando respostas às indagações levantadas nesta pesquisa a partir das relações existentes e das práticas realizadas em sala de aula e seguindo o pressuposto de Vigotski (1993, 1998) segundo os quais, o desenvolvimento humano deve ser compreendido de modo materialista, histórico e dialético, buscando nas experiências concretas de existência, as especificidades de formação humana. Consideramos que a adoção de uma determinada perspectiva teórica implica necessariamente em maneiras específicas de se observar, compreender, investigar e explicar os processos em estudo.

O terceiro momento da pesquisa vem evidenciando como o trabalho em sala de aula aconteceu com as crianças, quais sinais foram usados a partir da produção de vídeos das práticas utilizadas pela pesquisadora para o ensino da Libras. A produção ocorreu na residência da pesquisadora durante um período de 12 dias. Durante esse tempo, houve a preparação antecipada das letras das músicas, as escolhas tradutórias, as gravações e as edições, todas realizadas no mesmo ambiente.

A pesquisadora escolheu trazer uma tradução com o nível mais básico de interpretação, pois levou em consideração que seria o primeiro contato das crianças ouvintes com a língua de sinais. Já a criança com surdez, mesmo que já havia tido o contato anteriormente, não demonstrava aquisição ou reconhecimento da língua. Levou em consideração também que, as crianças estão em processo de

desenvolvimento da linguagem oral e escrita. O objetivo desta pesquisa não é aprofundar o ensino da Libras, mas introduzi-la de forma que haja compreensão por todos os pesquisados de forma lúdica.

Nesse sentido, os vídeos foram gravados e disponibilizados de forma virtual para que o leitor tenha compreensão de como a pesquisadora trabalhou em sala de aula junto aos alunos. As gravações dos vídeos foram feitas de forma doméstica realizadas pela própria pesquisadora com seu aparelho telefônico, utilizando aplicativo para edição e finalmente enviando para o canal do You Tube.

Ressalta-se que este estudo traz benefícios significativos para o desenvolvimento das crianças. Ele proporciona a oportunidade de interação e comunicação entre pessoas surdas e ouvintes, ensinando-as a aceitar e respeitar a diversidade linguística das pessoas. Além disso, contribui para superar os obstáculos que a sociedade impõe aos surdos.

De acordo com a divulgação do IBGE 2021, no Brasil há cerca de 2,3 milhões de pessoas com algum grau de surdez. Observando os números divulgados, nota-se que é muito comum encontrar uma pessoa com surdez na sociedade, ressaltando assim a importância de a sociedade saber usar a Libras como forma de comunicação e inclusão. Nesse contexto, alguns questionamentos são levantados: por que não ensinar Libras nas escolas, onde perpassam todas as pessoas e formação acadêmica? Nesse sentido, levanta-se aqui o debate para a inclusão do ensino da Libras nas escolas: Por que não a introduzir na BNCC? Para que haja uma inclusão efetiva, o ensino da Libras deve ser introduzido desde a educação infantil que é a base da educação. Deve ser disponibilizada em todas as etapas da educação básica para formação de cidadãos que saibam se comunicar e respeitar as diferenças linguísticas existentes na sociedade, pois é a sociedade que deve adequar-se às condições linguísticas existentes.

Sendo assim, a aquisição da Libras traz benefícios cognitivos, linguísticos, afetivos, favorece a inclusão tanto para crianças ouvintes quanto para surdos. Vale destacar que um tema tão importante merece ter espaço para debates, com políticas públicas voltadas para o ensino da Libras nas escolas. Esse debate é necessário para a

formação de cidadãos mais conscientes e engajados em prol de uma sociedade em que haja equidade linguística.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE O ENSINO DA PESSOA COM SURDEZ

A análise histórica busca, justamente, captar o aleatório que casualmente conduziu à produção de um resultado específico que, contudo, parece necessário (Goldman, 1998, p.89-90).

Compreender a história da educação das pessoas com surdez é fundamental para adquirir conhecimento, refletir e questionar todos os aspectos da educação e inclusão de pessoas surdas até a atualidade.

Nesse sentido, traremos uma breve contextualização histórica sobre o ensino da pessoa com surdez desde a metade do século XVI até a atualidade, perpassando desde o monge Pedro Ponce de León do século XVI, os educadores de surdos no século XVIII, a primeira escola pública para surdos, em Paris (1755) e o Congresso de Milão (1880), abordando a história da educação dos surdos, tais como: o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo, destacando suas lutas e também suas conquistas.

Para esse capítulo, enveredamos nos estudos dos teóricos Goldfeld (2002), Strobel (2008), Reily (2007), Jannuzzi (2004), Silva (2006), Lacerda (1998), Skliar (1997), Dias (2006), Veloso; Maia Filho, (2009), Felix (2006), Quadros (1997), Honora e Frizanco (2009) e Soares (1999), que vem a contribuir no entendimento da construção da identidade da pessoa surda, como também retornar ao passado para entender os eventos atuais do seu processo de escolarização.

3.1 Percurso histórico da educação da pessoa surda

Ao longo da história, as pessoas surdas foram marginalizadas, deixadas em condições inferiores diante da sociedade. Em algumas civilizações eram tidas como castigadas por “Deus”, condenadas à morte. Segundo Goldfeld (2002, p. 7),

A ideia que a sociedade fazia sobre os surdos, no decorrer da história, geralmente, apresentava apenas aspectos negativos. Na antiguidade os surdos foram percebidos de formas variadas: com piedade e compaixão, como pessoas castigadas pelos deuses ou como pessoas enfeitiçadas, e por isso eram abandonados ou sacrificados. Até mesmo na bíblia pode-se perceber uma posição negativa em relação à surdez.

Em outras sociedades, as pessoas surdas eram usadas como escravas, em outras, vistas como “deficientes, anormais, doentes ou marginais” (Strobel, 2008, p.90), trazendo perdas de diversos direitos e escolhas, seja no âmbito social, econômico, educacional, político e cultural.

Por diversas razões de ignorância e prejulgamentos, no século XVI, acreditavam que era impossível ensinar uma criança surda. Contudo, com o passar do tempo, diversos experimentos, pesquisas e ações se realizaram e se aprimoraram e atualmente, compreende-se que escolarizar uma criança surda é possível, assim como qualquer outra pessoa, segundo Dias (2006).

A partir do início do século XVI, Girolamo Cardano, um médico pesquisador italiano que viveu no período de 1501 a 1576, “conclui que a surdez não prejudicava a aprendizagem, uma vez que os surdos poderiam aprender a escrever e assim expressar seus sentimentos” (Jannuzzi, 2004, p.31).

Soares (1999) apontou que Girolamo Cardano acreditava que as pessoas surdas tinham a capacidade de raciocinar, expressar pensamentos, por exemplo, por meio da escrita, portanto, a surdez não podia ser considerada uma barreira para a aprendizagem e aquisição do conhecimento.

Reily (2007), relata que a igreja também influenciou na educação dos surdos através dos monges Beneditinos, destacando o Monge Pedro Ponce de León (1510 a 1584), da Espanha, que se tornou o primeiro professor de estudantes surdos ao ensinar com sucesso uma linguagem articulada, em que a pessoa era alfabetizada, oralizada, ensinada a realizar contas e confidenciar seus pecados. Juan Martin Pablo Bonet, também da Espanha, escreveu um livro em 1620 chamado “*Reducción de las letras y artes para ensinar a hablar a los Mudos*”, a fim de dar continuidade a comunicação das pessoas surdas, mencionando o alfabeto manual criado por Ponce de León na obra.

Segundo Jannuzzi (2004), vários educadores de pessoas surdas foram surgindo no final do século XVIII, com diversas metodologias, algumas semelhantes e outras bem diferentes.

O abade francês Charles Michel de L'Epée (1712-1789) destacou-se dos demais, sendo considerado o "Pai dos surdos" e um dos precursores do bilinguismo. Apoiava o uso da língua de sinais em detrimento do oralismo. Segundo L'Epée os surdos eram capazes de aprender a ler e escrever, por meio da língua de sinais, sendo assim, as pessoas surdas tinham a capacidade de expressar as suas ideias.

Silva (2003), destaca que foi o abade L'Epée que fundou um asilo para pessoas surdas em Paris e depois fundou a primeira escola pública para surdos - Instituto Nacional para Surdos-Mudos - também em Paris, que usava a metodologia criada pelo abade, a fim de potencializar o desenvolvimento do pensamento e da comunicação das pessoas surdas fazendo uso da língua de sinais, por entender que esta é a linguagem natural dessas pessoas. De acordo com Silva (et al. 2006, p. 24),

A escola pública para surdos em Paris além de priorizar no processo pedagógico a Língua de Sinais (...) tinha como eixo orientador à formação profissional, cujo resultado era traduzido na formação de professores surdos para as comunidades surdas e a formação de profissionais em escultura, pintura, teatro e artes de ofício, como a litografia, jardinagem, marcenaria e artes gráficas

De acordo com Lacerda (1998) o abade L'Epée realizava apresentações em praças públicas para provar que era possível o entendimento por meio da língua de sinais com a qual dominava diversos assuntos e arrecadava as doações para custear a instituição.

Charles M. De L'Epée foi o primeiro a estudar uma língua de sinais usada por surdos, com atenção para suas características linguísticas. O abade, a partir da observação de grupos de surdos, verifica que estes desenvolviam um tipo de comunicação apoiada no canal viso-gestual, que era muito satisfatória [...]. A proposta educativa defendia que os educadores deveriam aprender tais sinais para se comunicar com os surdos; eles aprendiam com os surdos e, através dessa forma de comunicação, ensinavam a língua falada e escrita do grupo socialmente majoritário [...]. A linguagem de sinais é concebida como a língua natural dos surdos e como veículo adequado para desenvolver o pensamento e sua comunicação. Para ele, o domínio de uma língua, oral ou gestual, é concebido como um instrumento para o sucesso de seus objetivos e não como um fim em si mesmo. Ele tinha clara a diferença entre linguagem

e fala e a necessidade de um desenvolvimento pleno de linguagem para o desenvolvimento normal dos sujeitos (Lacerda, 1998, p.70-71).

Silva (2003) destaca que o abade L'Epée construiu e executou uma proposta pedagógica de sucesso na educação dos surdos, porém foi muito criticado por recorrer apenas a língua de sinais, uma vez que, diversos outros métodos foram sendo desenvolvidos e debatidos por outros pesquisadores, assim sendo, algumas concepções entravam em conflito sobre qual seria a melhor escolha de metodologia para a educação de alunos surdos.

Após a morte de L'Epée, seus substitutos na direção do Instituto, eliminaram a língua de sinais e o oralismo prevaleceu. Com o desenvolvimento das instituições educacionais para surdos em toda a Europa, o primeiro Congresso Internacional de Surdos-Mudos, realizado em Paris em 1878, avançou no debate sobre o uso de sinais e leitura labial para o ensino aos surdos, enfatizando a importância de desenvolver a comunicação, segundo Lacerda (1998).

No entanto, pouco tempo depois, no Segundo Congresso Internacional de Surdos-Mudos, em Milão, em 1880, foi decidido por votação, que a língua de sinais seria banida e os métodos sobre a oralização prevaleceriam. É importante ressaltar que nesta votação, o único surdo participante da convenção foi convidado a se retirar, sendo impossibilitado assim de votar (Veloso; Maia Filho, 2009).

Os desfechos do Congresso de Milão separaram a história da educação das pessoas surdas em dois períodos, segundo Skliar (1997, p.109),

Um período prévio, que vai desde meados do século XVIII até a primeira metade do século XIX, quando eram comuns as experiências educativas por intermédio da Língua de Sinais, e outro posterior, que vai de 1880, até nossos dias, de predomínio absoluto de uma única “equação”, segundo a qual a educação dos surdos se reduz à língua oral.

No Brasil, o trabalho educacional com pessoas surdas, iniciou-se em 1857, com a fundação Imperial Instituto de Surdos-Mudos, que atualmente é o Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES - através da Lei nº 936 de 26 de setembro, com denominação dada pela Lei nº 3.198, de 06 de julho de 1957, órgão específico, singular e integrante da formação da organização do Ministério da Educação,

conforme Decreto nº 6.320, de 20 de dezembro de 2007, que traz referência na área nacional da surdez, de acordo com Oliveira (2001).

Dom Pedro II, no período imperial, convidou o professor surdo Ernest Huet, da França, para a supervisão do trabalho no Instituto. Ernest Huet também era ex-aluno surdo do Instituto de Paris e trouxe consigo o alfabeto manual francês e a Língua Francesa de Sinais, estruturando o desenvolvimento de uma metodologia baseada nas vivências e na língua de sinais da França, desta forma, surgindo a Língua Brasileira de Sinais, sendo fortemente influenciada pela França.

A língua de sinais foi usada no Instituto, entretanto, o oralismo passou a ser utilizado após o Congresso de Milão. Diversos diretores passaram pelo Instituto que mantiveram o método oral de educação de surdos com o objetivo de profissionalização, preparação para o mercado de trabalho e autonomia. Além de ser a única instituição federal e centro de apoio à educação de surdos do país, o INES criou o primeiro curso de formação de surdos do Brasil: o Curso Normal de Formação de Professores para alunos Surdos, cujo método de orientação didática seguiu as diretrizes pelo método oral (Soares, 1999).

Essa iniciativa ocorreu após a professora Ana Rímoli Faria Dória, a primeira profissional em educação de pessoas surdas a ocupar o cargo de diretora, ter assumido a direção do Instituto, em 1951 (Quadros, 1997).

No entanto, segundo Dias (2006), o ensino aos estudantes surdos utilizando o oralismo não obteve bons resultados, pois não garantiu uma educação de qualidade se comparado aos outros métodos. Desta maneira, depois de 1960, algumas pesquisas começaram a divulgar seus resultados mostrando que crianças surdas estavam conseguindo aprender e ter seu desenvolvimento escolar adequado pelo uso da língua de sinais, e assim, o modelo oralista começou a ser trocada.

Diante disso, surge a filosofia da Comunicação Total que pode ser entendida, de acordo com Felix (2006, p. 18),

Era uma abordagem educacional, idealizada nos Estados Unidos, que apregoava a utilização de todos os tipos possíveis de estratégias no processo de ensino-aprendizagem dos indivíduos surdos: sinais, inclusive alguns criados para marcar aspectos gramaticais da língua oral, desenhos, dramatizações, treino auditivo, escrita, expressão corporal. Porém, essa forma de comunicação, enfatiza a autora, também não logrou êxito.

De acordo com Lacerda (1998), o modelo da Comunicação Total surge por volta de 1960 e no Brasil em meados da década de 70 do século XX. Esse modo de ensino, é a flexibilidade comunicativa, ou seja, utiliza os modos de comunicação oral e gestual, bem como a escrita, pois o objetivo é desenvolver uma comunicação real com o mundo para crianças surdas para que todos os recursos disponíveis possam ser utilizados. A partir daí a utilização da oralidade continuou a existir, mas não como uma prioridade e sim como um dos muitos recursos.

Logo, esta abordagem oferecia múltiplas possibilidades para o desenvolvimento da comunicação. Cada pessoa se adaptava a uma forma de expressar e podia desenvolver-se, utilizando as mais diversas formas de expressão e representação visual nas estruturas de comunicação de todos os espaços, mesmo nas escolas. Essa possibilidade também ajudava a desenvolver a leitura e a escrita na língua do país.

Entretanto, essa abordagem não foi funcional, porque não se preocupava em implementar uma forma de comunicação, era muito ambígua e variada em seu desempenho. As pessoas criavam esquemas de comunicação locais e não eram tão bem compreendidos quando era preciso se comunicar com pessoas de outros espaços (QUADROS, 1997). Surge assim, o Bilinguismo como uma solução para esse problema. De acordo com Goldfeld (1997, p. 38), o bilinguismo

(...) tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir uma língua materna, a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua oficial de seu país (...) os autores ligados ao Bilinguismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas e da Comunicação Total. Para os bilinguistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir a surdez.

Também por voltada década de 1970, o bilinguismo surge no Brasil. Essa proposta de ensino está elencada na aproximação de duas línguas no contexto escolar, sendo elas: A Libras como L1, língua natural, como primeira língua, e como segunda língua a L2 Língua Portuguesa, que é a língua oficial do país na modalidade escrita - fazendo

seu uso no contexto escolar e na vida em sociedade. O bilinguismo é um modelo de ensino defendida pela comunidade surda por ser uma metodologia que respeita as diferenças linguísticas e culturais da pessoa surda.

Segundo Quadros (1997, p. 27),

O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita [...]. A preocupação atual é respeitar a autonomia das línguas de sinais e estruturar um plano educacional que não afete a experiência psicossocial e linguística da criança surda.

Segundo Honora e Frizanco (2009), fica claro que todas as tentativas de educar a pessoa surda por qualquer outro método que não priorize a língua de sinais têm sido frustradas. Enfatizamos a importância de valorizar a identidade surda e criar oportunidades para promover a acessibilidade do conteúdo curricular para que os alunos possam acessá-lo a partir de sua língua natural. A perspectiva bilíngue considera o canal visual-espacial muito importante no desenvolvimento da linguagem surda.

Atividades, pesquisas e experiências de ensino e inclusão fizeram que o reconhecimento da Libras e sua aquisição à pessoa surda se destacasse na importância da comunicação e no seu ensino utilizando o método do bilinguismo. Favorecendo também ao reconhecimento da Libras como segunda língua oficial do Brasil permitindo às pessoas surdas uma vida sem restrições onde pudessem avançar em seus estudos e tendo a possibilidade de uma vida com mais equidade, sendo reconhecidos como sujeitos capazes de aprender e se desenvolver em sociedade.

Muitas iniciativas, lutas, reivindicações e estudos apoiaram a formação de um documento oficial sobre esta língua, permitindo aos surdos interação e participação na sociedade de forma mais democrática, com respeito, liberdade e reconhecimento de suas diferenças linguísticas. Portanto, no tópico a seguir iremos analisar a legislação, os documentos oficiais, como a Constituição de 1988, a LDB 9394\96 a fim

de melhor compreender esses documentos para a inclusão de alunos surdos nas escolas regulares.

3.2 Legislação e inclusão de alunos surdos no contexto escolar

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), dá o direito à educação aos alunos com deficiência, independente de qual deficiência tenha a criança/estudante. A Conferência Mundial sobre a educação para Todos (1990) reitera esse direito, quando promoveu a educação universal. A Declaração de Salamanca de (1994) também impulsionou esse direito às pessoas com deficiência, quando cita,

[...] a escola regular deve ajustar-se a todas as crianças independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras, isto é, crianças com deficiência ou superdotadas, crianças de rua ou crianças que trabalham, crianças de populações imigradas ou nômadas, crianças pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais. (Unesco, 1994, p. 6).

No Brasil, destaca-se a Constituição Federal (1988) dando direito a todo brasileiro à educação, não podendo esse direito ser negado e nem negligenciado, independente das condições físicas, culturais e sociais, com o objetivo do pleno desenvolvimento da pessoa,

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. O não cumprimento, por parte das autoridades, implica a responsabilidade da autoridade competente. (Brasil, 1988).

O art. 206, § I vem determinando um dos princípios para o ensino e a igualdade de condições de acesso e permanência na escola, ou seja, independente da deficiência da criança, todos têm direito de frequentar a escola. Desta forma, percebe-se que a pessoa surda, tem direito à matrícula e permanência em escolas de salas de ensino comum.

Ainda, o art. 208, § III da Constituição Federal de 1988, diz o seguinte:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

§ III. Atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. (Brasil, 1988, p.34)

Sendo assim, é garantido o atendimento educacional especializado aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, tendo atendimento, preferencialmente, na rede regular de ensino, não de forma substitutiva, mas de forma complementar garantindo tempos e espaços mais inclusivos, orientando também os trabalhos pedagógicos.

Ainda no art. 208, § 3º, fica claro a responsabilidade do dever do Estado “[...] compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola” (Brasil, 1988).

Desta forma, a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, nota-se grande mudança na área educacional. A educação agora passa a agregar todas as pessoas, pois ela deve garantir o acesso e permanência sem discriminação e com atendimento às especificidades de cada estudante público da educação especial, garantindo o seu pleno desenvolvimento para as atividades sociais, intelectuais e emocionais.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 foi também um marco histórico na conquista educacional de alunos com deficiência, regendo o sistema brasileiro de educação que veio reafirmando a Constituição Federal de 1988, da sequência educacional das diversas etapas, níveis e modalidades de ensino.

Nesse sentido, a Educação Especial, na LDB, art.58, capítulo V fica assim constituída,

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (Brasil, 1996).

No art. 59, da referida lei vem tratando das diretrizes e bases da educação do Brasil, sendo ofertado aos alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, currículos, métodos, técnicas, recursos

educacionais e organizações especializadas para atender às suas necessidades. É necessário ressaltar que para que isso aconteça, é fundamental que haja profissionais com formações na área para atender a especificidade de cada deficiência, garantindo assim uma educação de qualidade, como também, professores regente de salas regulares capacitados para incluir esses estudantes (Brasil, 1996).

Para a inclusão de pessoas surdas na educação básica, um dos pontos cruciais foi a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (Brasil, 2002), pois foi reconhecida oficialmente a língua de sinais como meio legal de comunicação e expressão, representando grande conquista para essa comunidade, ficando assim determinado, em artigo e paragrafo únicos:

É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados (Brasil, 2002).

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais, Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002).

Por meio dessa lei, a Libras passa a ser valorizada e ensinada aos surdos como a (L1) sua primeira língua, e o Português como (L2) segunda língua na modalidade escrita, sendo ensinadas concomitantemente, no espaço educativo, sem uma sobrepor a outra, sendo as duas línguas de extrema importância no processo de ensino-aprendizagem, seguindo assim o modelo bilíngue de educação de alunos surdos, com implantação nas escolas.

O Decreto nº. 5.626 de 22 de dezembro de 2005 (Brasil, 2005) regulamenta a lei 10.436 e dispõe sobre a inclusão da Língua Brasileira de Sinais como disciplina nos cursos de formação de professores e fonoaudiólogos, formação de professores e instrutores de Libras, formação de tradutores e intérpretes de Libras - língua portuguesa e garante o direito das pessoas surdas e deficientes auditivos à educação e à saúde, e governos e empresas apoiando o uso e distribuição da Libras. Ou seja, o ensino bilíngue não é uma questão de aceitação e sim um direito garantido por lei.

A Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, regulamenta a profissão do Tradutor e Intérprete de Libras definindo suas atribuições no art. 2º, que sejam qualificados para interpretar as duas línguas simultânea ou consecutivamente e tenham habilidades para traduzir e interpretar Libras e português (Brasil, 2010). No art. 6º define as atribuições do Intérprete de Libras, sendo parceiro do professor da sala de aula regular, orientando-o e interpretando atividades didático-pedagógicas e culturais para facilitar o acesso ao conteúdo curricular, agindo com ética profissional em sua tradução, respeitando a pessoa surda e sua cultura. Segundo Lacerda (2009, p. 33),

O intérprete educacional é um profissional que deverá versar conteúdo da língua majoritária para a língua de sinais do país e vice-versa, mas que também se envolverá de alguma maneira com as práticas educacionais, constituindo aspectos singulares a sua forma de atuação. Não se trata de ocupar o lugar do professor ou de ter a tarefa de ensinar, mas sua atuação em sala de aula, envolvendo tarefas educativas certamente o levará a práticas diferenciadas, já que o objetivo nesse espaço não é apenas o de traduzir, mas também o de favorecer a aprendizagem por parte do aluno surdo.

Sendo assim, o profissional intérprete colabora juntamente com o professor da sala de aula regular/ensino comum, para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem da pessoa surda com práticas diferenciadas no espaço educativo.

São várias conquistas educacionais para a comunidade surda, porém ainda hoje, há práticas discriminatórias no contexto educacional. A pessoa surda, em algumas situações, não se sente completamente inserida nos tempos e espaços educacionais. Mesmo com intérpretes e instrutor de Libras, há barreiras na comunicação com a comunidade escolar. Lacerda e Lodi (2010) defendem que a inclusão de alunos surdos em sala de aula só aconteceria se certos cuidados fossem tomados, como o respeito à situação linguística do sujeito e uma forma única de ver o mundo.

Diante do exposto acima, fica como reflexão: Como ensinar Libras para crianças dentro do contexto escolar? A introdução da Libras, desde a Educação Infantil, é uma oportunidade de formarmos uma sociedade mais inclusiva, consciente dos direitos e que respeita a diversidade humana? Nesse contexto, o processo inclusivo do aluno surdo vai muito além dos conteúdos inseridos nos currículos, tem a ver com a preparação para a vida e para o exercício da cidadania.

3.3 A perspectiva de educação para a pessoa com surdez

Parte-se do pressuposto que a perspectiva bilíngue é a proposta mais adequada para o ensino da pessoa com surdez, pois considera o canal visual-espacial muito importante no desenvolvimento da linguagem, tornando acessível as duas línguas, língua de sinais e língua portuguesa na modalidade escrita. Segundo Quadros (1997), essa proposta é mais adequada pois respeita e considera a língua de sinais como natural à pessoa com surdez. Ainda segundo a autora:

Se a língua de sinais é uma língua natural adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais. A proposta bilíngue busca esse direito. (Quadros, 1997, p. 27).

Fortalecendo a proposta do ensino bilíngue para os estudantes surdos, temos que:

O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta sendo a mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita. (Quadros, 1997, p. 27)

Nesse viés, segundo Silveira (2020, p. 87) “a educação bilíngue é um elo entre língua de sinais e segunda língua e é a partir dela que se dará as condições de autonomia para a pessoa surda, quando relacionadas com ouvintes”.

O direito à educação bilíngue foi garantido a partir do ano de 2005, por meio do Decreto Federal nº 5.626, que regulamenta a Lei Federal nº 10.436/2002 e reafirmado nas Diretrizes da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008).

Ainda temos o plano Nacional de Educação (PNE, lei nº 13.005/2014), cujo objetivo 4, item 4.7, fortalece a garantia da educação bilíngue para alunos com surdez, na qual

Garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezessete) anos, em escolas e

classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos (Brasil, 2014).

A meta deve ser atingida até o ano de 2024. Para isso é necessário a divulgação da Libras – Língua brasileira de sinais, como também a capacitação de profissionais, que se faça saber que a educação bilíngue é a melhor proposta para a educação de surdos, que consiste não apenas em ensinar a língua, mas também em possibilitar que o ensino dos surdos ocorra de forma adequada às condições em que os surdos podem adquirir conhecimento visualmente. Nesse sentido, entende-se que o ambiente escolar deva ser um espaço de diversidade cultural e de valorização de diferentes identidades, uma abordagem educativa em que não haja imposição ou sobreposição de valores e culturas, pois a aprendizagem é procurada num contexto que valoriza a diversidade.

A Lei Nº 14.191, de 3 de agosto de 2021 que vem alterando a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, que dispõe sobre a modalidade de educação bilíngue para pessoas surdas, entende por educação bilíngue de surdos a modalidade de escolarização ministrada nas escolas bilíngues em Língua Brasileira de Sinais – Libras, como primeira língua e em português na modalidade escrita como segunda língua. Defende aulas de educação bilíngue para surdos, escolas comuns ou centros de educação bilíngue para surdos, modelos selecionados de educação bilíngue para surdos, surdos-cegos, alunos com deficiência auditiva, sinalizantes, surdos com altas habilidades ou talentos ou outras deficiências relacionadas. A alteração na lei ainda vem reforçando a oferta de um ensino bilíngue para pessoas com surdez desde a educação infantil sendo estendido ao longo da vida.

As escolas bilíngues ou classes bilíngues devem ser privilegiadas para o agrupamento dos estudantes surdos para que se desenvolvam em sua língua própria. Sendo assim, a proposta de um atendimento às pessoas surdas em espaços específicos com ensino que privilegiem o bilinguismo, é de grande importância, pois a linguagem se dá por meio da interação com o outro. Em vista disso, Quadros (2000) traz suas contribuições ao dizer que,

Quando me refiro ao bilinguismo, não estou estabelecendo uma dicotomia, mas sim reconhecendo as línguas envolvidas no cotidiano dos surdos, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais e o Português no contexto mais comum do Brasil. (Quadros, 2000, p.54).

Segundo Silveira (2020, p.85) em seus estudos sobre as preferências dos surdos se relacionarem “quando questionados sobre suas relações interpessoais, todos os entrevistados manifestaram a preferência em se relacionar com surdos fluentes em Libras devido o mesmo canal comunicativo”.

Diferentemente se este estivesse numa classe de ensino comum onde o oralismo prevalecesse, ele seria visto como um deficiente auditivo (D.A), sendo classificado seu grau de surdez como leve, moderado, severo ou profundo, destacando assim uma imagem de sujeito com deficiência, incapaz de realizar atividades como os outros alunos, podendo perder seus direitos de aprendizagem, não sendo vistos como sujeitos com uso linguístico diferente.

Segundo Lacerda (2019, p.52) “esse olhar para o surdo apenas pela sua incapacidade de ouvir ainda é uma barreira que precisa ser transpassada em nossas ações pedagógicas, pois temos que compreendê-lo como sujeito de direitos e possibilidades”. Dessa forma, percebemos uma dificuldade desse aluno permanecer na escolarização em espaços oralizados. Silveira (2020, p.90) descreve que, “observamos que mesmo que em algum momento da vida escolar a família tenha optado pela inserção de seu filho no ensino regular, o tempo de permanência é curto e marcado por muitas dificuldades”.

Numa sociedade onde a cultura é valorizada e respeitada, o bilinguismo é visto como meio de comunicação e expressão da pessoa com surdez, sem distinção entre surdo e deficiente auditivo, apenas usuários ou não da língua. Segundo Silveira (2020) essa perspectiva,

[...] concebe a pessoa surda com foco em sua condição linguística, em especial no modo como o surdo usa a língua de sinais para a comunicação. Nesse viés, não há uma distinção entre surdo e deficiente auditivo ou quanto ao grau de surdez, pois os sujeitos são caracterizados pelo uso ou não da língua de sinais. Sob essa perspectiva não é o surdo que precisa ser oralizado para se adequar socialmente e sim, a sociedade permitir condições de acessibilidade visual para o surdo. (Silveira, 2020, p. 42-43).

Sendo assim, as escolas bilíngues ou classes bilíngues permitem atender melhor as peculiaridades desse público, potencializando o desenvolvimento de sua língua própria e desenvolvendo a sua identidade e cultura própria.

Nota-se que a Libras sendo reconhecida como primeira língua da pessoa surda, sendo natural da mesma, o oralismo não é bem aceito se comparado ao bilinguismo. Desta forma, a organização desses estudantes em escolas onde o oralismo prevalece não é boa proposta de educação.

O aluno com surdez que opte por estudar em escola de ensino comum, orienta-se que este seja agrupado com outro surdo para que ambos se desenvolvam em sua língua, ou em classes especiais. Essas classes especiais, segundo as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, são salas de aulas de escola regular, onde há espaço físico e acomodações adequadas. Nesse tipo de sala de aula, os professores de educação especial utilizam métodos, técnicas e procedimentos instrucionais, bem como recursos de ensino especializados.

Fica claro, que de acordo com as Leis, a escola deve se adequar às condições de acesso ao ensino deste estudante, para que o aluno seja efetivamente incluído, tendo suas peculiaridades atendidas para que os objetivos da educação sejam garantidos.

3.3.1 O bilinguismo como modalidade de ensino à pessoa surda

No Brasil, a língua oficial é a língua portuguesa, é o meio de comunicação entre a população ouvinte que é ensinada nas escolas, que não atende às pessoas usuárias da Libras. Porém, de acordo com a Lei, a modalidade de educação bilíngue para pessoas surdas em 14.191 de 03 de agosto de 2021, garante a esses sujeitos o direito a serem ensinados em sua língua própria. A educação bilíngue, o ensino de duas línguas concomitantes, traz grandes benefícios, segundo Quadros (2005)

Em uma perspectiva “aditiva”, saber mais línguas apresenta vantagens tanto no campo cognitivo quanto nos campos políticos, sociais e culturais. As crianças são estimuladas a conhecer diferentes formas de organizar o mundo através das diferentes línguas em diferentes contextos culturais. (QUADROS, 2005, p.27)

Nesse viés, Santana (2007) corrobora citando Sá, que a proposta bilíngue

[...] aumenta a capacidade cognitiva e linguística do surdo, possibilitando melhores resultados educacionais que os conseguidos sob a priorização da língua na modalidade oral. (SANTANA, 2007, p.168)

Dessa forma, entende-se que a importância do bilinguismo se dá pelo fato de poder utilizar as duas línguas em contextos diferentes, em momentos sinalizados e em momentos em que haja a comunicação em português na modalidade escrita. Assim, o bilinguismo atende as especificidades da pessoa surda.

Oportunizar a pessoa surda um ensino bilíngue, é compreender que as duas línguas, a língua de sinais e a língua Portuguesa, são importantes para o desenvolvimento do sujeito, entendendo que a língua de sinais é a primeira língua e a língua portuguesa a segunda, e que a Libras intermediará a língua portuguesa favorecendo a aprendizagem. Segundo Quadros (2005)

O fato de passar a ter contato com a língua portuguesa com significado trazendo seus conceitos adquiridos na sua própria língua, possibilitará um processo muito mais significativo. A leitura e a escrita podem passar a ter outro significado social, se a criança sinalizar sobre elas. Vale ainda destacar que, no campo do letramento, se as crianças surdas se apropriarem da leitura e da escrita de sinais, isso potencializará a aquisição da leitura e escrita do português. (QUADROS, 2005, P.31-32)

Nesse sentido, as duas línguas, Libras e Língua portuguesa, são importantes, sendo que uma não se sobrepõe a outra, considerando que “não há língua mais importante ou menos importante, nem melhor nem pior, mas há língua mais adequada à situação comunicativa real, assim como as necessidades dos falantes” (CARVALHO; CAVALCANTI; SILVA, 2020, p.331).

Essa modalidade de ensino, bilinguismo, enfatiza a importância no desenvolvimento da consciência sobre o uso da escrita, proporcionando oportunidades para que o surdo desenvolva sua própria metodologia de ensino. Porém vale destacar, que a criança surda, aprende diferente da criança ouvinte. Segundo Carvalho (2020)

Isso implica dizer que os caminhos utilizados, pelos professores para ensinar a escrita às crianças ouvintes não se configura como a melhor alternativa para ensinar os surdos a escreverem, sendo que se valem da estrutura fonológica dessa língua. (CARVALHO, 2020, p.123)

Dessa forma, vale ressaltar, a importância do ensino a partir das vivências, estabelecendo relação entre sinal e escrita dos objetos, fazendo uso a partir de recursos visuais para o ensino da língua portuguesa com exploração contextual trazendo sentido e significado para o sujeito. De acordo com Carvalho em seus estudos (2020)

[...] verificamos que o compartilhamento da língua de sinais para a melhoria da interação entre surdos e ouvintes, como também os recursos didáticos que possam ajudar a minimizar os efeitos da ausência da audição, ou seja, recursos que explorem a visualidade dos surdos, são ações consideradas pelos docentes participantes como necessárias para garantir a condição bilíngue desses estudantes [...].(CARVALHO, 2020, p.123)

Sendo assim, os profissionais da educação têm grande importância nesse processo de ensino-aprendizagem, onde devem desenvolver estratégias pedagógicas diferenciadas respeitando a linguística desses usuários. Segundo Lacerda (2019)

[...] podemos compreender que cada profissional envolvido com a educação dos estudantes surdos necessita reconhecer a diferença como constitutiva do ser humano, respeitar a língua natural desses sujeitos, envolver-se com ações pedagógicas inovadoras frente às especificidades educacionais e linguísticas do aluno surdo, oportunizando, o acesso a todos os conhecimentos. (LACERDA, 2019, p.69)

É importante destacar também, que os espaços da escola, como um todo, devem ser adequados para receber esses alunos, tornando o ambiente acessível respeitando a condição linguística desse público. De acordo com Carvalho (2020)

Essa reorganização começa na adaptação da estrutura física e humana das escolas, perpassa pela metas e ações do PPP e o planejamento das aulas, chegando à prática docente propriamente dita e, com isso, garante aos estudantes surdos uma educação de boa qualidade, ou seja, garante que eles possam aprender os saberes necessários para suprir as diferentes demandas sociais. (CARVALHO, 2020, p.125)

Pensar sobre sobre essa modalidade de ensino, é pensar em sua complexidade, ressaltando a importância de todos os envolvidos nesse processo. Sendo assim, vale ressaltar a importância das pessoas surdas terem a oportunidade de estarem em contato com sua língua, que lhe é natural. Dessa forma, o capítulo a seguir, destaca a importância da linguagem para a constituição da pessoa surda.

4. A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM PARA O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA PESSOA COM SURDEZ

A Libras - Língua Brasileira de Sinais, é a segunda língua oficial do Brasil, reconhecida em 24 de abril de 2002, sobre a lei 10.436. Por cerca de 10 anos, entre 1992 a 2002, o movimento surdo lutou fazendo pressão a deputados e senadores, trazendo essa conquista para a comunidade, passando a usufruir de direitos linguísticos. Para a comunidade surda, foi uma grande conquista, pois a aquisição da língua possibilita a plena participação social do indivíduo no mundo no qual está inserido, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, à ciência, expressa e defende pontos de vista, compartilha, constrói ou desconstrói o mundo e produz conhecimento (Brasil, 1996).

Partindo desse pressuposto, pode-se assegurar que a linguagem é um sistema de signos que possibilita o indivíduo significar e ressignificar o mundo e a realidade no qual está inserido. Para Ferreira e Brito (1997),

A Libras é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico que se estruturam a partir de mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam também especificidades, mas seguem também princípios básicos gerais. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais codificados no léxico e nas estruturas da Libras e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. A Libras é a língua utilizada pelos surdos que vivem em cidades do Brasil onde existem comunidades surdas, portanto não é uma língua universal (Ferreira e Brito, 1997, p. 23).

As linguagens existentes na sociedade, como a verbal ou viso-espacial, como a Libras, tornam possível a pessoa com surdez representar a realidade física e social, dessa forma, desde o momento em que o indivíduo adquire a linguagem, torna um vínculo muito estreito com o pensamento, segundo Vigotski (2001). Assim, a língua possibilita a representação e a regulação do pensamento e da ação, e comunica ideias, intenções, pensamentos, mantendo relações interpessoais inexistente anteriormente.

Ainda segundo o autor, a linguagem é mediadora e constitutiva dos processos cognitivos. O aparecimento da linguagem proporciona o entrelaçamento entre o social

e o cognitivo, quando a criança será capaz de representar sua realidade através de desenhos, gestos, desejos, símbolos. É nesse momento de forma mais significativa que a criança passa a interagir e a se comunicar com o meio no qual está inserida obtendo as trocas com as outras pessoas.

Ainda de acordo com Vigotski (2001), no processo de internalização, a linguagem no início apresenta-se como um mediador em forma de discurso socializado - função de comunicação e contato social - e gradativamente passa a ser internalizada, tornando-se também um discurso interior - diálogo consigo mesmo por meio de um dialeto pessoal.

Para a pessoa surda, quanto mais cedo tiver contato com a Libras, que é sua língua natural, melhor será seu desenvolvimento, pois propicia a formação de sua identidade linguística, facilitando o aprendizado, tornando possível o conhecimento do mundo e de si mesma, participando do meio social no qual está inserida e produzindo cultura.

A linguagem é a utilização da língua dentro de um contexto, é com ela que os seres humanos têm a capacidade para produzir, desenvolver e compreender a língua e outras manifestações culturais. É uma função de materialidade do pensamento que pode ser expressa por meio de gestos, sinais, olhares, mímicas e fala. Esta última é uma das formas de linguagem utilizadas pelo indivíduo ouvinte, mas para a pessoa surda, a fala é substituída pelos sinais.

De acordo com Bakhtin (1997) a linguagem existe a partir de um sistema extremamente complexo de diálogos que nunca se interrompe. Segundo o autor:

Viver significa tomar parte do diálogo: fazer perguntas, dar respostas, dar atenção, responder, estar de acordo e assim por diante. Desse diálogo, uma pessoa participa integralmente e no decorrer de toda sua vida: com seus olhos, lábios, mãos, alma, espírito, com seu corpo todo e com todos os seus feitos. Ela investe seu ser inteiro no discurso e esse discurso penetra no tecido dialógico da vida humana, o simpósio universal (Bakhtin, 1997, p.293).

Não há como viver no mundo em sociedade sem o uso da linguagem na comunicação entre os indivíduos. A linguagem ocorre não somente através da fala, mas também com todos os membros, expressões corporais e faciais.

Para a pessoa surda, a fala convencional através da voz, é impossibilitada, pois ela não ouve. Porém a comunicação se dá através de sua língua natural, a Libras. A Língua Brasileira de Sinais é a língua natural dos surdos que possui estrutura e regras gramaticais próprias, tornando possível um discurso em que diálogos acontecem através de mãos, corpo e expressões.

A linguagem é um conjunto de sons e gestos organizados que faz ocorrer a comunicação, é um instrumento que ultrapassa a abordagem linguística e escrita de apenas transmitir mensagens, é uma atividade social de interação entre os sujeitos, cheia de subjetividade e formadora de consciência.

Para as pessoas surdas, a Libras é a forma mais natural da comunicação, apresentando-se na modalidade espaço-visual, utilizando expressões faciais e movimentos gestuais compreendido pela visão. É um processo de interação de construção de significados, trocas linguísticas segundo as relações que cada um mantém com a língua, segundo Quadros (2011),

A língua [de sinais – Libras] passa a ser, então, o instrumento que traduz todas as relações e intenções do processo que se concretiza através das interações sociais. Os discursos de uma determinada língua serão organizados e, também, determinados pela língua utilizada como a língua de instrução. Ao expressar um pensamento em língua de sinais, o discurso utiliza uma dimensão visual que não é captada por uma língua oral-auditiva (Quadros, 2011, p.35).

Segundo Bakhtin (1997, p.95), a língua é vista como um fenômeno social, histórico e ideológico, que é viva e se revitaliza no qual “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. A essência da linguagem é a interação que acontece pela enunciação. O desenvolvimento da linguagem significa a aprendizagem de enunciações que na prática, está associada ao seu conteúdo ideológico, sendo assim essas práticas nunca são neutras.

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (Bakhtin, 1997, p.99).

Nesse viés, a linguagem vai além da prática comunicativa, trazendo suas marcas culturais, ideológicas que modifica o meio, formando o indivíduo e as interações sociais ali existentes, segundo Bakhtin (1997),

A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada a um interlocutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver um interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado. (Bakhtin, 1997, p.116).

Quando uma criança surda passa a conferir a língua de sinais, a partir do momento em que ela se apropria dessa língua, a língua de sinais a legitima como “sujeito de linguagem” (Santana, 2007). A língua de sinais, então, não só desenvolve habilidades linguísticas e cognitivas, mas também, social, cultural e ideológica sendo que em sua falta gera grandes dificuldades e muitos prejuízos.

4.1 As dificuldades da pessoa surda na falta da comunicação na linguagem própria

Sabendo da importância da linguagem na sociedade, conforme já relatado acima por diversos pensadores, as pessoas que nascem surdas e que não se apropriam de sua língua enfrentam dificuldades de compreensão no meio em que vivem. Além disso, podem ocorrer reflexos na aprendizagem, uma vez que a linguagem é fundamental para a comunicação entre diversos indivíduos em uma comunidade. É por meio dela que adquirimos conhecimento científico, sendo um aparelho crucial para a interação social carregado de valores ideológicos e das experiências históricas e culturais.

Para a pessoa surda, além da Libras ser importante para a comunicação e interação com a sociedade é uma questão de existência, representa sua identidade e sua cultura.

Quando uma instituição, como hospital, supermercado, escola, ou qualquer outro meio social, não está preparado com acessibilidade para receber a pessoa surda com sua

linguagem própria, grandes prejuízos são causados, tanto emocional, psicológico, social e material.

Segundo Strobel (2008, p. 98),

Eu e minha amiga surda fomos a um grande supermercado reclamar sobre um aparelho doméstico que quebrou após somente quatro meses de uso; no supermercado alegaram que nós perdemos a garantia porque na hora de compra eles comunicaram que deveríamos tirar a nota fiscal emitida pela loja e que o extrato de caixa não tinha valor. Isto foi informado na hora da compra, mas como nós duas somos surdas não “ouvimos” o comunicado e com isto ficamos prejudicadas.

Nesse sentido, uma simples informação passada na língua natural da pessoa surda evitaria um prejuízo. E, assim, como a falta de uma simples informação, muitas outras importantes, deixam de ser apresentadas aos surdos por falta de acessibilidade no contexto geral da sociedade trazendo prejuízos e desconfortos.

Nas instituições de ensino quando não há acessibilidade ao aluno surdo, sérias dificuldades na socialização e problemas emocionais podem ocorrer. Segundo Strobel (2008), a pessoa surda sente-se como estrangeiro no meio do ambiente escolar onde sua língua própria não é usada, sentindo-se que o mundo oralizado não o pertence.

A pessoa surda, em algumas situações, pode fingir que está entendendo o que o ouvinte está dizendo para evitar constrangimento. É o que explica Botelho (2002, p. 19),

[...] muito frequentemente os surdos usam a “simulação de compreensão”, isto é, fingem que compreendem e que sabem, para evitar constrangimento na tensão da comunicação e para que passem despercebidos, aprendem a ocultar o sofrimento pelo temor e vergonha de não ser como todo mundo [...].

A Libras e sua apropriação é de suma importância para a construção da identidade da pessoa com surdez como já mencionado neste estudo. É preciso respeitar a cultura surda e reconhecer a importância da Língua Brasileira de Sinais na construção dessa cultura, construindo o conhecimento histórico e participativo da pessoa surda a partir da Libras, sendo ensinada inicialmente nas escolas e sendo aplicada em todo meio

social, proporcionando ao surdo a constituição do “Eu”, levando a participação da luta em questões políticas e ideológicas. Segundo Lodi (2005, p. 422),

Observou-se, também, que a valorização da LIBRAS e seu uso no espaço das oficinas tiveram um papel fundamental na constituição do eu (surdo) de cada sujeito e, portanto, houve uma transformação relativa à forma pela qual passaram a olhar-se e a serem olhados pelo outro: como falantes da LIBRAS. Esse fato vem enfatizar a importância da presença da LIBRAS e, portanto, de surdos adultos, participantes ativos das questões políticas que envolvem a surdez, quando se pensa numa real transformação das bases ideológicas que subjazem os discursos sobre o ser surdo, dando sustentação, assim, aos estudos que apontam a importância do desenvolvimento de uma educação bilíngue para surdos como lugar de constituição das identidades e dos aspectos culturais da comunidade surda.

Para Vigotski (2005, p.9) “os elementos mediadores na relação entre o homem e o mundo - instrumentos, signos e todos os elementos do ambiente humano carregados de significado cultural são construídos nas relações entre os homens”. Nesse sentido, faz-se necessário, todos os espaços sociais contribuírem para que a comunicação entre surdos e ouvintes aconteça.

Historicamente, as pessoas surdas foram excluídas, marginalizadas e invisibilizadas dos processos sociais. É necessário que as pessoas surdas ocupem cada vez mais seus espaços e protagonizem suas histórias tornando-se sujeitos participantes em diversas esferas da sociedade, sendo respeitados, fazendo-se entender e sendo entendidos. Faz-se necessário também, que a sociedade entenda a importância da comunicação em Libras para as pessoas surdas em seus diversos meios e a importância para atender esse público na sua linguagem própria, uma vez que essa é a segunda língua oficial do Brasil.

5 AS CONTRIBUIÇÕES DE VIGOTSKI NA INSERÇÃO DA LIBRAS NA SALA DE AULA DO ENSINO COMUM

Nesse capítulo trazemos as contribuições de Vigotski sobre o processo da inserção da Libras no contexto educacional. Neste percurso enfatizamos a tese da Defectologia (2022) na qual toda pessoa com deficiência desenvolve estímulos para elaborar uma compensação utilizando-se de vias indiretas para minimizar os efeitos da deficiência.

Destacamos a importância da linguagem para o desenvolvimento humano e como a entrada das vias indiretas, a Zona de Desenvolvimento Proximal mediatiza e alavanca a aprendizagem. Esses conceitos irão permear a possibilidade do ensino da Libras, para o estudante surdo e alunos ouvintes em uma sala aula de ensino comum na Educação Infantil.

A deficiência, referida por Vigotski (2022) como “defeito”¹⁷, causa problemas no desenvolvimento da criança dificultando sua adaptação ao meio social. No entanto, a própria deficiência favorece a superação dos obstáculos, restabelecendo o equilíbrio do sistema, trazendo compensações sociopsicológicas por vias alternativas.

A compensação sociopsicológica elencada por Vigotski (2022), minimiza os efeitos da deficiência, e para a criança surda, a Libras é a forma de compensação para relacionar-se com a sociedade minimizando, assim, os efeitos da surdez. Essa língua é uma via de entrada do conhecimento para a pessoa surda. Segundo o autor “[...] o defeito origina estímulos para a formação da compensação” (Vigotski, 2022, p.58).

A deficiência biológica não é o problema em si, mas sim as consequências sociais dessa deficiência, que no caso da pessoa surda, é a falta da interação e sua inferiorização social pela falta do uso da linguagem. Segundo Vigotski (2022, p. 65) “os processos de compensação estão dirigidos não à conduta direta do defeito, a qual é não é possível em grande parte, mas à eliminação das dificuldades criadas pelo defeito”.

¹⁷ Vigotski (2022) usou a palavra defeito para referir-se ao que hoje denominamos de pessoas com deficiência.

Pessoas sem deficiência não necessariamente precisam utilizar recursos extras para desenvolver a aprendizagem, porém para uma criança com deficiência é necessário mobilizar recursos para compensar essa deficiência, necessitando de utilizar caminhos alternativos que promovam formas singulares de aprendizagem. Segundo Vigotski (2022, p. 55) “a criança, cujo desenvolvimento foi complicado por um defeito, não é simplesmente menos desenvolvida que suas contemporâneas normais; é uma criança, porém, desenvolvida de outro modo”.

Vigotski (2022) defende uma educação que não minimize conteúdos, que não ofereça uma pedagogia menor, sendo necessário estimular e ofertar um ensino com uso de ferramentas alternativas. A aprendizagem se dá por vias indiretas necessitando ser mediada, estimulada, repetida, criando, assim, mecanismos de compensação,

Se uma criança cega ou surda alcança, no desenvolvimento, o mesmo que uma criança normal, então as crianças com deficiência o alcançam de um modo diferente, por outro caminho, com outros meios, e para o pedagogo é muito importante conhecer a peculiaridade da via pela qual ele deve conduzir a criança. A lei da transformação do menos da deficiência no mais da compensação proporciona a chave para chegar a essa peculiaridade (Vigotski, 2022, p.62).

Para a criança surda, a comunicação alternativa é o uso da Libras que já lhe é natural sendo esse estímulo de uso externo. Esses caminhos alternativos só são possíveis devido a força criada pelos estímulos da deficiência para compensá-lo. Sendo assim, “o mais importante é que, junto com o defeito orgânico, são dadas as forças, as tendências e os desejos de vencê-lo ou equilibrá-lo (Vigotski, 2022, p. 60).

A deficiência desenvolve a força motriz para a sua superação, por isso, Vigotski (2022) enfatiza que antes de tudo, é a psicologia do vencimento que irá subsidiar os caminhos alternativos para a superação dos limites impostos pela deficiência.

[...] mas ela alcança tudo o que alcança uma criança normal por outra via, de outra maneira, por outros meios. Para o pedagogo, é muito importante conhecer precisamente essa peculiaridade da via pela qual é necessário conduzir essa criança (Vigotski, 2022, p.107).

A sociedade é organizada para atender a pessoa considerada normal, mas deve-se pensar e analisar a deficiência e suas peculiaridades. Para uma sociedade acessível,

é necessário incluir a pessoa, e é a partir da acessibilidade da linguagem que a pessoa surda se torna um ser culturalmente inserido na sociedade.

Vigotski acredita que o ser humano é um ser histórico e o único capaz de produzir cultura no qual é formado pelo meio social mediado pela linguagem num processo dialético, sendo ao mesmo tempo modificado pelo meio e o modificando.

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social (Vigotski, 1989, p. 33).

Os primeiros balbucios da criança são formados sem que haja pensamento que tem como função atrair a atenção do adulto, surgindo assim desde os primeiros meses de vida do bebê, a presença da função social da fala (Vigotski, 2000). A partir dos dois anos de vida, o pensamento pré-linguístico e a linguagem pré-intelectual se encontram e se integram, permitindo que o pensamento transite pela verbalização e a linguagem se torne racional. Nesse processo, surge a conexão entre pensamento e linguagem, desenvolvendo na criança a percepção do objetivo da fala e o entendimento de que as coisas têm nomes.

A partir de então, a criança entende que a palavra é necessária, descobrindo assim, a função simbólica da palavra. Ainda segundo o autor, as palavras têm significado e quando não se entende o significado delas, são apenas sons vazios, que não fazem sentido. Segundo Vigotski (2000, p. 131), “ao ver o novo objeto, a criança pergunta: “Como isso se chama? ” A própria criança necessita da palavra e procura ativamente assimilar o signo pertencente ao objeto, signo esse que lhe serve para nomear e comunicar”.

A linguagem desempenha um papel importantíssimo no desenvolvimento do pensamento da criança, pois é ela que atua na relação entre os sujeitos, permitindo entender, organizar e planejar suas ações. É através dela que se adquire conceitos sobre o mundo em que vive, apropriando-se e produzindo cultura, “o desenvolvimento

do pensamento da criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem" (Vigotski, 2000, p. 149).

Nesse sentido, a partir das relações sociais, proporcionadas pela linguagem, a criança desenvolve sua individualidade, pois a personalidade é a soma das relações sociais vivenciadas e interiorizadas. "O individual, o pessoal é uma forma superior de sociabilidade" (Vigotski, 2000, p. 27a).

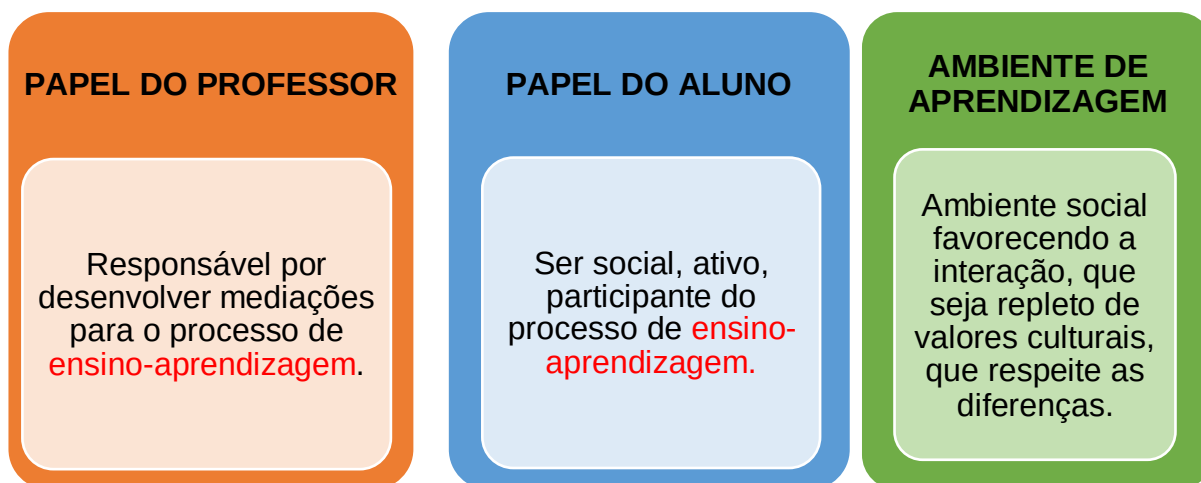
A aquisição da Libras, mesmo para crianças ouvintes, possibilita a interação entre as pessoas, desenvolvendo em ambos a comunicação que é essencial para a atividade humana, bem como, o respeito e a valorização do outro. Para a criança surda, é fundamental a aquisição da linguagem, pois é através dela que todo o seu psiquê será desenvolvido, minimizando assim os efeitos sociais "negativos" de sua deficiência.

O ensino da Libras desde a educação Infantil se faz necessário uma vez que a linguagem, é desenvolvida desde os primeiros anos de vida da criança. Segundo Vigotski (2000, p. 130),

[...] a descoberta mais importante sobre o desenvolvimento do pensamento e da fala na criança é a de que, num certo momento, mais ou menos aos dois anos de idade, as curvas da evolução do pensamento e da fala, até então separadas, cruzam-se e coincidem para iniciar uma nova forma de comportamento muito característica do homem.

Pensando no desenvolvimento da linguagem, segue o quadro com a visão sob a perspectiva histórico-cultural para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e o papel de cada um envolvido nesse processo.

Gráfico 3 – Visão na perspectiva histórico-cultural para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Ao focar os processos de aprendizagem, Vigotski (1991) traz os conceitos de níveis de desenvolvimento real e potencial que traremos para análise desta pesquisa. Segundo o autor,

O primeiro nível pode ser chamado de nível de desenvolvimento real, isto é, o nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já completados (Vigotski, 1991, p.57).

Esse nível está relacionado a capacidade da criança de resolver um problema por conta própria. Já o nível de desenvolvimento potencial é a capacidade da criança de aprender algo com o outro. Para uma criança chegar a esse nível de autonomia é necessário a atuação do professor na mediação da aprendizagem.

[...] e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (Vigotski, 1991, p.58).

Para um aluno desenvolver o nível real de aquisição da Libras, que é a língua própria da pessoa surda, mas que é estrangeira para a pessoa ouvinte, é necessária a atuação do professor aproximando os alunos desse novo conhecimento. Nesse sentido, buscamos a compreensão no conceito de Vigotski (1991) sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal que é o local de atuação desse mediador.

[...] A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que

amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de "brotos" ou "flores" do desenvolvimento, ao invés de "frutos" do desenvolvimento (Vigotski, 1991, p.58).

Segundo o teórico, a aprendizagem acontece pela interação com o meio através da linguagem, que funciona como um mediador entre o sujeito e o meio cultural. Sendo assim, com a interação, o indivíduo potencializa seu desenvolvimento em diversos aspectos, sendo mediado nas aquisições que ainda não realiza sozinho, aproximando-o a esses novos saberes, que tem por objetivo o processo de autonomia do indivíduo.

Essa distância entre o Real e o Potencial, é de fato, a distância em que a criança necessita de auxílio, pois ainda não consegue realizar sozinha uma tarefa e o papel do professor é mediar esse caminho auxiliando-a, dando pistas, instruções através das trocas, interações, trazendo formas de realizar a atividade, contribuindo para que realize de forma autônoma e correta a atividade, sendo reconhecida por Vigotski (1991) como Zona de Desenvolvimento Proximal.

No processo do ensino-aprendizagem da Libras é necessário considerar a ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal, pois é nessa zona que as aprendizagens que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de desenvolvimento, devem ser compreendidas pelo professor para que haja potencialização no ensino da língua de sinais.

Essa zona de desenvolvimento então, é o local de atuação do professor mediador, que faz a ponte entre os conhecimentos que a criança já possui e aqueles que ainda precisa construir, ou seja, nos conceitos que ainda estão em maturação, que ainda estão em processo de desenvolvimento podendo elevar o potencial de desenvolvimento, sendo imprescindível o conhecimento desse conceito e sua importância no processo do ensino-aprendizagem. Sendo assim, o que é desenvolvimento proximal hoje, poderá ser o real futuramente.

Nesse viés, o professor deve entender que o aluno é um ser ativo, participante do processo de aprendizagem. O professor então, deve identificar aquilo que a criança realiza sozinha e o que necessita de auxílio. Dessa forma, de acordo com Vigotski

(1991) a aprendizagem se dá muito antes da criança iniciar seus estudos, porém o conhecimento escolar adquirido, gera um desenvolvimento novo na criança,

[...] um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em operação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança (Vigotski, 1991, p. 60-61).

Para o ensino da Libras é de suma importância o professor entender o processo da aprendizagem e estar atento ao nível de desenvolvimento da criança para mediar de forma adequada o conhecimento, ajudando a construir uma autonomia na construção do conhecimento e cuidando para que novos conhecimentos possam ser adquiridos a partir dos desafios colocados para sua aprendizagem.

O professor mediador, atuando na Zona de Desenvolvimento Proximal, para puxar o amadurecimento das funções psíquicas no ensino de uma criança surda, deve contar com caminhos alternativos utilizando-se da Libras para potencializar a aprendizagem. De acordo com Vigotski (2022, p. 102), “[...] o defeito não é somente uma pobreza psíquica, mas também uma fonte de riqueza; não é apenas uma debilidade, mas também uma fonte de força”.

Tentamos desse modo, trazer algumas considerações importantes sobre a teoria histórico-cultural de Vigotski que se farão necessárias para a sequência deste trabalho.

No próximo capítulo, traremos a pesquisa de campo realizada e algumas considerações de análise acerca do ensino da Libras em uma sala de aula de alunos da Educação Infantil, conforme especificado nos objetivos desse estudo.

6 ENSINO DA LIBRAS ATRAVÉS DE CANTIGAS INFANTIS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA ALUNOS SURDOS E OUVINTES

Nesse capítulo, serão descritos as observações e os momentos de intervenção feitos pela pesquisadora no ensino da Libras para crianças da Educação Infantil, bem como as análises dos processos de pesquisa.

Antes de iniciar as análises, retomamos aqui o objetivo geral desta pesquisa que é investigar estratégias da prática docente que possibilitem o ensino da Libras para todos os alunos através de cantigas infantis, buscando compreender a possibilidade desse ensino e seus desafios em uma escola de Educação Infantil da rede pública municipal de São Gabriel da Palha –ES. Para tanto, foram realizados 3 momentos de pesquisa: 1. a observação das práticas e relações sociais vividas entre alunos ouvintes e aluna surda e entre alunos e professora; 2. a prática de ensino da Libras através de cantigas e; 3. produção de vídeos que foram disponibilizados através de leitores de Qr Codes e links do You Tube, como foi sinalizado no capítulo metodológico, com o intuito de trazer respostas às indagações dessa pesquisa.

As práticas de ensino da Libras aconteceram nos momentos das cantigas infantis, como já abordado anteriormente, em que se realizou as filmagens das práticas para o levantamento dos dados. Com 19 alunos matriculados na turma, dentre eles 3 alunos público da educação especial e com 3 profissionais da educação, notou-se que o processo de ensino-aprendizagem da criança com surdez acontece com algumas dificuldades.

As análises dos dados desenvolveram-se de forma a se distanciar do senso comum. Sendo a pesquisa fundamentada em participante, as análises são baseadas em referencial teórico, garantindo assim esse distanciamento, sendo que “para compreender o discurso de outrem e suas palavras – temos que compreender o seu pensamento. Mas também isto não basta – temos que conhecer também as suas motivações” (Vigotski, 1993, p. 149).

Destacamos também a importância do uso da Libras para a pessoa surda interagir e se comunicar com seu meio, sabendo que a língua de sinais é natural da pessoa com surdez surgindo como alternativa para entrada de conhecimento e desenvolvimento. Sendo assim, a Libras pode se configurar como caminhos “alternativos de adaptação, indiretos, os quais substituem ou superpõem funções que buscam compensar a deficiência e conduzir todo o sistema de equilíbrio rompido a uma nova ordem”. (Vigotski, 2011, p. 869).

6.1 Características dos participantes da pesquisa e seu meio social

Nas observações realizadas em sala de aula, destacamos que as relações sociais no contexto escolar são bem restritas entre as crianças e a professora, pois o foco centra-se bastante na Sara, aluna com surdez, e no José que é um aluno com transtorno do espectro autista. As carteiras são enfileiradas o que também dificulta a interação. As crianças típicas são extremamente silenciosas, pouco interativas e apáticas com as crianças público da Educação Especial. Muitas vezes, o silêncio da sala é quebrado ora por José, diante de uma crise ou por suas estereotípias, ora pela Sara, por sua inquietude, andando pela sala, mexendo nas mesas dos colegas, em mochilas, objetos etc. Sara é bastante agitada, não respeita as regras da escola. Os profissionais da escola questionam se a criança não possui alguma outra deficiência ou transtorno além da surdez pela sua inquietude.

Esses relatos demonstram que a criança surda quando é incluída em contextos escolares que predomine o oralismo, ou até mesmo sem oferta à língua de sinais, como é o caso de Sara, favorece a exclusão, surgindo esse tipo de comportamento. Segundo Fernandes (2006) esse tipo de situação facilita a

Hostilidade ou confronto diante de um sistema educacional que ignora suas necessidades linguísticas diferenciadas: a agressividade, a indisciplina, a evasão pelo fracasso escolar – mecanismos de defesa ou resistência ao instituído (Fernandes, 2006, p. 3-4)

A professora Valquíria é carinhosa e atenciosa com as crianças, porém mantém certa distância de interação. Sinto que essa distância se dá pelo fato de a sala de aula atender às especificidades diversas, e como forma de tentar manter o controle dos

alunos, não dá abertura para uma interação maior. Valquíria compartilha comigo suas angústias frente a uma sala de aula com vários alunos público da Educação Especial. Sente-se perdida por não conseguir prender a atenção dos alunos, em especial de Sara. A professora não sabe como desenvolver atividades e nem como interagir com a criança. Suas atividades pedagógicas se dão com maior empenho aos alunos típicos. Porém, sempre procura incluir os alunos atípicos de alguma forma nas propostas. Sua dificuldade em propor tarefas com acessibilidade aos alunos atípicos se dá por não conhecer os caminhos alternativos para isso.

Sara apresenta surdez profunda bilateral, segundo laudo médico. A criança é bastante agitada, uma vez que é bastante curiosa, inteligente, porém possui muitas dificuldades em se comunicar: de entender e se fazer ser entendida por seus pares. Em muitos momentos, observamos que a criança se exclui e por muitas vezes se rebela por não entender e nem se fazer entendida. A família da estudante é bastante carente tanto em termos econômicos quanto de acesso ao conhecimento mais acadêmico/científico. Os pais são separados e a mãe não consegue trabalhar, pois vive em função da filha. A mãe tem dificuldade em aceitar a surdez de Sara chegando a verbalizar que sua filha parece uma “louca”. Durante o período da pesquisa a mãe iniciou o processo de cirurgia de implante coclear com a esperança de que a filha comece a falar.

Essa situação descrita acima ocorre em muitas famílias de pessoas com surdez com pais ouvintes. Pessoas que desconhecem a Libras como a língua natural do surdo e procuram uma “cura para sua deficiência”. Segundo Santiago e Andrade (2013, pág.149) “sabemos que, no Brasil, a maioria das crianças surdas nascem em lares de pessoas ouvintes, com pais que não sabem a língua de sinais e não estão preparados para ter um filho surdo”.

A aluna iniciou seus estudos com idade de 3 anos na escola atual, onde teve um professor surdo para o ensino da Libras. Porém, Sara não se adaptou ao professor, ficava muito agitada com sua presença e não adquiriu a aprendizagem da língua de sinais. Pelo fato de a mãe ter esperança em ver sua filha falar, não quis para esse ano (2023) o atendimento com o professor surdo, pois o médico que realizou a cirurgia de implante coclear sugeriu que a criança não tivesse contato com a Libras, para incentivá-la na oralidade. Quando a mãe ficou sabendo da realização da pesquisa,

ficou em dúvida se aceitaria sua filha participar, porém quando foi explanado que a Libras seria ensinada a todas as crianças, ela permitiu que sua filha participasse também.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, Sara teve bastante faltas, devido ao processo de cirurgia de implante coclear com consultas e pelo afastamento devido a cirurgia, além dos dias que a mãe a deixava em casa depois do implante com medo de que pudesse bater a cabeça no local. Essas faltas prejudicaram, em partes, o processo da aquisição da Libras. Mas isso a prejudicou ainda mais, nas perdas da aprendizagem e nas interações que o espaço escolar oferece.

Além da dificuldade de comunicação, Sara tem impasses em seguir as regras e a rotina da sala, gosta de seguir apenas suas vontades. Dispersa-se com facilidade e perde com rapidez o interesse pelas coisas. Em muitos momentos a cuidadora só consegue que a criança faça a sua vontade por meio de trocas. Quando Sara não consegue o que quer, chora e grita, deixando seus colegas assustados.

No primeiro dia de observação, em momento do lanche, Sara brinca com um brinquedo. A professora chama os alunos para formar fila para irem para o refeitório, mas Sara não vai para a fila lanchar. Balançou a cabeça que não queria ir, a cuidadora toma o brinquedo que ela estava segurando, que começa a chorar muito e espernear no chão. Só foi para o refeitório após a cuidadora gesticular que iria entregar o brinquedo no refeitório. Mas ao chegar no refeitório, a cuidadora não dá o brinquedo, Sara chora muito e começa a bater na mesa, não lancha. Os colegas ficam em silêncio e meio assustados com a situação. Na volta, os colegas seguem para a fila, mas Sara sai correndo e chorando querendo o brinquedo. A cuidadora a leva para a sala. Demora um tempo para se acalmar (Diário de campo, 27 de fevereiro, 2023).¹⁸

Dessa forma, nota-se que Sara não possui nenhum tipo de intervenção pedagógica, nesse sentido expomos que sua inclusão em uma sala de aula comum não garante aprendizagens iguais às crianças típicas, segundo Will (2022) [...] é necessário escolarização equânime, independentemente de sua condição social ou biológica. ”

¹⁸ Em alguns momentos da escrita desse capítulo serão utilizados recortes do diário de campo para elucidar de como as situações escolares eram realizadas.

Percebe-se que esse modelo de inclusão que é aplicado à Sara, não é o mais adequado à criança. Falta uma inclusão real que a respeite com suas especificidades, seus direitos legais estão sendo suprimidos. Levanta-se aqui uma problematização dessa inclusão, onde lhe falta todos os recursos para o desenvolvimento escolar: Como incluir uma criança surda, onde a família desconsidera a língua de sinais como sua língua natural? Como incluir uma criança surda em sala de aula regular com professores sem conhecimento da língua de sinais e sem professores especializados na área da surdez? Todos esses questionamentos devem ser discutidos com urgência de ações e aprofundados como políticas públicas que abordem esse isolamento e exclusão da criança surda no contexto de inclusão e a restrição de acesso aos conhecimentos escolares da aluna.

Em relação aos cuidados com Sara como: acalmar, impor limites e realizar atividades, é a cuidadora que intervém nesses momentos. Quando a cuidadora falta, Sara fica ainda mais agitada, pois não há quem lhe chame atenção, fica livre para fazer o que quer e não realiza as atividades.

Em meio à agitação da Sara nas aulas, a professora Valquíria sempre tenta manter normalmente a rotina, pouco intervém nas atitudes da aluna, numa tentativa de não prejudicar os demais estudantes.

A professora continua com a rotina, mas Sara continua dispersa e andando pela sala. A professora tentando interagir com as crianças e não dando atenção para o que Sara está fazendo, faz janelinha do tempo, quantos somos, lê o alfabeto, as crianças repetem junto com a professora, mostra as figuras relacionando com a letra inicial, as crianças interagem com a professora nesse momento falando sobre as imagens e as letras. Sara volta a brincar na mesa dos colegas (Diário de campo, 28 de fevereiro, 2023).

Esse comportamento da professora, demonstra como a criança surda é excluída do contexto educacional, tendo perdas irreparáveis tanto pedagógicas de aprendizagens e desenvolvimento como também sociais, num ambiente que deveria ser acolhedor e propício ao desenvolvimento da sua língua. De acordo com Kendrick (2023)

As consequências da privação da língua na fase correta têm se apresentado como prejudiciais ao desenvolvimento linguístico e social, bem como acarreta, à grande maioria, defasagem na sua escolarização, devido à aquisição tardia

de linguagem. Nesse sentido, a escola desempenha uma função ímpar para subsidiar às crianças surdas possibilidades de aquisição da língua de sinais, quando ofertada nos espaços escolares de modo irrestrito e com intenção pedagógica (Kendrick, 2023, p.22)

O comportamento excludente da professora em relação à aluna chama atenção para o pensamento de muitos professores em contextos educacionais, ora não sabem lidar com a criança, alegando não terem estudado para tal atendimento, ora deposita a responsabilidade no professor especializado. Segundo Will (2022)

[...] diálogos excludentes em contextos educacionais acabam atribuindo a responsabilidade pelo aluno público da educação especial ao professor de AEE, em que apenas os profissionais específicos da educação especial constroem objetivos de desenvolvimento adequados a esses alunos – dessa maneira, em diferentes áreas na escola, eles se tornam situações-problemas sob a visão da diversidade. (Will, 2022, p.35)

Além da falta de profissionais dentro e fora da sala de aula, os recursos utilizados pela professora nos momentos de cantigas infantis são gestos com as mãos, o que não chama atenção de Sara. Nos momentos das contações de histórias, Sara apenas se interessa quando há imagens, mas sua atenção não se prende por muito tempo, o que corrobora com ideia de que a criança com surdez é visual, necessitando de um ensino que preze por esse tipo de recurso pedagógico.

A professora inicia a contação de história, mas Sara parece não prestar atenção, porém quando a professora mostra as imagens de um passarinho e de um dragão (personagens da história), chama atenção dela, mas rapidamente perde o foco e começa a se balançar na mesa (Diário de campo, 28 de fevereiro, 2023).

Segundo Silveira (2020), o professor deve mediar suas práticas utilizando meios alternativos para o ensino-aprendizagem da pessoa com surdez.

Nesse contexto, o professor regente precisa encontrar estratégias que contemplem a condição visual da pessoa surda, dando-lhe tempo apropriado para a realização das atividades, mediando à aprendizagem de forma adequada, buscando estratégias de ensino e processo de avaliação condizente com sua língua. (Silveira, 2020, p. 91).

Os alunos ouvintes são bem apáticos com Sara. A professora relatou que no início das aulas fez uma conversa com as crianças para que elas não lhe dessem atenção quando aprontasse ou quando ela estivesse andando pela sala, brincando etc.

[...] Sara se senta de costas para a professora, pega uma boneca em sua mochila, brinca com ela. Depois se levanta e passa de mesa em mesa fazendo caretas para os colegas, mexe nas mesas deles e faz expressão com o rosto como de assustar as crianças, porém elas pouco interagem com ela. E a professora pede para os colegas “deixarem” a Sara (Diário de campo, 27 de fevereiro, 2023).

Além disso, ensinou às crianças a corrigirem Sara, apontando o dedo indicador, fazendo o sinal de “não” quando ela fizesse algo que fugisse das regras, o que irritava muito a criança.

Sara chora porque a cuidadora toma seu brinquedo para ela prestar atenção na história. A cuidadora faz sinal de “não” com o dedo, então Sara começa a chorar mais alto. Os colegas também começam a fazer sinal de “não” com o dedo para a criança para dizer a ela que não podia chorar, mas ela chora ainda mais (Diário de campo, 27 de fevereiro, 2023).

[...] Sara continua agitada andando pela sala, então a professora novamente pede para as crianças não darem atenção para a colega, pois a Sara não ouve, e pergunta o que tem que fazer para conversar com a Sara, as crianças respondem gritando e fazendo sinal com o dedo indicador “Não”. Sara vê seus colegas fazendo sinal e se irrita mais uma vez com os gestos, avançando sobre alguns (Diário de campo, 28 de fevereiro, 2023).

A única interação observada das crianças para com a Sara era no sentido de chamar sua atenção. Sara também tem dificuldade em expressar carinho e deixar que as pessoas se aproximem.

Cheguei à escola e as crianças já estavam no refeitório. Tentei uma aproximação com a Sara passando a mão sobre sua cabeça num gesto de carinho, porém ela não gostou se afastando de mim (Diário de campo, 28 de fevereiro, 2023).

Essas vivências com falta de interações afetivas foram observadas em diversos momentos da pesquisa. Quando se sentia parte das relações, a aluna demonstrava interesse nas aulas e participativa das práticas pedagógicas utilizando o recurso visual e quando a professora a colocava em contato direto com esses recursos para interagir com a aula. Esse, um dos momentos raros observados, está descrito abaixo,

A professora conta a história da Branca de Neve, usa palitoches como recurso visual e convida a Sara para segurar esse material. Sara anda pela sala mostrando os personagens aos colegas. Eu a chamo fazendo um sinal a chamando e peço para me mostrar (fazendo sinal em Libras), ela entende o sinal e me mostra, faço o sinal de lindo e devolvo o palitochê. Essa foi a primeira vez que consegui interagir com a Sara e ter uma devolutiva (Diário de campo, 02 de março, 2023).

É notório que Sara se sentiu participante, naquele momento, de algo significativo, pela sua expressão. Após o episódio, observo que Sara começa a participar da aula realizando a atividade que fora proposta pela professora.

[...] a professora cola a tarefa no quadro mostrando que era um espelho de papel laminado e que era para pintar bem bonito. Sara faz sinal de positivo com o polegar e sorri demonstrando que entendeu o que era para fazer, senta-se na mesa e começa a realizar a atividade [...] (Diário de campo, 02 de março, 2023).

A partir desse momento com a professora, com os colegas e com a pesquisadora, as barreiras da falta de interação foram quebradas. Sara, que antes era apática com a pesquisadora, agora interage com ela mostrando suas atividades, demonstrando assim que essa atitude da professora estabeleceu laços de comunicação que fez sentido para Sara. Segundo Vigotski (2001, p.176) “através de palavras dotadas de significado a criança estabelece a comunicação com os adultos”.

Eu sentada no final da sala, no cantinho, Sara finaliza a tarefa do espelho e vem me mostrar, (fiquei muito surpresa, pois ela quase não interage comigo), eu faço sinal de lindo, ela pega de volta e repete o sinal que fiz olhando para o espelho. Ela vai até o colega que tem múltiplas deficiências e dá um carinho na cabeça. A cuidadora a chama para finalizar a tarefa com colagem. Outra criança também vem me mostrar o espelho produzido e eu falo e faço sinal de lindo, e peço a criança para repetir o sinal, a criança não repete o sinal e volta para sua mesa (Diário de campo, 02 de março, 2023).

Esses relatos evidenciam que Sara não se sente pertencente a um ambiente onde prevalece o oralismo. Um único momento foi observado em que a criança interage com seus pares, mas se sente perdida pois não se vê no outro. Não é compreendida por seus pares e tão pouco por sua professora e cuidadora, fortalecendo assim a ideia que, de fato, o melhor ambiente para o ensino aprendizagem da pessoa com surdez é juntamente com seus pares linguísticos, pois possibilita o desenvolvimento e a produção de conhecimentos, onde há apropriação da cultura e da identidade. Corsaro

(2011, p. 127) usa o termo “pares” para se referir “a coorte ou o grupo de crianças que passa seu tempo junto quase todos os dias”.

Corsaro, a partir de seus estudos sobre as crianças em contexto de educação infantil, destaca o papel dos grupos de pares no processo de socialização infantil, como lugar de produção de sentido para o mundo e partilha de preocupações, medos e conflitos. Para ele, é nos grupos de pares, ao ter que lidar com as situações da vida, que as culturas de pares infantis são produzidas (Dip, Tebet, 2019, p.33).

Os relatos acima descritos, fazem parte do primeiro momento da pesquisa, que é a observação. Momento muito importante para entender o contexto educacional de como acontece a inserção do surdo na educação básica sem mediações adequadas para o seu desenvolvimento. Segundo Kendrick (2023, p.190) “A questão do isolamento linguístico que a prática de colocar cada criança surda em escolas diferentes causa é extremamente grave e precisa ser esclarecida”.

Os relatos levantados a partir da observação possibilitam reflexões sobre como a pessoa com surdez ainda está excluída na sociedade, como os profissionais da educação básica estão despreparados para receber esses alunos, reforçando assim, a necessidade de políticas públicas voltadas para a inclusão do ensino da Libras no currículo na educação básica desde a educação infantil. De acordo com Kendrick (2023, p.68) “A fase da vida em que a pessoa surda adquire a língua de sinais impacta todo seu desenvolvimento linguístico e global, pois a idade tem efeitos de longo prazo na compreensão e produção de surdos sinalizadores”.

Nesse sentido, segue nas seções abaixo, os episódios com a intervenção do ensino da Libras em uma sala de educação infantil onde há ouvintes e uma criança com surdez, trazendo as potencialidades do ensino dessa língua, seus desafios e suas dificuldades.

6.2 Primeira intervenção com ensino da Libras: Cantiga “O jacaré foi passear lá na Lagoa”¹⁹

A escolha da cantiga ocorreu pelo fato de ser uma música que as crianças têm bastante afinidade. Foram realizados 12 momentos com o ensino da Libras utilizando essa cantiga. Todas as técnicas e sinais empregados na música encontram-se disponíveis no Qr Code ao lado, ou acesse pelo link https://youtu.be/dzZiIYIC_Mk.



Antes de iniciar a cantiga, foi realizado uma roda de conversa sobre o que iria ser aprendido. Na medida em que ia mostrando e ensinando os sinais, colava-os na parede e após cantava-se a música. Utilizei de caminhos alternativos para memorização através dos recursos visuais colados na parede que atende tanto a criança surda e que facilita também a aprendizagem das crianças ouvintes.

Figura 1- Foto dos sinais da música “O jacaré foi passear lá na Lagoa” exposto na parede da sala de aula



Fonte: Imagem da autora (2023).

No dia 06/03/2023 levei cada parte da música em imagem, para facilitar a visualização com o sinal correspondente. Os verbos que não têm imagem para definir, fiz em palavras e fotografei-me com o sinal correspondente. Mostrei para as crianças cada imagem e seus sinais correspondentes pedindo para que repetissem.

¹⁹ O capítulo será escrito em primeira pessoa, por configurar-se na descrição das práticas e observações desenvolvidas pela pesquisadora junto aos participantes da pesquisa.

Enfatiza-se aqui a importância de um ambiente que promova a produção da linguagem, com recursos viso/gestual para a interação das crianças, a fim de favorecer o desenvolvimento da aquisição da Libras.

Após a demonstração, cantei a música “O jacaré foi passear lá na lagoa” e assim elas foram acompanhando. Depois fui perguntando se lembravam de algum sinal.

[5 min e 15 s]: -Jacaré, quem lembra? A maioria das crianças realizaram o sinal.

[5 min e 25 s]: -Passear? Alguns responderam com gestos parecidos. Aí mostrei como era o sinal e pedi para repetirem.

[5 min e 37 s]: -Lagoa? Apenas uma criança lembrou. Ensinei novamente o sinal.

[5 min e 45 s]: -Parou? Apenas duas crianças lembraram. Mostrei novamente o sinal e pedi para repetirem.

[5 min e 58 s] -Peixe? Algumas acertaram.

As crianças começaram a perceber e relacionar os sinais com gestos usados no dia a dia, principalmente no uso das cantigas ensinadas pela professora.

[6 min] Jackson disse que o sinal de peixe estava quebrado, aí eu perguntei o porquê. Ele respondeu: -Porque peixe é assim! Realizou o gesto com as duas mãos fechadas.

[6 min e 11s] A professora explica que o aluno fez referência a uma música que ela canta e usa o gesto com as duas mãos. E para a criança o meu peixe estava “quebrado”, pois eu usava apenas uma mão para realizar o sinal.

Observa-se que a criança busca nos conhecimentos já adquiridos e tenta relacionar com as novas aprendizagens, que segundo Vigotski (2001, p. 269)

Para assimilação de uma nova língua não passa por um novo tratamento do mundo material nem pela repetição de um processo de desenvolvimento já percorrido uma vez, mas por outro sistema de linguagem anteriormente apreendido e situado entre a linguagem a ser reassimilada e o mundo dos objetos.

Ressalta-se aqui que através da mediação com outras pessoas que ensinam, aprendem e agem em conjunto, as crianças constroem os seus próprios mundos culturais, sistemas de comunicação e expressões culturais concretas.

Sara não interagiu na primeira aula, acompanhou o ensino observando apenas, pois sentia dor de dente. Mas com relação aos alunos ouvintes, percebe-se, já no primeiro dia de ensino da Libras, uma pequena aprendizagem. O ensino foi recebido pelos alunos com muito entusiasmo. No final da intervenção, as crianças pediram para a pesquisadora voltar outro dia.

Continuamos o trabalho no dia 08/03/2023. Nesse dia a Sara faltou. A professora relata que a mãe levou Sara para consultar, pois ela passaria pela realização de um implante coclear e que a criança teria que se ausentar por um período das aulas assim que a cirurgia acontecesse. Logo após, a professora convidou-me para ensinar Libras para as crianças.

Dei boa tarde em Libras para as crianças, algumas repetiram o sinal. Mostrei novamente as imagens da música ensinada na última aula, que já estava colada na parede, com o sinal correspondente, após cantei a música “O jacaré foi passear lá na lagoa” utilizando os sinais ensinados e as crianças repetiram. Após cantar a música fiz o sinal e perguntei:

[6min e 12s]: -Que sinal é esse, Helena?

[6min e 15s]: Ela respondeu balançando a cabeça que não sabia.

Imediatamente Lucas grita da cadeira: -É jacaré!

Elogiei a criança e logo após, fotografei alguns sinais realizados pelos alunos.

Figura 2 - Sinal de “jacaré” em Libras



Fonte: Imagem da autora (2023).

Figura 3 - Sinal de “parar” em Libras



Fonte: Imagem da autora (2023).

Seguindo no ensino da Libras, no dia 09/03/2023, Sara faltou novamente. Cantamos de novo a música do jacaré com os sinais. Fui apontando para as imagens da música coladas na parede e pedi para que as crianças realizassem o sinal correspondente. Muitos respondiam com os sinais, outros já ficavam em dúvida. Depois, troquei de estratégia, eu fiz sinal com minhas mãos e as crianças respondiam o que o sinal correspondia. Nesse dia, notei que as crianças já estavam bastante interessadas pelos sinais e criando hipóteses de respostas.

Prosseguindo, no dia 10/03/2023, ao chegar na sala de aula vejo duas crianças brincando entre si utilizando o sinal do jacaré demonstrando assim uma internalização do sinal e seu uso nas práticas sociais. Segundo Vigotski,

Na fase inicial o esforço da criança depende, de forma crucial, dos signos externos. Porém, essas operações sofrem mudanças radicais: a operação da atividade mediada (por exemplo, a memorização) como um todo começa a ocorrer como um processo puramente interno. (Vigotski, 1991, p. 40).

Nesse dia, Sara estava presente na aula. As imagens coladas na parede com os sinais da música do jacaré chamaram sua atenção. Ela foi até as imagens, olhou, tentou reproduzir alguns sinais, mas não os realizou corretamente. Isso porque ela havia faltado na aula anterior e só esteve presente em apenas uma aula quando apresentei os sinais, não interagindo nos momentos de ensino, pois estava com dor de dente. Portanto, ainda não conheceu todos os sinais.

Essa privação pela língua de sinais, acarreta grandes prejuízos para a criança que a seguirá por toda a vida, conforme é exposto por Kendrick (2023)

Uma questão de relevância sobre as experiências linguísticas que a criança surda tem na sua infância e adolescência repercute na constituição de seu *habitus* e consequentemente de sua posição dentro do campo da educação de surdos e na sociedade. (Kendrick, 2023, p.183)

Ainda segundo a autora, esse contato com língua de sinais, a criança surda deve ter desde a educação infantil, fase em que se encontra Sara.

Neste sentido, reafirmamos que a educação bilíngue para crianças surdas deve acontecer desde a educação infantil, com proposta significativa para aquisição da língua de sinais. (Kendrick, 2023, p.183)

A professora inicia sua aula realizando a rotina da sala, com leitura do alfabeto e depois mostrou os números pregados na parede que chamou atenção da Sara. Logo após, iniciei a intervenção com os sinais da música.

[1 min e 34s]: Mostrei para Sara a imagem do jacaré e pedi para ela repetir, ela repetiu o sinal, mas rapidamente se dispersou saindo de perto de mim, indo em direção aos colegas para mexer na mesa e fazendo gesto de monstro.

[1 min e 45s]: Pedi às crianças para fazerem o sinal de jacaré para Sara ver. As crianças fizeram, porém Sara não deu atenção continuando a fazer caretas nas mesas dos colegas.

[2 min e 09s]: Fui mostrando outros sinais e as crianças reproduziram. Mas Sara não se interessou, se jogou no chão.

[2 min e 20s]: Fiz o sinal de “olhar” para as crianças repetirem. Nesse momento Carlos falou: - Sara! Olhou! Olhou! Fazendo o sinal para Sara. Sara também não deu muita atenção.

Percebo nesse momento que as crianças já estão compreendendo também a importância de Sara aprender a língua de sinais e noto com a atitude de Carlos que há uma mudança de comportamento em relação à Sara. Antes, a única interação entre Sara e os colegas era nos momentos em que eles chamavam sua atenção. Agora, as crianças iniciam uma interação no sentido de incentivar a colega a aprender a sua língua. A aprendizagem da Libras desperta transformações internas através da interação com o outro, segundo Vigotski (1991, p. 77)

[...] O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em operação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança.

[2 min e 35s]: Continuei mostrando as imagens dos sinais.

Apesar de todo o esforço dos colegas em incentivar Sara na aprendizagem da língua de sinais, ela, muitas vezes, não apresenta interesse como é demonstrado nos relatos abaixo. Apesar de a criança demonstrar facilidade na aquisição, ela não se reconhece usuária dessa língua, uma vez que deve ser levado em consideração que, para apropriação do uso da Libras o surdo deve pertencer ao grupo linguístico, que no caso da Sara não há esse contato, a não ser nesses momentos de intervenção. Para Kendrick (2023)

As experiências linguísticas, culturais e educativas, junto com demais experiências fora do ambiente escolar, são elementos constitutivos do ser surdo. Assim, o desenvolvimento dos processos de organização de pensamentos, de ações e de novas aprendizagens depende da construção da linguagem, com bases sólidas. (Kendrick, 2023, p.183)

Nesse sentido, fica claro que para Sara se desenvolver nos aspectos pedagógicos, culturais, sociais e linguísticos, ela necessita ter contato com a Libras em outros momentos também, principalmente com outros pares linguísticos. Situação que não ocorre com a aluna.

Os relatos continuam a seguir.

Sara está brincando na mesa dos colegas. A professora traz a Sara de volta para eu mostrar o sinal de peixe. Eu abaixo na altura da criança, mostro o sinal, porém ela não tem interesse algum nem pela figura e nem pelo sinal.

[2 min e 50s]: Convido as crianças a cantarem a música do jacaré. Início a música com as crianças realizando os sinais.

[3 min e 45s]: Nesse momento, a turma toda começa a cantar e a fazer os sinais em Libras.

Sara vai até onde eu estou na frente da sala olhando para os colegas e faz o sinal de jacaré como os colegas e sai andando pela sala. As crianças continuam concentradas em mim realizando os sinais.

[4 min e 10s]: Novamente Sara vai a frente e faz o sinal de jacaré juntamente com os colegas e parece se balançar, como se estivesse ouvindo uma música, no ritmo da cantiga.

[4 min e 30s]: Sara vai até a mesa de Carlos, pega em suas mãos e o auxilia no sinal de jacaré.

[4 min e 37s]: Kevin viu Sara indo até a mesa de Carlos e fez o sinal de “não” para ela. Sara avançou sobre o menino, com muita raiva. Eu parei a cantiga. Conversei com Kevin e expliquei que Sara só queria ajudar o colega. Eu segurei Sara pela mão e a coloquei sentada e continuei com a canção.

Nota-se que Sara, vendo seus colegas realizando os sinais, também quis realizar. Mais uma vez percebo a interação de Sara com seus colegas utilizando a Libras. Porém, algumas crianças ainda têm a percepção que Sara não deve interagir com elas, pois anteriormente a professora havia conversado com a turma para corrigirem

a Sara com o sinal de “não” quando a vissem fazendo algo de errado ou a “deixassem de lado”.

[6 min e 14s]: Final da música chamei quem gostaria de ir à frente cantar e fazer os sinais presentes na música do jacaré.

Sara continua andando pela sala. Algumas crianças foram à frente da sala, eu cantei a música e elas fizeram alguns sinais.

[7 min e 08s]: Sara foi à frente da sala também nessa hora realizando o sinal de jacaré igual aos colegas.

[7 min e 34s]: Chamei outras crianças à frente. Nessa hora, Sara fica em pé olhando os colegas realizando os sinais e começa a mexer nos números apontando, contando a quantidade, imitando a professora.

[7 min e 58s]: Chamei outras crianças. Comecei a cantar a música e as crianças realizaram os sinais com o meu auxílio.

[8 min e 15s]: Sara continua distraída enquanto os colegas vão à frente realizar os sinais da cantiga. Sara encontra uma letra e tenta colar no quadro.

[8 min e 25s]: Sara observa as crianças apresentando a música. Percebe que chegou a hora de realizar o sinal de jacaré, corre para perto dos colegas que estão à frente cantando e sinalizando e faz também o sinal de jacaré.

[9min e 37s]: Chamei a Alice para mostrar para Sara os sinais da letra da música.

[9min e 56s]: Alice fez o sinal de passear, mas Sara só fazia do jacaré.

[10min e 03 s]: Sara olhou para os outros sinais, mas não se interessou em repeti-los.

[10min e 10 s]: Continuei perguntando para a Alice o restante dos sinais. Ela fez todos.

Os relatos acima demonstram o interesse de Sara pertencer àquele grupo realizando os sinais em alguns momentos, porém se dispersa com facilidade, demonstrando assim que falta entendimento do signo (Libras) e seus usos sociais em práticas com significado. Demonstrando assim, que esse ambiente onde a criança está incluída sem pares linguísticos, sem referência da língua, e com falta de profissionais capacitados, e tendo momentos pontuais do contato com a Libras, onde a inclusão não acontece.

É urgente pensar em uma educação inclusiva. Para que isso ocorra realmente em escolas regulares Kendrick (2023) relata que:

[...] não se trata de ofertar o espaço para que as turmas de estudantes surdos sejam agrupadas, mas de construir uma escola com identidade bilíngue, onde os estudantes surdos tenham experiências na escola comum, pautadas em proposta que não esteja fundamentada na Política de Educação Especial [...] (Kendrick, 2023, p.191)

Em relação às crianças ouvintes e a aprendizagem da Libras, elas têm demonstrado bastante atenção e interesse em conhecer a língua. Há bastante interação, participação e mudança no comportamento em relação à criança com surdez, que segundo Vigotski (1991, p. 41) “a internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos”.

Prosseguindo com as intervenções, no dia 13/03/2023, a professora relata que Sara está de licença médica sem data prevista para retorno, devido à cirurgia de implante coclear. Continuei ensinando Libras para as crianças ouvintes. Fiz uma revisão da música do jacaré para assimilação e internalização dos sinais e memorização também.

[30 s]: Dei boa tarde para as crianças em Libras. Algumas crianças responderam em Libras também.

[34s]: Perguntei se elas lembravam qual música havia ensinado para elas que responderam que era do jacaré. Perguntei se lembravam qual era o sinal do jacaré, elas responderam fazendo o sinal do jacaré.

[1 min e 06s]: Perguntei quais outros sinais que usamos na música, a Alice fez o sinal de passear.

[1 min e 15s]: Perguntei para a turma que sinal era aquele, Lucas Bruno e Marta responderam: - Passear!

[1 min e 40s]: Fiz um sinal e perguntei qual sinal que eu estava fazendo, eles responderam: - Parou!

[1 min e 53s]: Perguntei sobre outro sinal e responderam: - Dormiu!

[2 min e 20s]: Convidei as crianças a cantarem a música realizando os sinais.

[3 min e 15s]: No momento da cantiga perguntei o que que o jacaré viu. A Alice, o Bruno, o Jackson, a Marta, a Helena e a Mila responderam com o sinal do peixe.

[7 min e 27s]: Chamei Kevin, Mila e Helena para apresentarem a música do jacaré em Libras na frente da sala para os colegas, mas ficaram envergonhados, e fizeram os sinais juntamente comigo.

[8 min e 13s]: Chamei Lucas, Carlos e Alice e falei que eu iria cantar e eles iam fazer os sinais. Cantei “O jacaré foi passear lá na lagoa...” eles fizeram o sinal de jacaré e passear, mas esqueceram de fazer o sinal de lagoa.

[8 min e 47s]: Mostrei a eles o sinal de lagoa, expliquei que são 2 sinais para representar a lagoa. Repeti a música com eles e realizaram todos os sinais com perfeição.

[11 min e 13s]: Enquanto eu revisava os sinais para a turma, a Yasmim virou de costas para mim e de frente para a câmera que estava filmando a aula e foi realizando os sinais que eu estava falando: jacaré e parar.

Continuando com as intervenções para o ensino da língua de sinais, no dia 15/03/2023 revisamos a música do jacaré. Nesse momento, observei que os sinais realizados pelas crianças já estão bem definidos e consolidados, demonstrando que o nível de desenvolvimento real já se concretizou, pois realizam os sinais de forma mais independente. De acordo com Vigotski (1991, p.58) “[...] o nível de desenvolvimento real de uma criança define funções que já amadureceram, ou seja, os produtos finais do desenvolvimento. Se uma criança pode fazer tal e tal coisa, independentemente, isso significa que as funções para tal e tal coisa já amadureceram nela”.

[9min e 53s]: Chamei a Helena à frente e perguntei como era o sinal de “passear” em Libras. O Lucas que estava sentado falou: - É assim oh! Realizando o sinal com perfeição. A Helena é bastante tímida. Chamei o Lucas para ajudar ela a fazer o sinal. Ele foi à frente e fez o sinal e a Helena e o restante da turma repetiram.

[10min e 10s]: Chamei Yasmim e perguntei: - Yasmim, como faz “parar em Libras?

[10min e 17s]: O Jackson, gritou: - Oh tia é assim! Realizando o sinal.

[10min e 18s]: A Yasmim olhou para as imagens na parede procurando o sinal de “parar” para fazer. Encontrou e lembrou do sinal, realizando-o.

[10min e 50s]: Chamei Mila e perguntei como é “comer” em Libras. O Lucas, o Jackson e o Bruno fizeram o sinal. – É assim tia! Gritaram da cadeira onde estavam. Mila viu os colegas fazendo e repetiu o sinal com perfeição.

[11min e 21s]: Chamei a Helena e pedi para fazer o sinal do peixinho. Ela fez só uma parte do sinal. Perguntei para a turma se aquele era o sinal do peixinho. Algumas balançaram a cabeça dizendo que não e já realizando o sinal corretamente.

[11min e 44s]: Chamei a Marta e perguntei como é o sinal de “comer”, a criança respondeu com perfeição. Para verificar a aprendizagem perguntei a turma se estava correto o sinal realizado pela aluna. Eles responderam que sim.

[12min e 15s]: Chamei o Lucas à frente e perguntei como é o sinal de lagoa. Ele fez somente parte do sinal. Perguntei para a turma se aquele sinal estava correto, eles balançaram a cabeça que não. Expliquei que o sinal de lagoa tem dois pontos de articulação, eu fiz o sinal para eles verem e pedi para eles repetirem.

Dando prosseguimento ao ensino da Libras, no dia 20/03/2023 relembrei com os alunos a música do jacaré. Passei sinal por sinal presentes na música antes de cantar com as crianças.

[12min e 21s]: No meio da música o Jackson falou: - O jacaré tem uma boquinha, olha só! (Fazendo o sinal da boca do jacaré bem fechada).

Fui perguntando sobre os sinais para cada criança:

[13min e 35s]: Perguntei ao Bruno: -Faz o sinal do jacaré pra mim. Ele balançou a cabeça que não queria fazer. Aí eu perguntei como faz o sinal de jacaré para a turminha, eles fizeram o sinal. E Bruno fez também.

[14min e 01s]: Perguntei ao Kevin como é “passear” em Libras que não soube fazer e os outros mostraram.

[14min e 15s]: Perguntei ao Carlos como é lagoa em Libras: ele só fez o segundo sinal, aí eu perguntei para a turma se era daquele jeito, as crianças responderam que não, aí eu pedi a coleguinha então para ensinar para o Carlos. Explique que lagoa tem 2 sinais, dois pontos de articulação.

[14min e 38s]: Pedi à Marta para fazer o sinal de “parar” que fez corretamente. Como forma de verificação da aprendizagem, perguntei para a turma se estava certo o sinal feito pela Marta e responderam que sim balançando a cabeça. E assim fiz com todos os sinais da música do jacaré.

No dia 10/04/2023 continuei revisando a cantiga do jacaré indagando sobre as preferências de sinais presentes na referida música. Anteriormente, conversei com as crianças que precisamos aprender os sinais, pois assim que a Sara retornar da cirurgia, possamos nos comunicar com ela.

[3 min e 27s]: Pergunto sobre as preferências dos sinais da música do jacaré para as crianças.

[3 min e 30s]: Lucas falou que é o peixinho seu sinal preferido.

[3 min e 32s]: -E como faz o peixinho? Ele mostrou com a configuração de mão e o ponto de articulação do sinal de peixe. Demonstrando aprendizagem do sinal que estavam com certa dificuldade anteriormente por se tratar de 2 pontos de articulações para realizá-lo.

[3 min e 37s]: Bruno ficou em dúvida qual mais gostava.

[3 min e 41s]: A Helena fez o sinal de parar.

[3 min e 43s]: Perguntei para a turma: - Que sinal é esse que Helena fez? – Eles respondem: - Parou!

[3 min e 50s]: A Mila fez o sinal do jacaré.

[3 min e 53s]: Perguntei para a turma: - Que sinal é esse? Eles responderam: - Jacaré!

[3 min e 59s]: A Alice falou e fez com as mãos o sinal de comer.

[4 min e 4s]: Marta fez o sinal de dormir.

[4 min e 8s]: Perguntei para a turma: - Que sinal é esse? – Eles responderam: -Dormir!

Dando continuidade, no dia 14/04/2023 cheguei à escola para mais um dia de intervenção e tive a grata surpresa de que Sara havia retornado da licença médica desde o último dia 12/04/2023. Coloquei minha bolsa na sala de aula e fui para o refeitório onde estavam as crianças. Chegando lá a Alice me falou: - Tia, eu já estou

ensinando a Sara as coisas de lá! Apontando para a sala, perguntei se era sobre a Libras, a aluna balança a cabeça que sim. Percebi nesse momento que os alunos entenderam a finalidade da Libras e sua importância.

Uma cuidadora veio me falar que viu a Sara em frente ao cartaz dos sinais reproduzindo-os. Já na sala de aula juntamente com as crianças, a professora inicia a aula com cantigas. Canta a música do peixinho Flix e reproduz o sinal que eu já havia ensinado. Ela olha para Sara que está sentada em sua cadeira e a chama mostrando a imagem do peixe que está pregado na parede, faz o sinal e pede para repetir. Sara reproduz com perfeição o sinal, a professora dá um abraço nela e continua com as cantigas. Sara retornou para a escola há dois dias e pude perceber que a criança apresenta mais atenção e concentração nas aulas. Permaneceu sentada em sua cadeira e realizava todas as atividades.

Retomo então os sinais da Libras que anteriormente já havia explicado, pois Sara participou de apenas dois desses momentos, então para minha percepção, a criança estava atrasada na aquisição da Libras, mas Sara me surpreendeu, pois lembrou de todos os sinais, sendo muito participativa e interativa, como é demonstrado abaixo:

[9s]: Cumprimentei as crianças com “oi” em Libras e com a voz.
[20 s]: Expliquei que iremos rever alguns sinais e depois iremos brincar de batata que passa-passa.

Fiz o sinal de brincar enquanto eu falava a palavra na frase, e algumas crianças repetiram sem que eu pedisse para repetir, demonstrando mais uma vez autonomia no uso da Libras.

[25 s]: Mostrei o sinal de jacaré usando a imagem colada na parede e chamei a Sara para mostrar a imagem e o sinal para ela. Sara sentada e sua cadeira repetiu o sinal.
[37 s]: Fiz o sinal de passear, mostrei a imagem do sinal para Sara e mais uma vez ela repetiu de onde estava sentada.
[42 s]: Benício entregou um pedaço de massinha a Sara o que tirou sua atenção.
[43 s]: Mostrei a imagem de lagoa e pedi a Sara para repetir, porém ela está entretida com a massinha.
[49 s]: A cuidadora vai até a Sara e toma dela a massinha.
[53 s]: Fiz o sinal de parar. Sara repete o sinal.
[1min e 1s]: Mostrei o sinal de dormir para Sara e perguntei a ela como faz. A aluna repete com precisão e com muita expressão.

[1min e 7s]: Fiz sinal de parabéns e dou um sorriso de felicidade, pois ela realizou todos os sinais.

[1min e 12s]: Nesse momento, Sara gritou me chamando atenção, eu olho para ela e ela faz o sinal de “ver”, me alertando que eu havia esquecido de ensinar.

[1min e 16s]: Eu mostrei a imagem e falei com as crianças que Sara me lembrou de um sinal que havia esquecido.

[1min e 25s]: Mais uma vez Sara gritou, como se estivesse pedindo para olhar para ela.

[1min e 26s]: Olhei para Sara e ela repetiu o sinal mais uma vez.

[1min e 28s]: Eu a parabenizei.

[1min e 30s]: Sara foi até a mesa da Mila e mostrou como fazia o sinal “ver”.

Os relatos acima demonstram que Sara internalizou alguns sinais e conseguiu se comunicar com a pesquisadora de forma clara explicitando uma mudança no comportamento através da relação, alavancando funções psicológicas superiores que segundo Vigotski (1991, p. 41)

Um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal. Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (Interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica). Isso se aplica igualmente para a atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos.

Todas que estavam na sala de aula, professora e cuidadoras, ficaram maravilhadas como Sara estava interagindo com a turma através da Libras e seus colegas a compreendendo.

[1min e 30s]: A cuidadora relatou que, quando Sara retornou para a escola, a primeira coisa que ela fez na sala foi ir aos cartazes e reproduzir os sinais.

Vale enfatizar que Sara participou apenas de dois momentos do ensino da Libras antes de sair de licença para fazer a cirurgia e quando retornou não havia esquecido dos sinais. Com isso, constata-se que, Segundo Quadros (1997, p.83), “quando uma criança é exposta a sua L1, a aquisição ocorre espontaneamente e de forma natural”. Ressalto que o implante coclear de Sara ainda não foi ligado, apenas foi implantado aguardando a criança se acostumar com o aparelho para futuramente ser conectado.

Prosseguindo com a intervenção, no dia 24/04/2023 a professora relatou que a mãe da Sara a levou ao médico para ligar o aparelho auditivo e que ela não virá para a

escola por algum tempo, pois tem que ter muito cuidado para não desregular e nem bater em cima do aparelho.

Levei uma atividade impressa para as crianças relacionarem imagens com seus respectivos sinais e desenhar, numa tentativa de entender se houve a aprendizagem dos sinais ensinados, buscando evidências de aprendizagem. Tirei fotos das crianças identificando os sinais com suas imagens, após elas desenharem o sinal correspondente.

São 19 crianças matriculadas nessa turma. Estiveram presentes apenas 12. Dessas 12 crianças, apenas 3 não conseguiram relacionar o sinal, que são alunos que faltam com bastante frequência. Foram tiradas as fotos somente de quem ocorreu a aprendizagem. José, um aluno com autismo severo realizou a atividade com o auxílio da cuidadora.

A atividade foi desenvolvida da seguinte forma: Numa folha impressa haviam sinais para a criança identificar através de imagens soltas. Um sinal de cada vez a criança foi identificando. O primeiro sinal que estava na folha era de Jacaré. As imagens mostradas para a criança eram as imagens de: peixe, barco e jacaré. A criança olhava o sinal e tentava identificar qual das imagens aquele sinal era correspondente apontando para ele. 9 crianças conseguiram apontar para a figura correspondente ao sinal.

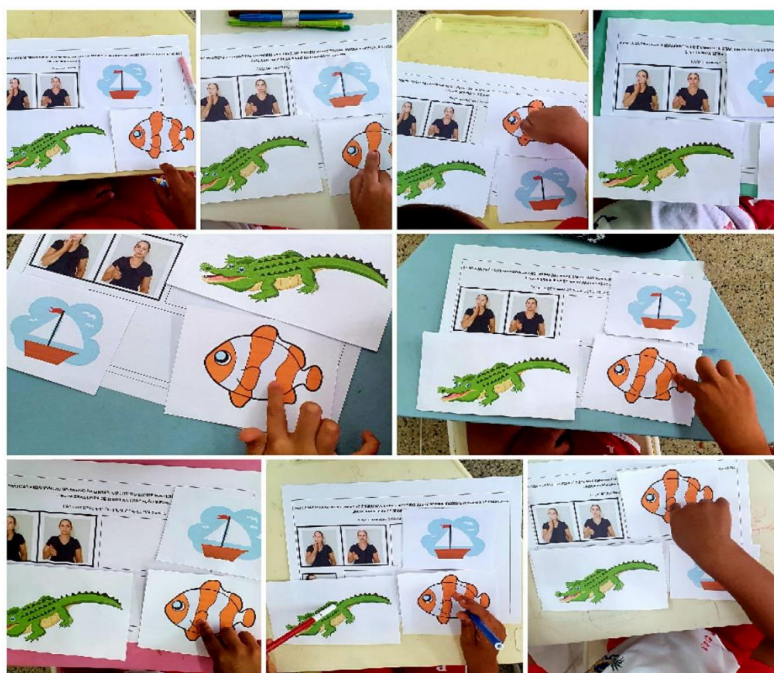
Figura 4 - Atividade de verificação de aprendizagem – Identificação da imagem correspondente ao sinal de jacaré



Fonte: Fotos de arquivo pessoal, montagem elaborada pela autora (2023).

O segundo sinal, que estava na folha para ser identificado pela criança, era o sinal de peixe. As imagens mostradas para a criança eram as imagens de: peixe, barco e jacaré. A criança olhava o sinal e tentava identificar qual das imagens aquele sinal era correspondente apontando para ele. Nesse momento eu registrava a foto.

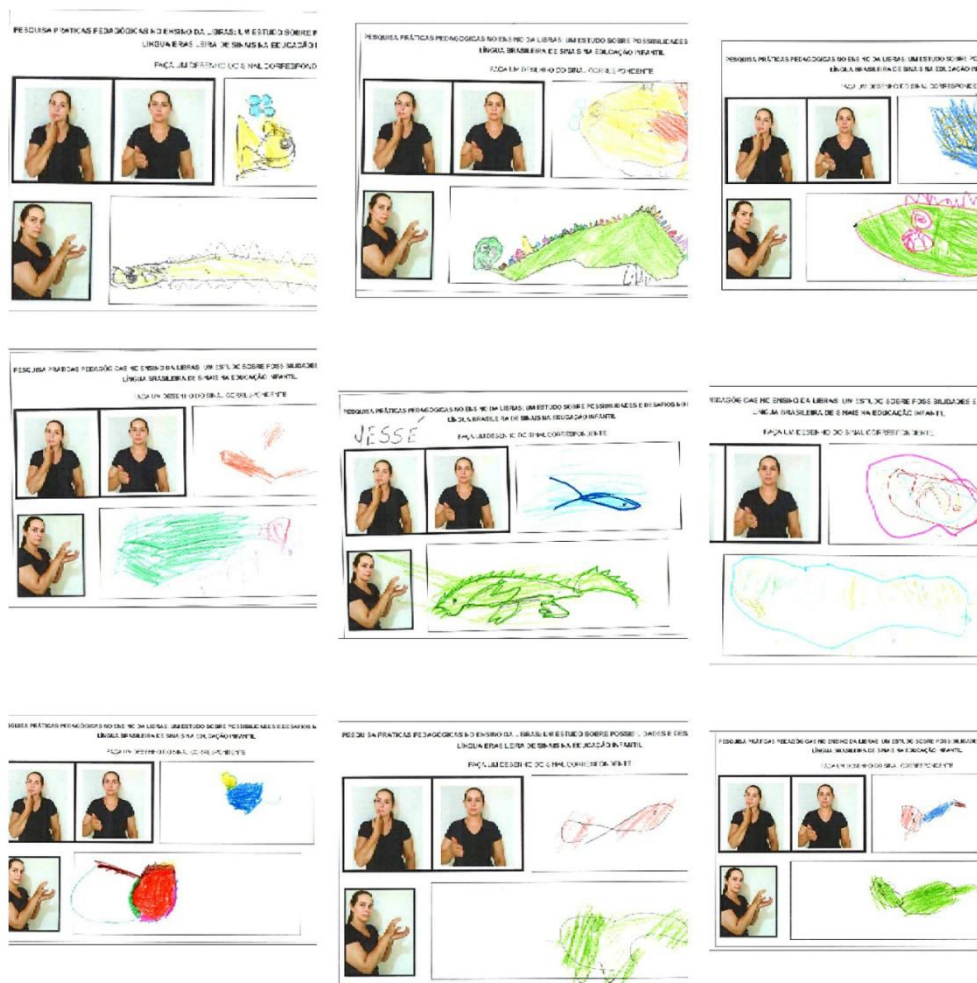
Figura 5 – Atividades de verificação de aprendizagem – Identificação da imagem correspondente ao sinal de peixe



Fonte: Fotos de arquivo pessoal, montagem elaborada pela autora (2023).

Após a identificação da imagem correspondente ao sinal, pedi para que a criança desenhasse a imagem na frente do sinal.

Figura 6 – Atividade de verificação de aprendizagem – Desenho identificando através do sinal em Libras



Fonte: Imagem de arquivo pessoal, montagem elaborada pela autora (2023).

As atividades propostas evidenciaram uma aprendizagem significativa dos sinais em Libras pelos estudantes ouvintes.

No dia 17/05/2023, a professora me convidou para apresentar as músicas ensinadas na sala de aula juntamente com as crianças para toda a escola, para que os outros alunos também pudessem ter contato com a Libras. Apresentamos a música “O jacaré foi passear lá na lagoa”, Indiozinhos e a música do alfabeto. Toda a equipe escolar que se fazia presente na escola naquele momento participou, demonstrando interesse

e curiosidade pela Libras. Cantamos a música utilizando os sinais e convidei as crianças da sala de Sara para demonstrar cada sinal. Sara também participou desse momento, mas com timidez. A Libras foi bem recebida pela comunidade escolar. A diretora também participou realizando os sinais que outrora havia conhecido em alguns momentos em que passava na sala para observar as intervenções.

No dia 22/05/2023, continuei com o ensino da Libras, mas dessa vez apenas com Sara. Convidei-a para a sala de Atendimento Educacional Especializado – AEE, para uma abordagem mais específica com a criança. Sara gostou muito da caixa surpresa, então coloquei diversas imagens e imagens de sinais presentes nas músicas ensinadas na sala de aula para que ela pudesse reproduzir o sinal ou olhar a figura e fazê-la em Libras.

Sara chegou à sala bastante curiosa já pegando peças de encaixe para brincar. Mostrei a caixa surpresa e ela sorriu. Pedi para guardar as peças de encaixe e que depois ela brincaria. Imediatamente Sara guardou o brinquedo e foi retirando da caixa surpresa as figuras.

[30s] A primeira figura foi a imagem do peixe que fez em Libras com perfeição.

[59s] Tirou a imagem em Libras de “dormir” reproduzindo-a.

[1m e 18s] Sara percebeu que está sendo filmada vai até a câmera e dá tchau e joga beijos.

[1m e 21s] Sara sentou-se na cadeira e tira a imagem em Libras de “passear” reproduzindo-a.

[1m e 59s] Sara tirou o sinal de peixe, perguntei a ela onde está o peixe, ela identifica a imagem do peixe fazendo relação imagem e sinal.

[2m e 46s] Sara pegou a figura do jacaré. Perguntei como faz o sinal de jacaré em Libras, ela fez o sinal e sorriu.

[3m] Sara tirou a imagem da letra R em Libras, mas não realizou o sinal, precisando de intervenção para reproduzi-lo.

[3m e 19s] Sara retirou a imagem do índio reproduzindo o sinal em Libras.

[3m e 40s] Sara olhou novamente para a câmera e jogou beijos.

[4m e 32s] Sara retirou a imagem da letra D em português, mas necessitou de ajuda para lembrar do sinal em Libras.

[4m e 37s] Retirou a letra O em português e fez o sinal com minha intervenção.

[5m e 16 s] Sara retirou a letra L em português e o numeral 9 em Libras, ambos necessitaram de ajuda para realizá-los.

[5m e 33s] Sara retirou a imagem da letra de seu nome que tem a sua foto, ela sorriu e repetiu a sua letra.

[5m e 40s] Sara retirou a imagem do sinal de “comer” reproduzindo.

A brincadeira é a principal atividade da infância, mas a criança não nasce sabendo brincar, é necessária uma mediação, estimulação ao brincar. A brincadeira da caixa surpresa, propiciou interação e favoreceu a aquisição de novos conceitos e saberes e consolidação de outros. Segundo Vigotski (1991, p. 85)

No brinquedo, a criança projeta-se nas atividades adultas de sua cultura e ensaia seus futuros papéis e valores. Assim o brinquedo antecipa o desenvolvimento; com ele a criança começa a adquirir a motivação, as habilidades e as atitudes necessárias a sua participação social, a qual só pode ser completamente atingida com a assistência de seus companheiros da mesma idade e mais velhos.

Após as diversas figuras retiradas da caixa surpresa, Sara se dispersa com brinquedos que ali na sala estavam. Mas o momento foi bastante proveitoso, pois percebi que Sara reconhece os sinais das músicas do jacaré. Já na música do indiozinho, ela apresenta dificuldades com os numerais e as letras do alfabeto. Isso se deve ao fato de a criança ter participado de poucos momentos no ensino dessas músicas.

Apesar dessas aquisições significativas, Sara ainda está em desvantagens gigantescas nas relações de poderes e conhecimento, pois o ambiente que está inserida é totalmente oralizado, o que evidencia que ela não é compreendida e nem compreende o que acontece ao seu redor, demonstrando agressividade, é arredia, desobedecendo regras. Em consideração a isso, evidenciamos que esse atual modelo de inclusão do surdo não tem sido significativo para a aprendizagem. As relações sociais que acontecem, não são de qualidade e a criança, muitas vezes, não é acolhida por seus colegas e profissionais da educação. Nesse sentido, fica claro a urgência em se pensar como os surdos têm sido incluídos em sala de aula regular. Para Kendrick (2023)

Para tanto, ampliar o debate e as percepções dos mecanismos que confluem para que o fracasso escolar aos surdos seja historicamente recorrente nos parece emergencial e apropriado para gerar a melhoria necessária e adequação educacional para esses estudantes (Kendrick, 2023, p.191)

No que se refere às crianças ouvintes, o ensino dessa cantiga trouxe ganhos significativos, tanto na questão cognitiva quanto no respeito à diversidade existente

na sociedade. Continuaremos na seção a seguir, com as análises da segunda intervenção com ensino da Libras através de cantiga.

6.3 Segunda intervenção com ensino da Libras: Cantiga “1,2,3 Indiozinhos”

A escolha dessa música para o ensino da Libras se dá pelo fato de ser uma cantiga onde estão presentes estudos dos numerais, para facilitar sua aprendizagem e como reforço escolar das atividades presentes do cotidiano. Foram 8 momentos de ensino da Libras a partir dessa cantiga. Todas as técnicas e sinais utilizados no ensino desta música em Libras encontram-se disponíveis no Qr Code ao lado ou acessando o link <https://youtu.be/QZ7qIG1DPZg>.



No dia 14/03/2023, inicio o ensino da música “1, 2, 3 indiozinhos” em Libras. Fiz os numerais impressos com os sinais correspondentes para apresentar para a turma e coleí na parede. Imprimi também cada parte da música com a imagem e o sinal correspondente para a visualização e coleí na parede da sala de aula para as crianças terem contato com os sinais nos momentos em que estiverem livres. Mostrei cada sinal pedindo as crianças para repetir junto.

Figura 7 – Foto dos sinais da música “1, 2, 3 indiozinhos” exposto na parede da sala de aula.



Fonte: Imagem da autora (2023).

[3min e 40s]: Cantei a música realizando os sinais e pedi para que as crianças repetissem comigo.

[4min e 30s]: Chegou na parte que canta sobre o jacaré dei um tempinho para ver se as crianças lembravam do sinal.

Helena, Alice, Jackson, Bruno, Lucas e Marta fizeram o sinal correspondente, mostrando que houve aprendizagem. Após cantar a música, perguntei aleatoriamente sobre as imagens e os sinais colados na parede.

[9min e 27s]: apontando, perguntei o que era aquela imagem, eles responderam que era o índio.

[9min e 41s]: Perguntei: - Como é o índio em Libras? Eles fizeram com a configuração de mão correspondente ao sinal.

[9min e 50s]: perguntei: - Como faz o bote? Eles responderam com a configuração de mãos. Alguns ainda ficaram com dúvida, precisando intervir, auxiliando-os.

[10min e 01s]: -E o rio, como faz o rio? Alguns alunos realizaram só parte do sinal, pois são dois pontos de articulações para compor esse sinal, onde precisei lembrá-los.

[10min e 15s] -E o jacaré? Todos responderam.

Finalizei a intervenção parabenizando as crianças pois lembraram dos sinais que eu havia acabado de ensinar. As crianças demonstraram bastante interessadas na aquisição da Libras. Houve interação entre as crianças e a pesquisadora durante todo o processo de ensino da Libras. Essa interação, demonstrada através da linguagem, constitui o sujeito propiciando a construção do pensamento que segundo Vigotski (2001a, p. 191),

(...) a relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa, mas um processo, um movimento contínuo de vaivém entre a palavra e o pensamento; nesse processo a relação entre o pensamento e a palavra sofre alterações que, também elas, podem ser consideradas como um desenvolvimento no sentido funcional. As palavras não se limitam a exprimir o pensamento: é por elas que este acede à existência.

A existência de uma língua compartilhada entre os sujeitos, permite a atividade dialógica, onde um fala e o outro ouve e vice versa atribuindo significados às falas produzidas. Essas trocas ampliam o vocabulário e o entendimento do mundo, atuando no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, numa perspectiva inclusiva.

Ainda segundo Vigotski, as crianças se desenvolvem culturalmente em dois níveis: primeiro, o nível social (interpsicológico) e, segundo, o nível pessoal (intrapsíquico). Todo esse processo de reconstrução interna das operações externas é chamado de internalização, em que a criança evolui de funções mentais inferiores para superiores, como a formulação de hipóteses (Vigotski, 1991).

Prosseguindo com o ensino da Libras, no dia 15/03/2023, cheguei à sala de aula, fiz uma saudação em Libras dando “boa tarde”, e depois fiz o sinal de “oi” e a Mila e Lucas me responderam com “oi” em Libras também. Relembrei com eles a música do Indiozinho em Libras. Pediram para repetir a música por 3 vezes, pois gostaram muito da cantiga.

Como forma de estratégia para memorização, envolvendo as crianças no ensino da Libras, mostrava cada imagem e perguntava o sinal correspondente para cada criança. Quando a criança não sabia responder, perguntava a outro aluno se lembrava para mostrar para os colegas, tornando os alunos participantes do processo de ensino-aprendizagem. Esse processo, mediado pelo colega, amplia os saberes da criança atuando na zona de desenvolvimento proximal, favorecendo os caminhos da aprendizagem. Segue os relatos dessa mediação,

[4min e 07s]: Chamei a Aline e perguntei se ela sabia o sinal de indiozinho. A criança respondeu que não. Perguntei para a turma quem sabia fazer. Carlos imediatamente disse que sabia fazer o sinal. Chamei a criança à frente e perguntei como era o sinal de indiozinho. Ele fez o sinal. Peço então para repetir mostrando para os coleguinhas fazerem junto com ele.

[4min e 43s]: Perguntei quem sabia fazer o bote em Libras. Helena disse que sabia, então a chamei à frente para ela mostrar aos colegas, ela fez o sinal e os colegas repetiram.

Usei a estratégia da participação das crianças no ensino da Libras, passando cada imagem e o sinal correspondente da música do indiozinho. Revisei também os números em Libras para as crianças e conversei com elas que quando Sara retornar para a escola, eles deverão conversar com a coleguinha mostrando a idade deles com os dedinhos das mãos utilizando os sinais em Libras. Esse diálogo teve como intuito despertar o desejo da inclusão da criança com surdez nas interações escolares pelos colegas.

[15min e 4s]: - Vamos aprender os números para falar para a Sara assim: - Sara, você tem 4 anos... como é 4 em Libras? Perguntei para as crianças que responderam com os dedos. E depois fomos estudando todos os outros numerais.

Dando continuidade ao processo do ensino da Libras, no dia 20/03/202 as crianças demonstraram bastante agitação. José estava muito agitado andando pela sala de

aula e chorando em alguns momentos. Chamei as crianças para se sentarem e aprenderem Libras. As cuidadoras e a professora de AEE ficaram conversando entre si em voz alta, o que também dispersou as crianças. Eu tentei conversar com a turma, mas com dificuldade pelo barulho que estava na sala.

[1min e 7s]: perguntei se lembravam do sinal do indiozinho. Alice então fez o sinal. - Alguém mais sabe fazer o sinal do índio? Perguntei. As crianças respondem gritando e realizando o sinal.

Passo sinal por sinal da letra da música interagindo, perguntando e incentivando a fazerem comigo cada sinal.

[2min e 45s]: O rio? Expliquei que o sinal de lagoa e rio se parecem e mostrei suas diferenças.

[7min e 33s]: Jackson grita: - Tia faltou o Jacaré!

Eu respondi: - A tia ensinou já! Aí eu pergunto: -Como que é o jacaré, gente? As crianças respondem com o sinal corretamente.

[12 min e 52s]: Os números em Libras, vocês lembram? -Vamos aprender de novo? Perguntei.

Nesse momento, todos estavam muito atentos aos sinais, inclusive as professoras e a cuidadora também participaram do ensino da Libras. Depois de rever os sinais, cantamos a música do indiozinho. Todas as crianças cantaram juntas e repetiram os sinais. Depois que terminei, convidei a cantar de novo para memorizar. Finalizando, as crianças pediram para cantar de novo. Verificamos que, a partir dos momentos do ensino da Libras, despertou em todos os pesquisados o respeito e a valorização linguística.

No dia 23/03/2023, em mais um dia de ensino da língua de sinais, as crianças pediram para cantar a música do indiozinho. Perguntei se elas lembravam dos números, como faz com as mãozinhas, eles responderam que sim. Então, cantamos a música em Libras e depois pediram para repetir a música do indiozinho. Todos fizeram os sinais.

Figura 8 – Fotos de sinais presentes na música “1, 2, 3 indiozinhos” realizados pelas crianças



Fonte: Imagem da autora (2023).

No dia 27/03/2023, revisamos também a música do Indiozinho.

[10min e 30s]: Perguntei se eles lembravam dos números em Libras. Eles responderam que sim.

[10min e 35s]: A professora diz: -Grazi, eles vão aí para a frente (onde está pregado os números em Libras) e ficam fazendo os sinais.

Revisei os números e os sinais de índio, bote, jacaré, rio, perguntando às crianças como fazia em Libras. A interação da devolutiva foi boa, a maioria das crianças lembrou dos sinais. Percebe-se que elas ainda têm dificuldade em lembrar quando a palavra tem 2 sinais, como é o caso de Rio. Na maioria das vezes eles fazem um ou outro sinal, dificilmente os 2 sinais juntos.

A professora e a cuidadora participaram também desse momento, fizeram juntas todos os sinais. Perguntei para cada criança qual o sinal de que mais gostavam, eles me responderam realizando o sinal preferido. Somente Paulo não soube escolher. Paulo é uma criança que falta muito e não soube mostrar e nem falar qual era o sinal preferido.

[14min e 21s]: Marta escolhe o bote.

[14min e 25s]: Yasmim responde com um sinal, mas não fala com voz. Pergunto para as crianças: -Olha, que sinal é esse que a Yasmim fez?

[14min e 26s]: Eles respondem: -Jacaré!

[14min e 28s]: A Mila fez o rio.

[14min e 30s]: O Kevin fez o sinal de lagoa, porém só o segundo sinal, como tem 2 sinais, ele ainda tem dificuldade em assimilar os dois sinais em uma palavra.

[14min e 35s]: Helena falou que gosta do peixe, mas faz apenas o segundo sinal.

Como o peixe tem dois sinais, dois pontos de articulação, a criança teve dificuldade em assimilar os dois sinais para uma palavra, precisando de intervenção explicando que são dois sinais, dois pontos de articulações, realizando o sinal e pedindo para repetirem o sinal do peixe. Essa dificuldade foi constatada em outras crianças também.

Dando prosseguimento, no dia 31/03/2023, a professora relatou que chegando na sala de aula as crianças estavam cantando e fazendo os sinais da música do jacaré. A professora relatou também que ao ensinar os numerais, já está usando em Libras para reforçar a aprendizagem e possibilitar a inserção de Sara no contexto escolar.

Para essa aula levei uma caixa surpresa para diferenciar o ensino da Libras. Nessa caixa coloquei diversas fichas com imagens da música dos “indiozinhos”. Levei as crianças para o pátio, fizemos um círculo e mostrei a caixa com um ponto de interrogação. Perguntei o que eles achavam que tinha dentro da caixa.

[1min e 6s]: Benício disse: -Tem um círculo!

[1min e 8s]: Perguntei: -Mais o que vocês acham que tem aqui dentro?

[1min e 11s]: Marta disse: - Uma bola!

[1min e 15s]: Eu perguntei: -Uma bola... será?

[1min e 18s]: Bruno disse: -Chocolate!

Sem dar pistas, orientei como seria desvendado o que havia dentro da caixa.

[1min e 20s]: - A gente vai brincar de batata que passa-passa. A caixa vai passar de mão em mão enquanto a gente canta uma música. Quando a música parar, na mão em quem estiver a caixa, a criança pode pegar o que tem dentro e falar o que é. Se não souber pode mostrar para o colega responder.

Iniciamos a brincadeira da batata que passa-passa. As crianças ainda não têm o conhecimento desse tipo de brincadeira e, inicialmente, queriam ficar com a caixa antes de parar a música. Esse tipo de brincadeira, é de suma importância para o

desenvolvimento das crianças, pois estabelecem regras, atuando na construção cultural e social do sujeito. Segundo Kishimoto (1993, p. 15),

Os jogos têm diversas origens e culturas que são transmitidas pelos diferentes jogos e formas de jogar. Este tem função de construir e desenvolver uma convivência entre as crianças estabelecendo regras, critérios e sentidos, possibilitando assim, um convívio mais social, porque enquanto manifestação espontânea da cultura popular, os jogos tradicionais têm a função de perpetuar a cultura infantil e desenvolver formas de convivência social.

Segue relato da brincadeira,

[1min e 44s]: José pegou a ficha com o sinal de índio.
 [1min e 47s]: Perguntei se eles sabiam que sinal era aquele, responderam indiozinho e repetiram o sinal.
 [2min e 7s]: Aline pegou a ficha com sinal de jacaré.
 [2 min e 10s]: Perguntei que sinal era aquele e gritaram num coro, “jacaré”.
 [2 min e 25 s]: Paulo pegou a ficha com a imagem de “rio”, mas não soube fazer o rio em Libras. Paulo é um aluno faltoso. Participou poucas vezes do ensino da Libras.
 [2 min e 27s]: Pergunto, como se faz rio em Libras. O Bruno, o Lucas a Marta, responderam realizando o sinal e os outros coleguinhas repetiram.
 [2 min e 30s]: Cantamos a música para reforço da aprendizagem.
 [2 min e 46]: Mila tirou a ficha do numeral 2 em Libras. Mais uma vez Lucas, Bruno e Alice responderam que aquele era o numeral 2 e Marta reproduziu com as mãos.
 A caixa continua passando.
 [2 min e 55]: Benício tirou a ficha com a imagem do índio.
 [3 min e 18]: Aí eu perguntei: -O que é isso?
 [3 min e 19]: – Responderam: -Indiozinho.

Reproduziram o sinal do índio Alice, Marta, Mila, Lucas e Bruno. Lembraram do sinal mesmo não visualizando. Nota-se um grande interesse nessas crianças e uma aquisição diferenciada em relação às outras crianças.

[3 min e 31]: A Samara tirou a ficha com a imagem do bote.
 [3 min e 33]: Perguntei como é o bote em Libras?
 [3 min e 35]: É assim tia! Reproduzindo o sinal com as mãos, Alice, Marta, Mila, Lucas e Bruno e o restante da turma copiaram os colegas.
 [3 min e 50s]: Yasmin tirou a ficha com a imagem do jacaré.
 [3 min e 53s]: -O que é isso aqui? Perguntei.
 [3 min e 54s]: -Jacaré! Responderam gritando e fazendo o sinal do jacaré com as mãos.

A brincadeira nesse momento precisou ser finalizada, pois a aluna Yasmin começou a chorar e gritar porque queria ficar com a caixa surpresa, não queria repassá-la para os colegas. Os alunos gostaram dessa brincadeira e pediram para outro dia fazer novamente daquele jeito. Houve interação entre as crianças e a curiosidade em saber o que pegariam também fez a brincadeira ficar ainda mais divertida. Através desses relatos fica claro a importância do brincar na educação infantil, possibilitando o desenvolvimento das manifestações culturais, sociais, individuais e as peculiaridades de cada criança. De acordo com Alves (2019, p. 47),

As brincadeiras, como formas de expressão, são também oportunidades para a manifestação da individualidade de cada criança, de sua identidade, porque cada uma tem uma singularidade que deve ser respeitada.

Continuando, no dia 19/04/2023, Sara participou do ensino da Libras dessa cantiga, depois de alguns dias fora da escola devido à cirurgia de implante coclear. Nota-se que a Libras já está chegando até o contexto familiar segundo a professora da turma. A professora relatou uma conversa com o pai dos alunos Alice e Bruno. Ela disse que o pai quis saber mais a respeito da pesquisa que tem sido realizada na sala de aula. Perguntou se essa pesquisa vai se tornar uma disciplina, pois seus filhos estão muito empolgados, chegando em casa cantando as músicas e fazendo os sinais ensinando também à família. Ele relatou também que acha importante esse ensino para se comunicar com pessoas surdas.

A turma estava bastante agitada hoje. José estava nervoso andando pela sala. Sara também estava nervosa, andando pela sala, mexendo na mesa dos colegas. Hoje apresentei novamente os sinais presentes na música do Indiozinho para Sara, mas tive dificuldade, pois ela não queria ver o que era apresentado, desviando o olhar, demonstrando estar interessada em brincar e andar pela sala. Eu não insisti para a criança não ficar nervosa. Mais uma vez trago questionamentos da inclusão de Sara nesse modelo de ensino. Será que de fato Sara está incluída nesse ambiente oralizado? Pelos relatos, evidenciamos que não. A criança que não é exposta a ambiente linguístico próprio não se reconhece pertencente a essa cultura, culminando em seu isolamento e/ou agitação com a falta de comunicação entre os ouvintes, evita interações.

Revisamos a música do “indiozinho” para relembrar os números em Libras e os sinais que há na música.

[14s]: Início o ensino dos números. As crianças repetem comigo os números com as mãos.

[44 s]: Começo a cantar com as crianças a música dos indiozinhos.

Sara não se interessa pela música e nem pelos colegas que estão cantando e fazendo os sinais e começa a andar pela sala. Mais uma vez demonstra que o ambiente sem pares linguísticos e sem conhecimento da Libras favorece seu isolamento. Continuo com a cantiga.

[1min e 19s]: Sara vai em frente a câmera se olhar pela tela.

[1min e 23s]: A cuidadora vai até a Sara forçando ela a repetir os sinais que estão sendo ensinados.

Percebo que a cuidadora está forçando a criança a aprender a Libras. Não concordo com a situação, porém entendo sua atitude, pois ela vê a necessidade de Sara aprender a linguagem que é própria dela e como isso é importante para a comunicação no contexto escolar. Percebo essa preocupação também pois, Sara, por ter feito a cirurgia, participou de poucas aulas com o ensino da Libras e numa tentativa de recuperar o tempo perdido tentava a todo custo que a criança prestasse atenção aos sinais para o desenvolvimento de sua aprendizagem.

[1min e 35s]: Sara continua, não deu atenção ao que a cuidadora estava a lhe mostrar, continuando a se olhar pela câmera.

Sara vai andando na sala, indo até a frente e voltando atrás onde está posicionada a câmera de vídeo. Finalizei então a revisão da música do Indiozinho, e Sara não participou da aprendizagem. Sara não se reconhece usuária da Libras, por isso, a falta de interesse pela aprendizagem. Seu comportamento em se rebelar se dá pelo fato de não compreender e não ser compreendida

No dia 10/05/2023, levei uma atividade impressa para as crianças relacionarem as imagens com seus respectivos sinais e desenhar para verificação de forma concreta se houve a aprendizagem dos sinais ensinados, buscando evidências de aprendizagem. Tirei fotos das crianças identificando os sinais com suas imagens, após elas desenharam o sinal correspondente.

Das 19 crianças matriculadas nessa turma, 11 estiveram presentes neste dia e desenvolveram a atividade. Todas as crianças conseguiram relacionar o sinal. José, realizou a atividade com o auxílio da cuidadora. Sara estava presente e desenvolveu a atividade com excelência.

A atividade foi desenvolvida da seguinte forma: Numa folha impressa havia sinais para a criança identificar através de imagens soltas. Um sinal de cada vez a criança foi identificando. O primeiro sinal que estava na folha era do rio. As imagens mostradas para a criança eram as imagens de: rio, barco e índio. A criança olhava o sinal e tentava identificar qual das imagens aquele sinal era correspondente apontando para ele.

Figura 9 – Atividades de verificação de aprendizagem – Identificação da imagem correspondente ao sinal de barco



Fonte: Fotos do arquivo pessoal, montagem elaborada pela autora (2023).

O segundo sinal, que estava na folha para ser identificado pela criança, era o sinal de barco. As imagens mostradas para a criança eram as imagens de: rio, barco e índio. A criança olhava o sinal e tentava identificar qual das imagens aquele sinal era correspondente apontando para ele. Nesse momento eu registrava a foto.

Figura 10 – Fotos da atividade de verificação da aprendizagem da Língua de Sinais - Identificação da imagem correspondente ao sinal de rio



Fonte: Foto do arquivo pessoal, montagem elaborado pela autora (2023).

Após a identificação da imagem correspondente ao sinal com registro em foto, pedi para que a criança desenhasse a imagem na frente do sinal.

Figura 11- Atividade de verificação de aprendizagem – Desenho identificado através do sinal em Libras



Fonte: Foto de arquivo pessoal, montagem elaborada pela autora (2023).

Analisando essa atividade, verificamos uma aprendizagem dos sinais por todas as crianças. Evidencia-se assim, que o objetivo proposto foi atingido. Além do desenvolvimento da aquisição da língua de sinais, observou-se a mudança de comportamento tanto dos alunos como dos profissionais em relação à criança surda. Diante disso, analisaremos na seção a seguir a terceira intervenção.

6.4 Terceira intervenção com ensino da Libras: Cantiga “Alfabeto para crianças”

A escolha dessa cantiga se deu pelo fato de reforçar o ensino sobre o processo de alfabetização que estava ocorrendo na sala de aula fazendo um paralelo com a Libras, focando nas letras iniciais do nome de cada estudante e reforçando as demais. Foram 9 momentos ensinando Libras a partir dessa cantiga. Todas as técnicas e sinais utilizados no ensino desta música em Libras encontram-se disponíveis no Qr Code ao lado ou acessando o link <https://youtu.be/50GvG0o4EG0>.



No dia 22/03/2023, introduzi a música do alfabeto para ensino das letras em Libras para os alunos. Levei para a sala de aula as letras impressas do alfabeto com os respectivos sinais e coleí na parede.

Figura 12 – Foto das letras do alfabeto em Libras coladas na parede da sala de aula



Fonte: Imagem da autora (2023).

Nesta seção, trago estratégias de ensino da Libras com a modalidade escrita da língua portuguesa de forma lúdica iniciando através da cantiga Alfabeto para crianças. Para o maior desenvolvimento das crianças surdas na aprendizagem do português na modalidade escrita, deve-se levar em consideração que a criança deva ter conhecimentos em Libras, que segundo Alves (2019, p. 73)

[...] a língua de sinais é requisito primordial para os processos de concepção do conhecimento, de modo que, na sua ausência, são mínimas as ações para o progresso dos saberes no que tange ao português escrito. Quanto mais

amplo for o domínio da Libras, tanto mais sofisticado será o conhecimento do aluno surdo.

Nesse sentido, fica claro a importância do contato com a Libras o mais cedo possível para o desenvolvimento da pessoa surda.

O processo de alfabetização existente nas escolas de ensino comum traz metodologias associando a letra ao som correspondente. Para o surdo inserido nesse contexto escolar, o processo é muito difícil, restringindo ainda mais os conhecimentos escolares. De acordo com Basso e Masutti, (2009, p. 25-26)

Acessar o mundo letrado através das propostas educacionais existentes tem sido um árduo caminho para a ampla maioria dos surdos. (...) Muito deste fracasso educacional pode ser atribuído ao fato de propostas educacionais estarem centradas apenas em aspectos linguísticos e metodológicos das línguas orais, sem levar em consideração a complexidade cultural que envolve as línguas de sinais, bem como os movimentos surdos, as identidades surdas e a experiência visual.

Se a pessoa surda não faz uso do português na modalidade oral, não necessita dessas experiências para construir a modalidade escrita (Alves, 2019). Ressalto aqui que, o ensino proposto pela pesquisadora atende crianças ouvintes e surda, que partiu de cantigas conhecidas para a abordagem da Libras, intercalando concomitantemente, oralidade e recursos visuais para atender a esses dois públicos, porém para o ensino onde há apenas crianças surdas, deve privilegiar metodologias viso/gestuais com enfoque no bilinguismo.

Na proposta de ensino para crianças surdas, o ensino se dá de forma diferente, como já mencionado anteriormente. O português na modalidade escrita, considerado como a segunda língua – L2, se faz necessário para a criança surda, pois segundo Quadros (1997, p. 89)

A instrução formal pode auxiliar no processo de aquisição facilitando o desenvolvimento natural da língua, mas só pode ser útil quando as oportunidades da L2 forem oferecidas ao aluno.

Sendo assim, saliento a relevância dessa intervenção com foco nas letras iniciais dos estudantes participantes da pesquisa fazendo a correspondência do sinal para garantir uma aprendizagem mais efetiva aos alunos, tanto ouvintes e a criança surda, como destaco a seguir nos dados levantados.

[35 s]: Iniciei uma roda de conversa sobre as letras do alfabeto. Falei que eles cantam as letras do alfabeto com a professora e comigo eles irão aprender a fazer as letras com as mãos para conversar com a Sara quando ela voltar da cirurgia. Ensinei cada letra e sua configuração de mão.

[3min e 02 s]: Mostrei a letra G e disse que era a letra do meu nome.

[3min e 47 s]: Mostrei a letra I. A Yasmim disse: -É porque eu já consegui fazer, olha tia.

[3min e 50 s]: Dei os parabéns e disse que era daquele jeito mesmo.

[3min e 55 s]: -Olha a letrinha I, é igual que a gente usa para falar “oi”. Disse para as crianças.

Ensinei a configuração de mão e o ponto de articulação das mãos para fazer “oi”, um cumprimento que costumo fazer quando chego na sala. As crianças também fizeram e com facilidade, pois já tinham contato com esse sinal. Continuei com as letras.

[4min e 35 s]: -Olha! O que é isso aqui? Perguntei.

-Jacaré! Responderam todos juntos gritando e fazendo o sinal do animal.

-Então, o sinal do jacaré é assim – faço o sinal - mas a letra do nome do jacaré, é o “J” e é assim (faço o sinal da letra), é a mesma letrinha do nome do coleguinha Jackson.

[5 min e 23 s]: -Olha o L de laranja. Eu disse.

[5 min e 24 s]: Lucas gritou: -É assim tia, é o L do Lula!

Lucas fez o sinal do L antes mesmo de mostrar como fazer, pois já conhecia o sinal das mídias sociais.

[5 min e 28 s]: - É isso mesmo.... L do Lula e sua letrinha também Lucas. Disse para o aluno.

[5 min e 36 s]: -Olha o M do macaco, é só colocar os três dedos para baixo. Continuei.

-Olha aqui tia, eu consegui! Disse o Bruno.

As crianças se mostraram bastante receptivas na aquisição das letras em Libras. Em cada letra, elas já iam visualizando as imagens na língua de sinais e realizando os sinais sem antes mesmo de eu ensinar. Demonstram empolgação que já sabem fazer. As crianças apresentaram bastante atenção e todas realizaram os sinais demonstrando também alegria quando percebiam que o sinal estava correto.

[7 min e 15 s]: Cantei a música “Alfabeto para crianças” e pedi para eles repetirem comigo.

No momento da cantiga, as crianças apresentaram uma certa dificuldade para acompanhar a música com os sinais, pois são muitas letras e consequentemente, muitos sinais para realizarem.

[8 min e 39s]: Expliquei que iria ensinar outros dias também até eles aprenderem. Eles pediram para repetir a música e cantamos novamente.

Avançando no ensino da Libras, no dia 23/03/2023, relembrei cada letra do alfabeto antes de cantar a cantiga. Fui mostrando as letras dos nomes das crianças e dos profissionais que trabalham na sala, para a aprendizagem ser mais significativa.

[54s]: - Olha a letra B como faz com mãozinha! Mostrei a configuração de mão em B e disse que a letrinha B é igual ao alfabeto que a professora colocou na parede. E falei que a letra B é do Bruno.
 [1min e 20s]: -A letrinha E é da tia Elisa. Continuei.
 -Olha o F da tia Flor! É assim oh!
 [1min e 23s]: Enquanto eu ensinava o Lucas falou: - Olha aqui tia, é assim! Realizando a letra F em Libras.
 [1min e 24s]: -Isso mesmo, Lucas!
 [1min e 25s]: -Eu também fiz! Disse Alice.
 [1min e 43s]: -Olha o H como faz. Eu disse.
 [1min e 43s]: Jackson falou: - O H é o meu nome!
 [1min e 45s]: Flor falou: - Não Jean, o seu é o J de jacaré!
 [2min e 5s]: Agora que é o J Jackson. Essa que é a sua letra, Jackson! É assim que faz. Eu disse ao aluno.
 [2min e 23s]: -Olha o K do Kevin, é assim que faz! Mostrei a configuração de mão e o movimento da letra.
 [2min e 36s]: -Olha o M de macaco. Quem lembra como faz o M? Perguntei antes de fazer o sinal.

Bruno fez o sinal demonstrando que já assimilou e internalizou o sinal com apenas uma vez que ensinei, demonstrando assim a facilidade da aquisição da Libras nessa fase.

[2min e 40s]: -Isso mesmo Bruno! É assim mesmo! Vocês estão vendo como o Bruno fez? Perguntei e eles responderam que sim, pedi para repetirem o sinal.
 [3min e 40s]: -Olha a letra O! Lembram quando a tia fala “oi”? É o “O” junto com “I”, assim! Mostro com as mãos como faz o sinal de “oi”, as crianças também repetem.
 [4min e 38s]: Olha o P do Paulo, olha! Bruno grita me mostrando que também fez o sinal da letra.
 -O Bruno está de parabéns, fazendo todas as letras. Parabéns! Eu disse.

[4min e 45s]: Olha o R do rato! Disse Lucas antes de eu ensinar ele já havia feito a letra R.
 -Isso mesmo Lucas! Parabéns! Elogiei o aluno, o incentivando.

A demonstração de afeto pelo professor através de elogios também é um fator importante para a aprendizagem. Segundo Quadros (1997, p.91) referente aos estudos de Brown, “uma concepção bastante comum é de que as crianças não são inibidas como os adultos. Segundo Brown, isso não é verdade. As crianças são muito inibidas e sensíveis ao que os outros pensam e imaginam a seu respeito, pois estão formando sua autoimagem [...]”.

Depois ensinar todas as letras com os respectivos sinais, convidei as crianças para cantar a música do alfabeto e fazer em Libras. As crianças gostaram da música e pediram para repeti-la, porém, as crianças ainda têm dificuldade em acompanhar em Libras a letra da música, mesmo cantando devagar, pois são muitos sinais.

No dia 31/03/2023, levei uma caixa surpresa para diferenciar o ensino da Libras para despertar ainda mais a curiosidade das crianças em relação à Libras. Segundo Quadros (1997, p.91) “as crianças têm, naturalmente, muita curiosidade. O professor pode aguçar essa curiosidade e certamente isso manterá a atenção da criança”.

Fiz a brincadeira de batata que passa-passa. Orientei realizarmos um círculo para passar a caixa de mão em mão. Expliquei como funciona a brincadeira para as crianças. Nessa caixa coloquei diversas fichas com letras na modalidade escrita (Língua Portuguesa) e em sinais. A criança que tirasse a figura na Língua Portuguesa – na modalidade escrita – deveria responder com sinal em Libras, se tirasse a figura em Libras, deveria responder oralmente a letra a que se referia, reforçando assim o ensino do alfabeto. Também coloquei outros sinais das músicas já ensinadas. Irei destacar aqui apenas as fichas retiradas referente a música do alfabeto.

[1min e 30s]: A Amanda pegou a ficha com a letra D na modalidade escrita.
 [1min e 25s]: Perguntei que letra era aquela, eles me responderam que era do dinossauro...
 [1min e 33s]: Marta fez o sinal da letra em Libras.
 [1min e 37s]: Pedi para Marta repetir o sinal e mostrar para os colegas, que repetiram. Começamos a cantar novamente a música da batata que passa-passa.

[2 min e 25 s]: Paulo pegou a ficha com a letra L na modalidade escrita (Língua Portuguesa).

[2 min e 27s]: Perguntei, como se faz em Libras aquela letra. Bruno, Lucas e a Marta, responderam realizando o sinal e os outros coleguinhas repetiram.

Fiquei surpreendida com a aluna Marta, pois no ensino da Libras na sala de aula eu não havia dado ênfase nessa letra, uma vez que não havia nenhuma criança com essa inicial, demonstrando assim que as crianças estão adquirindo a aprendizagem mesmo sem intencionalidade.

Avançando no ensino da Libras, no dia 03/04/2023, cheguei na sala de aula, Mila me recebeu com um “oi” em Libras. Eu respondi com um “oi” em Libras também. Convidei as crianças para fazerem um círculo no pátio para brincar com a caixa surpresa com a brincadeira de batata que passa-passa. Na caixa tinha alguns sinais das letras em Libras e letras na modalidade escrita, Língua Portuguesa, para responderem em sinais se a figura estivesse na modalidade escrita ou se tirassem em Libras, responderem em português oralmente.

[1m e 27s]: O Bruno tirou a ficha com a letra A em Libras.

[1 min e 33]: Peço para mostrar a ficha e o Lucas responde que aquela era a letra “A” e a Marta reproduziu a letra em Libras com a mão.

[1min e 45s]: A Samara pegou a ficha com a letra P na modalidade escrita.

[1min e 55s]: Perguntei que letra era aquela, eles me responderam que era do Paulo, reproduzindo em Libras.

[2min e 08s]: Marta fez o sinal da letra em Libras.

[2min e 13s]: Pedi para Marta repetir o sinal e mostrar para os colegas, que repetiram.

[2 min e 25 s]: Jackson pegou a ficha com a letra S em Libras. Bruno foi logo respondendo que era a letra da Samara.

Finalizamos cantando a música do alfabeto. Nota-se uma grande vontade de aprender a Libras por parte das crianças. Há uma empolgação quando realizamos o ensino sendo demonstrado nas atitudes quando respondem corretamente ou quando percebem que já realizam o sinal com autonomia.

Esse tipo de brincadeira, “batata que passa-passa”, promove a atenção, percepção, memória, estimulando vários sentidos da criança que facilita a aquisição da Libras. Segundo Quadros (1997, p. 91)

As crianças devem ter todos os sentidos estimulados. As lições devem envolver atividades físicas (alunos imitando pessoas e coisas, jogos, atividades de experiências práticas diretas) ajudam as crianças a internalizarem a linguagem.

Prosseguindo no ensino da língua de sinais, no dia 10/04/2023, revisamos as letras do alfabeto com foco na letra inicial do nome de cada criança e profissional da sala em Libras.

[6 min e 2s]: - Lucas como faz a sua letrinha em Libras? Perguntei. Lucas levantou da cadeira mostrou a letra e fez em Libras.

[6 min e 15s]: Bruno qual é a sua letra? Perguntei. Ele apontou para a letra. Lucas falou que a letra do colega é a B.

[6 min e 22s]: -Como faz sua letra em Libras Bruno? Perguntei. Ele e o Lucas responderam com as mãos em configuração da letra B. Nota-se que Bruno já reconhece a letra do seu nome e de seu colega.

[6 min e 22s]: -Helena, qual é a sua letra? Perguntei. Ela se levantou e mostrou. A aluna não realiza o sinal de sua letra, mas o Lucas e o Bruno ficam criando hipóteses com as mãos, tentando fazer a letra H em Libras.

[6 min e 25s]: -Eu mostro como faz! Disse a eles.

[6 min e 27s]: A Alice responde: -Tia, eu já consigo!

[6 min e 33]: Mila qual é a sua letra? Perguntei. Ela respondeu tentando criar hipótese também. Lucas respondeu:

[6 min e 36]: -É assim tia! Realizando o sinal com as mãos. Bruno também fez o sinal juntamente com a Alice.

[6 min e 45]: -Alice qual é a sua letra? Ela respondeu em Libras com a mão em configuração em A.

[6 min e 53]: -Marta é igual a letrinha da Mila, como é? Perguntei às crianças.

[6 min e 55]: -É assim! Diz o Lucas. E todos realizaram o sinal junto com o colega.

[7 min e 10]: Olha o do José, é o J do jacaré!

[7 min e 12]: Lucas fala: - É igual ao do Jean! Expliquei como faz a letrinha.

[7 min e 15]: O L é o do Lucas. Digo às crianças mostrando os sinais. As crianças repetem.

Expliquei para as crianças a minha letrinha e o meu sinal que um amigo surdo deu para mim. Expus que a pessoa surda dá sinais às pessoas como se fossem seus nomes.

[7 min e 20]: - É só fazer a configuração de mão na letra G e o ponto de articulação é no meu rosto, em cima da minha pintinha e fazer esse movimento. Dou uma mexida no dedo.

[7 min e 48]: A professora de AEE que estava na sala, participa da aula e diz que também tem um sinal. Ela mostra o sinal dela para as crianças e diz que uma pessoa surda deu para ela.

Nota-se que a aprendizagem da Libras já está bem desenvolvida. Percebo o envolvimento dos alunos na aquisição da Libras. As letras que eles não conhecem ainda, tentam de alguma forma criar hipóteses para desenvolver a aprendizagem. Os alunos Bruno, Lucas e Alice estão se destacando na aquisição da língua. Já reconhecem bastante letras em Libras, fazendo relação letra/aluno/Libras.

No momento da cantiga, percebe-se que ainda estão tendo dificuldades na realização dos sinais, pois necessita de um raciocínio rápido devido a letra da música ter muitos sinais e eles ainda estão em desenvolvimento da aquisição dessas letras.

No dia 14/04/2023, Sara retornou para a escola depois da licença médica para a cirurgia de implante coclear. O aparelho foi apenas implantado, ainda não foi ligado. Foi o primeiro dia que ensinei as letras do alfabeto em Libras para a turma com Sara presente na sala.

[2min e 23s]: Revisei a letra do alfabeto a partir das letras iniciais do nome das crianças e dos profissionais da sala.
 [2min e 23s]: A letra do Bruno. Mostrei a configuração de mão em B.
 [2min e 25s]: Bruno e os colegas repetiram o sinal em Libras.
 [2min e 30s]: A letra da Alice. Mostrei a configuração de mão em A.
 [2min e 34s]: Alice reproduziu em Libras juntamente com os colegas.
 [2min e 38s]: A letra do Carlos. Mostrei a configuração de mão em C.
 [2min e 40s]: Ele faltou! Gritaram as crianças.
 [2min e 43s]: -Mas vamos fazer? Falei para a turma.

Nesse momento Sara vai até à frente aponta para o cartaz da imagem do peixe que está colado na parede e reproduz o sinal para os coleguinhas.

Continuo mostrando as letrinhas e perguntando se eles lembram como faz em Libras.

[3min e 15s]: Chamei Sara para mostrar a letra do nome dela. No cartaz pregado na parede que uso para mostrar as letras das crianças, tem a imagem do sapo e a letra S em Libras. Mostro para Sara a letra S em libras e falo que aquela é a letra dela.
 [3min e 30s]: Sara repete o sinal em Libras e imita o sapo.

Sara entende que a letra se refere ao sapo, pois tem uma imagem do animal na frente da letra, mas não entende que se refere a letra de seu nome, demonstrando que a aluna tem dificuldade de entender de forma abstrata. Quadros (1997, p.91) chama

atenção quando aborda os estudos de Brown a esse respeito “[...] o professor precisa lembrar das limitações acarretadas para isso. As crianças funcionam “aqui e agora”, para isso deve-se evitar o uso de conceitos abstratos”. Nesse momento, expliquei para a professora o que aconteceu com a Sara e que na próxima aula irei trazer a foto da criança e a letra com o sinal dela que ela vai entender melhor.

Nessa aula senti a turma interagindo com a Sara. As crianças mostravam como realizava os sinais e a Sara com os colegas também. Não percebi os colegas realizando sinal de “não” para Sara, o que a irritava muito. Percebi também que Sara estava mais tranquila e mais concentrada. Nesse sentido, Vigotski (1991, p. 22) nos ajuda a pensar que,

No momento em que as crianças desenvolvem um método de comportamento para guiarem a si mesmas, o qual tinha sido usado previamente em relação a outra pessoa, e quando elas organizam sua própria atividade de acordo com uma forma social de comportamento, conseguem, com sucesso, impor a si mesmas uma atitude social.

Essa mudança de comportamento em relação à Sara se deve ao fato que está bem internalizado nas crianças ouvintes a condição linguística da colega. Esse comportamento só foi possível mediante a aprendizagem da língua de sinais que é própria da pessoa surda.

Sobre a aprendizagem, pude constatar um avanço bastante significativo na aprendizagem das letras em Libras. As crianças estão demonstrando um desenvolvimento rápido na aquisição da língua de sinais.

Avançando no ensino da Libras, no dia 19/04/2023, Sara esteve presente na escola e participou da aula. A turma estava bastante agitada. Sara estava inquieta e José também apresentou inquietude o que gerou um certo tumulto, mas não impediu de realizar a intervenção.

[2 min]: Início a revisão das letras do alfabeto a partir das letras dos nomes das crianças e dos profissionais que trabalham na sala de aula para reforço da aprendizagem.

As crianças continuam com muita atenção em cada letra ensinada e já reconhecem as letras dos colegas tanto no português, na modalidade escrita, quanto na Libras. A turma é bastante participativa.

[2 min e 05s]: Sara se dispersou com a câmera do celular que está filmando a aula.

[2 min e 14s]: Sara fez caretas para a câmera.

Continuei com o ensino de cada letra do nome das crianças.

[3 min 16s]: Perguntei como faz a letra do nome da Helena em Libras.

[3 min 17s]: Helena foi até a frente e mostrou a sua letra que está colada na parede, porém não fez em Libras. Nesse momento Sara voltou para sua mesa, sentou-se e ficou brincando com o colega que sentava atrás dela. Eu continuei com o ensino.

[3 min 20s]: Mostrei como se faz a letra H da Helena e Lucas grita:

-Eu sei como faz tia! Realizando o sinal.

[3 min 25s]: Mostrei a letra do Calebe. Sara mais uma vez levantou e foi em frente a câmera se olhar, demonstrando estar inquieta.

[4 min 21s]: Sara foi até a mesa da professora, onde está a caixa surpresa que contém várias fichas com sinais e figuras, pegou uma ficha e me mostrou, demonstrando admiração. É a imagem do peixe. A criança procurou a outra imagem igual que está colada na parede e fez comparação.

[4 min 34s]: Eu perguntei como é o sinal daquele animal.

[4 min 36s]: A cuidadora diz que ela já fez o sinal quando pegou a ficha. Eu fiz o sinal de muito bem para a criança.

Percebe-se que Sara tem muitas dificuldades na inclusão em uma sala de aula regular. Os poucos momentos em que tem contato com a Libras não resolvem as barreiras impostas pelo contexto educacional. Nesse sentido Kendrick (2023), nos faz refletir sobre os alunos surdos inseridos em escola regular:

Como com essa configuração de escola é possível corrigir defasagens do processo de construção da linguagem, se não há cotidianamente, e em todos os momentos na escola, a Libras? Nos parece mais penoso, danoso e perverso o processo de escolarização dessas crianças. (KENDRICK, 2023, p.180)

Fica claro com o exposto acima que, mesmo em ambientes escolares com profissionais que atendam ao surdo em suas especificidades, ainda assim, é muito pouco o contato com a Libras, segundo Kendrick (2023)

No que tange à aquisição da língua de sinais no espaço inclusivo observa-se pouca possibilidade, visto que a língua circula de modo restrito. Este fato repercute de modo impactante em todo o processo de educação escolarizada de surdos. (Kendrick, 2023, p.30)

É necessária uma interação maior da criança surda com seus pares, além de um ambiente totalmente bilíngue para favorecer e alavancar a aprendizagem e o seu desenvolvimento. Diante disso, entendemos o comportamento de Sara no ambiente escolar.

Continuei com a revisão do ensino das letras dos nomes em Libras.

[4 min 46s]: Sara pegou a ficha com a imagem do peixe, vai até a câmera e mostra a ficha, após realiza o sinal do animal para a câmera.

No dia 04/05/2023, levei a caixa surpresa para reforçar o ensino do alfabeto em Libras. Sara faltou nesse dia. Sua mãe tem enviado a criança poucas vezes para a escola, pois Sara necessita de cuidados com o implante coclear, ela não pode cair ou bater a cabeça no local da cirurgia.

A caixa surpresa é um recurso que chama muito a atenção das crianças, por serem curiosas nessa idade, desperta ainda mais o interesse e prende a atenção. As crianças agora já têm mais intimidade com a brincadeira envolvendo a caixa surpresa. Reconhecem as regras e as obedecem. Explico novamente as regras da brincadeira para lembrá-los e dou início à brincadeira da batata que passa-passa utilizando a caixa surpresa.

[1m e 37s]: O Benício tirou a ficha com a letra B em Libras.

[1 min e 43]: Pedi para mostrar a ficha e o Lucas, o Bruno, a Alice a Mila e Marta respondem que aquela era a letra “B” reproduzindo a letra em Libras.

[1min e 47s]: Jackson pegou a ficha com a letra C na modalidade escrita.

[1min e 55s]: Perguntei que letra era aquela, eles me responderam que era a letra do Carlos, reproduzindo em Libras.

[2min e 12s]: Bruno fez o sinal da letra em Libras.

[2min e 16s]: Pedi para o Bruno repetir o sinal e mostrar para os colegas, que repetiram.

[2 min e 30s]: Alice pegou a ficha com a letra S em Libras. Bruno foi logo respondendo que era a letra da Samara. Lucas e Alice também responderam e fizeram o sinal em Libras.

[2 min e 43s]: José pegou a ficha com a letra M em Libras. Bruno, Alice, Lucas e Mila responderam que era a letra M da colega Mila e Marta e reproduziram o sinal.

[2 min e 55]: Helena pegou a ficha com a letra B em português. Bruno foi logo respondendo que era a letra do Benício e do Bruno. Alice,

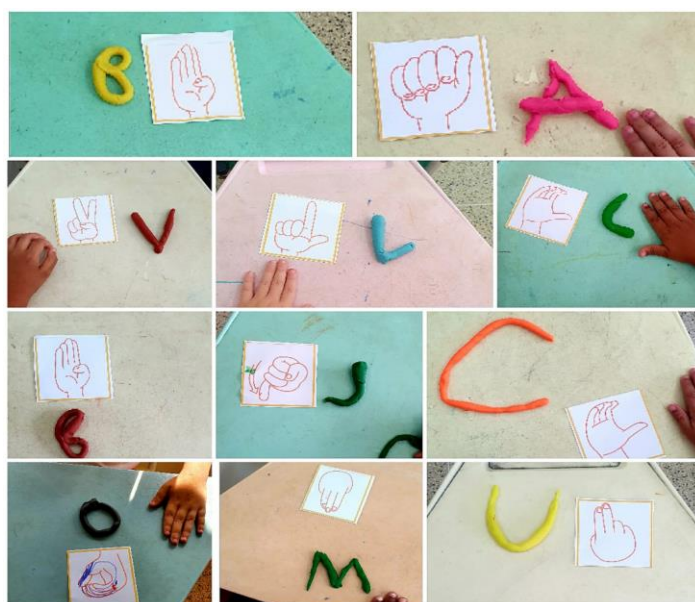
Bruno, Carlos, Helena, Lucas, Marta, Mila, Yasmin fizeram o sinal da letra em Libras.

Nota-se constantes revisões dos conteúdos, pois é uma estratégia que utilizo para memorização dos sinais uma vez que, essas repetições são necessárias para o entendimento do significado e sentido dos sinais.

No dia 31/05/2023, foi realizada uma atividade de verificação da aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais referente às letras do alfabeto. A atividade consistiu em identificar a letra do alfabeto em Libras, que foi impresso em papel e reproduzir essa letra em português utilizando massinha de modelar.

Foram 15 participantes presentes na realização da atividade. Dentre os participantes apenas 2 crianças não desenvolveram a atividade e 2 crianças confundiram o sinal das letras. 1 confundiu a letra S com o sinal da letra A, e a outra criança confundiu a letra K com a letra H. É importante destacar que as crianças que não realizaram a atividade, quase não participaram dos momentos de ensino da Libras, pois faltaram em muitos momentos. José realizou a atividade com a ajuda da cuidadora. Os demais, desenvolveram a atividade com autonomia, inclusive Sara que estava presente na aula.

Figura 13 – Foto da atividade de verificação da aprendizagem referente às letras do alfabeto



Fonte: Foto de arquivo pessoal, montagem elaborada pela autora (2023).

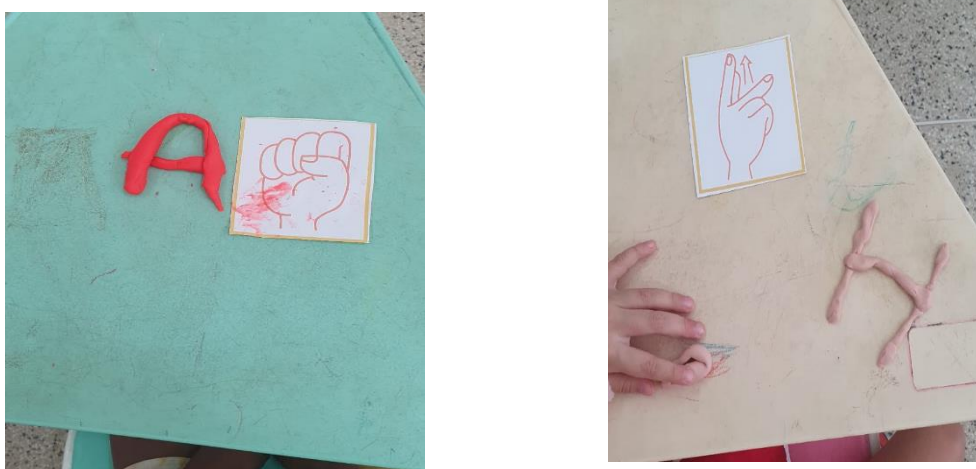
Vale pôr em evidência que, a pesquisadora não interferiu na identificação das atividades desenvolvidas pelas crianças. A pesquisadora apenas orientou como seria realizada a atividade, deixando as crianças livres para a execução dela, buscando assim, uma verificação real da aprendizagem. As próximas imagens referem-se aos alunos que não conseguiram desenvolver a atividade proposta.

Figura 14 – Imagem das atividades dos alunos que não conseguiram desenvolver a atividade proposta



Fonte: Imagem da autora (2023).

Figura 15 – Imagem das atividades dos alunos que confundiram os sinais das letras do alfabeto



Fonte: Imagem da autora (2023).

Encerrei as intervenções com a cantiga do alfabeto. É notável a diferença nas crianças e na professora antes e depois do ensino da Língua de Sinais, tanto no aspecto cognitivo quanto na questão da inclusão e da interação dos alunos ouvintes com a Sara e com a professora. A interação estava acontecendo de forma mais natural e as crianças começaram a ter o entendimento de que Sara não aprende como eles. Não entende as regras como eles, que necessita explicar de outra forma para que ela possa adquirir os conhecimentos.

Quanto à valorização da linguagem, também é notável em todas as falas dos envolvidos na pesquisa, alunos, professora e de quem não participou da pesquisa, mas que esteve presente em alguns momentos do ensino, como a cuidadora, a professora de AEE – Atendimento Educacional Especializado e os pais de alunos. As falas reproduzidas por estes são: “Todos deveriam aprender a Língua Brasileira de Sinais, tendo consciência de sua importância para a sociedade e na comunicação com a pessoa surda”.

Podemos observar através dos dados, que Sara, aluna surda, através das intervenções do ensino da Libras, teve oportunidades relevantes de aprendizagem e desenvolvimento. Quando inicia o ensino da Libras, percebemos uma evolução, interação com o meio, porém ainda com limitações extremas devido o espaço escolar ser oralizado e não utilizar nenhum tipo de comunicação o que colabora para a inquietação e irritabilidade da mesma. Essas limitações serão mais visíveis com o passar do tempo, caso a criança continue tendo as mesmas metodologias e permaneça em espaços em que a oralização prevalece.

Sara não tem acesso ao conhecimento só pelas das intervenções de Libras, apesar da aquisição rápida refletindo assim a naturalidade que a língua de sinais é para a pessoa surda. É necessário que o surdo esteja entre seus pares, onde o contexto educacional seja organizado em Libras para que tenha acesso completo ao conhecimento. Nesse cenário, junto com seus pares linguísticos, a criança não seria vista como deficiente, estaria numa relação de igualdade no processo educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa trouxe as intervenções do ensino da Libras na Educação Infantil como proposta geral, debruçando mais especificamente no uso das cantigas infantis como ferramenta para investigação desse ensino com suas potencialidades e desafios.

Considerando os resultados e as análises dos dados, notou-se uma grande capacidade de aquisição da língua de sinais pelas crianças ouvintes e pela criança com surdez através do ensino privilegiando a ludicidade e a brincadeira. Notou-se também uma busca pela aprendizagem da Libras por parte da professora, o que evidencia uma proposta inclusiva de acesso ao conhecimento. Percebeu-se a divulgação do ensino a partir das vivências das crianças com as famílias, gerando curiosidade dos pais fazendo perceber a importância desse ensino na sala de aula.

Quando se fala em introduzir a Libras na Educação Infantil, pensa-se nas transformações das funções elementares em funções psicológicas superiores, numa perspectiva inclusiva de valorização da diversidade linguística, no respeito ao outro e na formação do ser humano. Nesse sentido, o papel do professor é fundamental para mediar essas transformações, para Vigotski (2001, p. 244),

O curso do desenvolvimento do conceito científico nas ciências sociais transcorre sob as condições de colaboração educacional, que constitui uma forma original de colaboração sistemática entre o pedagogo e a criança, colaboração essa em cujo processo ocorre o amadurecimento das funções psicológicas superiores da criança com o auxílio e a participação do adulto.

Essa pesquisa explanou que o ensino da Libras na Educação Infantil é possível, e assegura o direito e o reconhecimento da língua no conceito do bilinguismo, respeitando a língua de sinais que é a língua natural dos surdos. A declaração da Unesco (1994), defende o uso da língua natural da pessoa surda que é a forma ideal para ensinar a uma criança. Sendo de suma importância o seu uso para assegurar o desenvolvimento de sua identidade cultural, garantindo que a criança surda adquira conceitos e construa sua visão de mundo, metas imprescindíveis para o desenvolvimento pleno do indivíduo.

Outro ponto a ser destacado neste estudo, foi a metodologia utilizada, que através

da pesquisa participante aproximou a pesquisadora dos atores envolvidos na investigação, percebendo a realidade desses sujeitos, proporcionando um olhar profundo e riquíssimo em detalhes que atravessam a realidade dos envolvidos.

Abrangemos, com a dissertação, diálogos e reflexões fundamentadas na Teoria Histórico-Cultural percorrendo em vários de seus conceitos para embasar nossa proposta de ensino. Enfatizamos a tese da Defectologia (2022) em que toda pessoa com deficiência desenvolve estímulos para elaborar uma compensação utilizando-se de vias indiretas para minimizar os efeitos da deficiência. Destacamos a importância da linguagem para o desenvolvimento humano e a entrada das vias indiretas, a Zona de Desenvolvimento Proximal como lugar de atuação do professor para mediar e alavancar a aprendizagem.

Ainda trouxemos os estudos de Quadros (1997) sustentando que a pessoa com surdez necessita se desenvolver nas duas línguas: a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa na modalidade escrita, concomitantemente no espaço escolar o mais cedo possível.

A pesquisa possibilitou demonstrar técnicas e ferramentas que trouxeram reflexões no ensino da Libras como apontado no capítulo seis. Verificou-se que as cantigas são ferramentas potentes para o ensino-aprendizagem da língua de sinais. Comprovou-se que as técnicas utilizadas contribuíram para a memorização dos sinais. A cantiga “O jacaré foi passear lá na lagoa” despertou nas crianças um uso lúdico da Libras percebido nas brincadeiras e nas relações sociais, na interação entre surdo/ouvintes. Na cantiga “1,2,3 indiozinhos”, percebeu-se uma aprendizagem rápida dos sinais, despertando na professora seu uso nas práticas pedagógicas. Na cantiga “Alfabeto para crianças” a aquisição foi surpreendente, pois além de adquirirem o conhecimento das letras em Libras, puderam relacionar em português na modalidade escrita, reforçando assim, a identidade do reconhecimento da letra do próprio nome e dos colegas, tanto em Libras quanto na escrita na Língua Portuguesa, fortalecendo os estudos realizados em sala de aula, numa perspectiva bilíngue de ensino.

Essas ações permitiram então ampliar os olhares e compreender que a Língua de Sinais no contexto escolar pode significar para as crianças ouvintes oportunidades

ímpares de aquisição de novos saberes, de valores imprescindíveis para a formação da sua identidade enquanto cidadãos.

Em relação aos dados e análises referente à professora regente, evidencia-se interesse em relação à aprendizagem da Libras e em fazer seu uso nas práticas pedagógicas existentes no cotidiano escolar. Esta pesquisa destacou a importância do professor, que deve promover oportunidades práticas apropriadas para criança com interesses diferentes, cabendo à escola desempenhar um papel fundamental de mediar os conhecimentos, aproximando a pessoa dessa segunda língua.

Porém, em relação a criança surda, sua inserção na sala de aula do ensino comum demonstrou como a criança é excluída. Notou-se ainda, que há uma grande barreira na comunicação entre a criança surda e seu meio social escolar e com perdas grandiosas em se tratando de ensino/aprendizagem. Nesse contexto oralizado, a criança é vista como deficiente, diferentemente se a criança estiver em um contexto com seus pares linguísticos. O ensino da Libras amenizou essa exclusão. Porém, o ensino da Libras não garantiu à criança a mesma aprendizagem que as crianças ouvintes, uma vez que ela não tem acesso a língua, a não ser no tempo em que aconteceu a pesquisa. Dessa forma, a criança não fez uso em seu contexto, não se reconheceu usuária da Libras por não estar em contato com outros usuários linguísticos. Consequentemente, a sua inclusão nos espaços sociais é prejudicada.

Como destaca Vigotski (1993), a linguagem é a base do pensamento e é por meio dela que surgem todas as manifestações sociais. Portanto, quanto maior o canal de comunicação e compreensão entre os sujeitos, maior serão as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento.

Concluimos assim que, o contexto educacional oralizado não é o espaço mais adequado para a inserção da criança surda, pois ela necessita de um espaço de trocas linguística próprias para o seu desenvolvimento. Contudo, como o município não conta com outras crianças surdas matriculadas, Sara não pôde ser incluída com seus pares linguísticos, uma vez também que a família não deseja que a filha aprenda Libras, o que acarreta atrasos, exclusão e dificuldades de comunicação e de interação.

Ressalta-se que essa pesquisa, não tem a pretensão de esgotar os diálogos e reflexões sobre o referido tema, mas tem a intenção de contribuir para o aprimoramento dos saberes dos professores auxiliando na melhoria do processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos e também na aquisição de uma segunda língua para alunos ouvintes, na tentativa de ressignificar o fazer pedagógico numa perspectiva inclusiva.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. D. **Interações Da Criança Pequena Na Educação Inclusiva: Contribuições Para A Educação De Surdos**. 2019. 220 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) Universidade Estadual De Campinas. São Paulo, 2019.

ANDRÉ, M. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da AEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br>. Acesso em: 10 jan. 2021.

ASEN, T. D. **A aprendizagem da língua de sinais por crianças surdas: dos primeiros anos de vida à aquisição do português escrito**. 2020. 119 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Comunitária Da Região De Chapecó. São Paulo, 2020.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10.ed. São Paulo: Huditec, 1997.

BASSO, I. M.S.; MASUTTI, M. L. A Mediação do ensino de Português na aprendizagem escolar do surdo por meio do SES. In: **A educação de surdos em uma perspectiva bilíngue: uma experiência de elaboração de softwares e suas implicações pedagógicas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

BOTELHO, P. **Linguagem e Letramento na educação de surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **LEI Nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.191-de-3-de-agosto-de-2021-336083749>. Acesso em 22 de setembro de 2023.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais– Libras e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.etufor.ce.gov.br/pdfs/leis_decretos_portarias/LEI%20No%2010. Acesso em 25 de junho de 2022.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 15 fev. 2023.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 02 fev. 2021.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, 1997.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, jun. 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 19 set. 2023.

BRASIL, Ministério da Educação. **Portaria MEC nº 323, de 08 de abril de 2009**. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=216650>. Acesso em 06 de fev.de 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 16 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política pública de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica/Secretaria de Educação Especial MEC; SEESP, 2001**.

BUENO, R. R. **Prática Pedagógica De Professores Que Ensinam Matemática Para Alunos Surdos**. 2019. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal De Mato Grosso. Mato Grosso, 2019.

CARVALHO, Michele Elias de. **Educação bilíngue para surdos: inquietações sobre a aquisição da escrita em língua portuguesa**. 2020. 395 f. Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da linguagem. Doutorado em Ciências da linguagem, 2020.

CARVALHO, M. E.; CAVALCANTI, W. M. A.; SILVA, J. A. Libras e Língua Portuguesa: línguas que se entrelaçam na educação bilíngue para surdos. **Rev. Diálogos**.2020, 8 (1): 318-334.

CIGOGNINI, F. L. **A Interação Da Criança Surda No Contexto Da Educação Infantil**: Um Estudo De Caso Na Perspectiva Da Educação Inclusiva. 2021. 156 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) Fundação Universidade De Passo Fundo, Rio Grande do Sul, 2021.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências Humanas e Sociais**. 4.ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Tradução: Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011. Disponível em: <https://passeidireto.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536325422/cfi/1!/4/4@0.00:57.1>. Acesso em: 14 out. 2023.

DAMASCENO, H. Q. S. **O Silencio E Ouvir Das Crianças Surdas**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Do Estado Do Pará. Pará, 2020.

DIAS, J. C. B. **O Aluno Surdo Em Processo De Aquisição De Linguagem**: Trilhando Caminhos Indiretos No Ensino Da Biologia. Dissertação (Mestrado em Ensino da Educação Básica). Universidade Federal do Espírito Santo, 2020.

DIAS, V.L.L. **Rompendo a barreira do silêncio**: interações de uma aluna surda incluída em uma classe do ensino fundamental. Dissertação (Metrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2006.

DIP, F. F.; TEBET, G., G., C. Sociologia da infância, protagonismo infantil e cultura de pares: um mapeamento da produção acadêmica sobre o tema. In: **Revista Zero-a-seis**, v. 21, n. 39, p. 31-50, jan-jun 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroa-seis/article/view/19804512.2019v21n39p31/38579>> Acesso em: 14 out 2023.

FELIX, A. **Surdo e ouvinte em sala de aula inclusiva**: interações sociais, apresentações e construção de identidade. São Paulo: Summus, 2006.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS** (Série Atualidades Pedagógicas). In: Brasil, Secretaria de Educação Especial, Brasília, 1997.

FERNANDES, E. A. P. **Políticas Públicas Da Educação De Surdos No Século XXI**: Análise De Documentos Federais, Estaduais E Municipais. 145 f. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Estadual De Campinas. São Paulo, 2019.

FERNANDES, S. **Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos**. Curitiba: SEED, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista. 7.ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GODFELD, M. **A Criança Surda: Linguagem e Cognição numa perspectiva Sociointeracionista**. 7. ed. São Paulo: Plexus Editora, 1997.

GOLDMAN, Marcio. Objetivação e subjetivação no último Foucault. In: CASTELO BRANCO, Guilherme; NEVES, Luiz Felipe Baeta. **Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência**. Londrina/Rio de Janeiro: Nau Editora e Edições CEFIL, 1998.

GROSSI, Y. de S. **Mina de Morro Velho: a extração do homem, uma história de experiência operária**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. **Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

IBGE. **Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística**. Censo Brasileiro de 2019. Estatísticas Sociais. 06 de out. De 2021. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013_agencia-de-noticias/releases/31445-pns-2019-pais-tem-17-3-milhoes-de-pessoas-com-algum-tipo-de-deficiencia. Acesso em 03/10/2023.

JANNUZZI, G.S.M.A. **Educação do Deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. Campinas: Autores associados, 2004.

KENDRICK, D. **Limites e possibilidades na educação de crianças surdas: a constituição de um laboratório bilíngue**. 238 f. Tese (Doutorado em Educação - Área de Concentração: Educação), Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2023.

KIKUICHI, V. Z. F. **Compondo Sentidos Sobre A Inclusão Do Aluno Surdo: As Percepções Dos Sujeitos Envolvidos No Processo**. 180 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) Universidade Federal Do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, 2018.

KISHIMOTO, T. M. (org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 3.ed. São Paulo: Cortez 1993.

LACERDA, C. B. F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 19, n. 46, p. 68-80, 1998.

LACERDA, L.R.C. **Educação de Surdos no Âmbito da Superintendência Regional de Educação de Nova Venécia/ES: A Formação de Professores em Foco**. Dissertação. (Mestrado Profissional em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. Espírito Santo, 2019.

LACERDA, C. B. F., & LODI, A. C. B. (2010). A inclusão escolar bilíngue de alunos surdos: Princípios, breve histórico e perspectivas. In: LODI, A. C. B. & LACERDA, C. B. F. **Uma escola, duas línguas: Letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LODI, A. C. B. Plurilinguismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, L.A. A escrita do surdo: relação texto e concepção. In: 24 Reunião Anual da ANPED. Intelectuais, conhecimento e espaço público. Caxambu: **Revista Brasileira de Educação**, 2001. Disponível em: <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT20-4173--Int.pdf>. Acesso em 29 de jan. 2023.

OLMO, K. G. B. **Educação Bilíngue Em Diário: Políticas E Práticas Constituídas Na Educação Dos Surdos No Município De Linhares No Estado Do Espírito Santo**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Do Espírito Santo. Espírito Santo, 2018.

PERALES, H. L. **Práticas Pedagógicas Do Professor De História De Ensino Médio Em Turma Regular Com A Presença De Aluno Surdo**. Dissertação (Mestrado Em Educação). Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte. Natal, 2018.

PORLÁN, R.; MARTÍN, J. **El diario del profesor**. Sevilla: Díada Editora, 1997.

QUADROS, R. M. de. O 'BI' em bilinguismo na educação de surdos. In: FERNANDES, E. (Org.). **Surdez e bilinguismo**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

QUADROS, R. M. de; SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R.M. de. **Alfabetização e o ensino da língua de sinais**. Textura, Canoas n3, p.54, 2000.

QUADROS, R. M. de. **O bi do bilingüismo na educação de surdos** In: Surdez e bilingüismo.1 ed.Porto Alegre : Editora Mediação, 2005, v.1, p. 26-36.

REILY, L. O papel da igreja nos primórdios da educação dos surdos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.12, n35, p.308-326, maio/agosto, 2007.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem**. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTIAGO, V. A. A.; ANDRADE, C. E. de. Surdez e sociedade: questões sobre conforto linguístico e participação social. In: ALBRES, N. de A.; NEVES, S. L. G. (ORG). **Libras em estudo: política linguística**. São Paulo: FENEIS, 2013.

SILVA, R.R. **A educação do surdo: Minha experiência de professora itinerante da Rede Municipal de Ensino de Campinas**. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, SP, 2003.

SILVA, V. (et al). Educação De Surdos: Uma Releitura Da Primeira Escola Pública Para Surdos Em Paris E Do Congresso De Milão Em 1880. In: QUADROS, R.M. (Org). **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

SILVEIRA, J. S. **Identidade e Bilinguismo: Um Estudo Com Pessoas Surdas**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual De Maringá. Paraná, 2020.

SOARES, M.A.L. **A Educação do Surdo no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1999.

SKLIAR, C.b. (Org) **Uma Perspectiva Sócio-Histórica Sobre A Psicologia E A Educação Dos Surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

STOBEL, K. **A História da Educação dos Surdos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

UNESCO (1994). **Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação na Área Das Necessidades Educativas Especiais**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

URI, J. M. P. **O Bilinguismo no Desenvolvimento Infantil: Contribuições De Estudos e Pesquisas em uma perspectiva Histórico-Cultural**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual De Campinas. São Paulo, 2019.

WILL, F.S. **A escolarização dos alunos público da educação especial: reflexões sobre laudo clínico**. Encontrografia Editora, 2022.

VELOSO, E.; MAIA FILHO, V. **Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez**. Curitiba: Mãos Sinais, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da Mente**. São Paulo. Editora Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VIGOTSKI, L. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKI, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L.S. Manuscrito de 1929. In: **Educação e Sociedade**. Ano XXI, n. ° 71, Campinas. Jul., 2000a.

VIGOTSKI, L. S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.4, p. 861-870, Dez, 2011.

VIGOTSKI, L. S. Obras Completas. **Tomo Cinco:** Fundamentos de Defectologia. 2.ed. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2022.

APÊNDICE A

REGISTRO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ALUNO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Você _____
está sendo convidado a participar da pesquisa **“Práticas Pedagógicas No Ensino Da Libras: Um Estudo Sobre Possibilidades E Desafios Do Ensino Da Língua Brasileira De Sinais Na Educação Infantil”**. Seus pais permitiram que você participasse, onde eu Graziéli Venturine Ahnert Bernardo, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica - PPGEEB (Mestrado) da Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo – Campus São Mateus sou a responsável pela pesquisa.

Justificativa

Esse projeto é importante, pois você aprenderá a Língua de Sinais na escola para se comunicar – conversar com seu amigo (a) surdo. E para a criança surda é importante aprender Libras para aprender ler, escrever e se comunicar com as crianças que ouvem na escola e também em outros lugares.

Objetivo da Pesquisa

Queremos saber como ensinar e aprender Libras para as crianças na Educação Infantil através de músicas, se será fácil ou se será difícil.

Procedimentos para obtenção dos dados:

A pesquisa será feita na sua escola onde eu irei observar as aulas da professora e como as crianças brincam e realizam as atividades. Também anotarei no caderno as práticas observadas e quando eu for ensinar Libras para vocês anotarei e filmarei, mas vou guardar as imagens só para eu assistir e depois escrever na minha pesquisa

Riscos e Desconfortos

Usarei caixa musical para ensinar Libras. Esse material é considerado seguro, não é perigoso, mas é possível ocorrer riscos. Por causa das observações nas salas, fotos e gravações de vídeos, você pode ficar com vergonha e talvez não querer conversar ou realizar as atividades. Mas não tem problema se isso acontecer, pois você pode realizar as atividades na hora que desejar, ou deixar de realizar também. Se acontecer de eu estragar algum material eu darei outro no lugar.

Benefícios

Mas há coisas boas que podem acontecer. Você pode aprender uma língua nova: LIBRAS para poder se comunicar e conversar com pessoas surdas, crescendo e sabendo respeitar pessoas diferentes de você. Para a criança surda, aprender Libras vai ajudar aprender o português, a ler e escrever e a se comunicar com as crianças que ouvem na escola e em outros lugares.

Garantia do Sigilo e Privacidade

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falarei a outras pessoas, nem darei a estranhos as informações que você me der. Seu nome não será divulgado. Utilizarei um nome diferente do seu para escrever a minha pesquisa. Os resultados serão utilizados para outros professores pensarem sobre suas aulas para crianças surdas e ouvintes que estão aprendendo a ler e escrever e como ensinar Libras para todas as crianças.

Garantia de recusa em Participar da Pesquisa e/ou Retirada de Consentimento:

Você não precisa participar dessa pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá problema se desistir.

Esclarecimento de dúvidas

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Eu escrevi o meu nome e o telefone aqui embaixo.

Graziéli Venturine Ahnert Bernardo no telefone (27) 99893-7760. Você pode também entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – Campus do Ceunes pelo telefone (27) 3312-1519, e-mail: cepceunes@gmail.com/comitedeetica.ceunes@institucional.ufes.br, endereço Rodovia BR 101 Norte, Km 60, Bairro Litorâneo, São Mateus, ES, CEP: 29.932-540.

Nesse sentido, gostaria de contar com a sua colaboração, através de seu Assentimento Livre e Esclarecido.

Eu _____
 aceito participar da pesquisa **“Práticas Pedagógicas No Ensino Da Libras: Um Estudo Sobre Possibilidades e Desafios Do Ensino Da Língua Brasileira De Sinais Na Educação Infantil”**. Entendi que posso dizer “sim” e participar. Mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir. A pesquisadora tirou as minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis.
 Recebi uma via deste termo de assentimento que meus responsáveis leram e concordaram com a minha participação na pesquisa.

_____, de de 2023.

PARTICIPANTE DA PESQUISA

Na qualidade de pesquisadora responsável pela pesquisa **“Práticas Pedagógicas No Ensino Da Libras: Um Estudo Sobre Possibilidades E Desafios Do Ensino Da Língua Brasileira De Sinais Na Educação Infantil”**, eu, Graziéli Venturine Ahnert Bernardo, declaro ter cumprido as exigências da Resolução CNS 510/16, a que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

_____, de de 2023.

PESQUISADORA RESPONSÁVEL

OBSERVAÇÃO

Após receber os esclarecimentos e as informações constantes nesse documento, em se tratando que o (a) estudante é menor de idade e não tem conhecimento da leitura e da escrita do próprio nome, o registro de assentimento livre e esclarecido ocorrerá por meio da gravação de vídeo em Língua Portuguesa para os (as) estudantes ouvintes e em Libras para o (a) estudante surdo, garantindo a apresentação na íntegra deste documento, bem como algumas explicações caso necessárias, principalmente a natureza da pesquisa, justificativa, objetivos, métodos, potenciais benefícios e riscos, para que ao final o (a) estudante responda se gostaria de participar ou não. Esta apresentação será feita com a presença do responsável pelo (a) estudante. A gravação do aceite será transcrita para o papel e entregue à (ao) estudante e ao responsável devidamente assinada pela pesquisadora.

APÊNDICE B

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS RESPONSÁVEIS LEGAIS

O menor de idade _____ pelo qual o (a) senhor (a) é responsável foi convidado a participar da pesquisa intitulada, **“Práticas Pedagógicas no Ensino da Libras: Um Estudo sobre Possibilidades e Desafios do Ensino da Língua Brasileira de Sinais na Educação Infantil”**, sob a responsabilidade de Graziéli Venturine Ahnert Bernardo, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica - PPGEEB (Mestrado) da Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo – Campus São Mateus.

Justificativa

Esse projeto é relevante pois visa ampliar os olhares e compreender que a Língua de Sinais no contexto escolar pode significar para crianças ouvintes oportunidades ímpares de aquisição de novos saberes, de valores imprescindíveis para a formação da sua identidade enquanto cidadãos. E para as crianças surdas essas vivências podem representar a garantia de que o processo de ensino e aprendizagem transcorrerá de modo a lhes proporcionar aprendizagens significativas resultantes de ricas experiências com participação individual ou coletiva, constituindo-se enquanto elementos essenciais para o seu desenvolvimento pleno e, conseqüentemente, para a sua inclusão nos diversos espaços sociais.

Objetivo da Pesquisa

Refletir e analisar estratégias da prática docente que possibilitem o ensino da Libras para todos os alunos através de cantigas, buscando compreender a possibilidade desse ensino e seus desafios em uma escola de Educação Infantil da rede pública municipal de São Gabriel da Palha –ES.

Procedimentos para obtenção dos dados

Os procedimentos utilizados para a obtenção dos dados serão a observação participante das práticas educativas e das relações de ensino realizadas na sala de aula, anotações das observações em diário de bordo e gravação de vídeos e fotos para registro e análise dos dados, sem veiculação das imagens das crianças. A pesquisadora irá gravar as músicas utilizadas na sala de aula para o ensino da LIBRAS, sem a presença das crianças para demonstrar os sinais utilizados e sua técnica e os vídeos serão disponibilizados através de leitor de QR Code no texto da pesquisa, além da disponibilização do link do you tube.

Riscos e Desconfortos

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e graus variados. Por envolver a realização de Observações nas salas, fotos e também gravações de vídeos, pode haver constrangimento dos envolvidos na situação de pesquisa e alterar a dinâmica das relações ali instauradas e vivenciadas. Nesse sentido, os riscos e desconfortos são mínimos, mas em casos de ocorrência será dada assistência imediata que se configura na assistência emergencial e sem ônus de qualquer espécie ao participante da pesquisa, em situações em que este dela necessite e assistência integral, que é aquela prestada para atender complicações e danos decorrentes, direta ou indiretamente, da pesquisa. Também será garantida a indenização diante de eventuais danos, através da cobertura material para reparação ao dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa.

Benefícios

Os benefícios dessa pesquisa estão relacionados à: facilitação da aquisição de uma segunda língua: LIBRAS, possibilidade de novos saberes para aluno ouvintes de valores imprescindíveis para a formação da sua identidade enquanto cidadãos, valorizando a diversidade cultural, tornando cidadãos acolhedores e inclusivos; Para a criança surda essas vivências podem representar a garantia de que o processo de ensino e aprendizagem transcorrerá de modo a lhe proporcionar aprendizagens significativas resultantes de ricas experiências com participação individual ou

coletiva, constituindo-se enquanto elementos essenciais para o seu desenvolvimento pleno e, conseqüentemente, para a sua inclusão nos diversos espaços sociais, valorizando sua cultura e se apropriando de sua identidade.

Garantia do Sigilo e Privacidade

É importante ressaltar que os dados dos participantes da pesquisa serão mantidos em sigilo, durante todas as fases da pesquisa, inclusive após publicação. Nesse sentido, os nomes dos participantes da pesquisa na escrita dos resultados e análise dos dados serão fictícios. Os dados da pesquisa serão analisados à luz da contribuição da perspectiva Histórico-Cultural, desenvolvida por Vygotsky e serão armazenados num prazo de 05 anos. Os resultados da pesquisa serão utilizados nas reflexões sobre a Educação Inclusiva, Educação Especial, formação de professores e o ensino de Libras, contribuindo para a discussão de processos de ensino e de aprendizado de alunos surdos e ouvintes.

Garantia de recusa em Participar da Pesquisa e/ou Retirada de Consentimento

Você não é obrigado (a) a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela a qualquer momento de sua execução, sem que haja penalidades ou prejuízos decorrentes de sua recusa. Caso decida retirar seu consentimento, o (a) Sr (a) não mais será contatado (a) pela pesquisadora.

Esclarecimento de dúvidas

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, o (a) Sr. (A) pode contatar a pesquisadora Graziéli Venturine Ahnert Bernardo no telefone (27) 99893-7760. O (A) Sr (A) também pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa – Campus do Ceunes pelo telefone (27) 3312-1519, e-mail: cepceunes@gmail.com/comitedeetica.ceunes@institucional.ufes.br, endereço Rodovia BR 101 Norte, Km 60, Bairro Litorâneo, São Mateus, ES, CEP: 29.932-540.

Nesse sentido, gostaria de contar com a sua colaboração, autorizando o menor pelo qual o (a) senhor (a) é responsável a participar desta pesquisa, através de seu Consentimento Livre e Esclarecido.

Declaro que fui verbalmente informado (a) e esclarecido (a) sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito e autorizo o menor pelo qual sou responsável a participar da pesquisa e compreendo que posso retirar meu consentimento e interrompê-lo a qualquer momento, sem penalidade. Também declaro ter recebido uma via deste Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pela pesquisadora principal e rubricada em todas as páginas.

_____, ____ de ____ de 2023.

RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Na qualidade de pesquisadora responsável pela pesquisa **“Práticas Pedagógicas No Ensino Da Libras: Um Estudo Sobre Possibilidades E Desafios Do Ensino Da Língua Brasileira De Sinais Na Educação Infantil”**, eu, Graziéli Venturine Ahnert Bernardo, declaro ter cumprido as exigências da Resolução CNS 510/16, a que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

_____, ____ de ____ de 2023.

PESQUISADORA RESPONSÁVEL

APÊNDICE C

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PROFESSORES

O (A) Senhor (a) _____ foi convidado a participar da pesquisa intitulada **“Práticas Pedagógicas no Ensino da Libras: Um Estudo sobre Possibilidades e Desafios do Ensino da Língua Brasileira de Sinais na Educação Infantil”**, sob a responsabilidade de Graziéli Venturine Ahnert Bernardo, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica - PPGEEB (Mestrado) da Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo – Campus São Mateus.

Justificativa

Esse projeto é relevante pois visa ampliar os olhares e compreender que a Língua de Sinais no contexto escolar pode significar para crianças ouvintes oportunidades ímpares de aquisição de novos saberes, de valores imprescindíveis para a formação da sua identidade enquanto cidadãos. E para as crianças surdas essas vivências podem representar a garantia de que o processo de ensino e aprendizagem transcorrerá de modo a lhes proporcionar aprendizagens significativas resultantes de ricas experiências com participação individual ou coletiva, constituindo-se enquanto elementos essenciais para o seu desenvolvimento pleno e, conseqüentemente, para a sua inclusão nos diversos espaços sociais.

Objetivo da Pesquisa

Refletir e analisar estratégias da prática docente que possibilitem o ensino da Libras para todos os alunos através de cantigas, buscando compreender a possibilidade desse ensino e seus desafios em uma escola de Educação Infantil da rede pública municipal de São Gabriel da Palha –ES.

Procedimentos para obtenção dos dados

Os procedimentos utilizados para a obtenção dos dados serão a observação participante das práticas educativas e das relações de ensino realizadas na sala de aula, anotações das observações em diário de bordo e gravação de vídeos e fotos para registro e análise dos dados, sem veiculação das imagens das crianças. A pesquisadora irá gravar as músicas utilizadas na sala de aula para o ensino da LIBRAS, sem a presença das crianças para demonstrar os sinais utilizados e sua técnica e os vídeos serão disponibilizados através de leitor de QR Code no texto da pesquisa, além da disponibilização do link do you tube.

Riscos e Desconfortos

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e graus variados. Por envolver a realização de observações nas salas, fotos e gravações de vídeos, pode haver constrangimento dos envolvidos na situação de pesquisa e alterar a dinâmica das relações ali instauradas e vivenciadas. Nesse sentido, os riscos e desconfortos são mínimos, mas em casos de ocorrência será dada assistência imediata que se configura na assistência emergencial e sem ônus de qualquer espécie ao participante da pesquisa, em situações em que este dela necessite e assistência integral, que é aquela prestada para atender complicações e danos decorrentes, direta ou indiretamente, da pesquisa. Também será garantida a indenização diante de eventuais danos, através da cobertura material para reparação ao dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa.

Benefícios

Os benefícios dessa pesquisa estão relacionados à: facilitação da aquisição de uma segunda língua: LIBRAS, possibilidade de novos saberes para aluno ouvintes de valores imprescindíveis para a formação da sua identidade enquanto cidadãos, valorizando a diversidade cultural, tornando cidadãos acolhedores e inclusivos; Para a criança surda essas vivências podem representar a garantia de que o processo de ensino e aprendizagem transcorrerá de modo a lhe proporcionar aprendizagens significativas resultantes de ricas experiências com participação individual ou

coletiva, constituindo-se enquanto elementos essenciais para o seu desenvolvimento pleno e, conseqüentemente, para a sua inclusão nos diversos espaços sociais, valorizando sua cultura e se apropriando de sua identidade.

Garantia do Sigilo e Privacidade

É importante ressaltar que os dados dos participantes da pesquisa serão mantidos em sigilo, durante todas as fases da pesquisa, inclusive após publicação. Nesse sentido, os nomes dos participantes da pesquisa na escrita dos resultados e análise dos dados serão fictícios. Os dados da pesquisa serão analisados à luz da contribuição da perspectiva Histórico-Cultural, desenvolvida por Vygotsky e serão armazenados num prazo de 05 anos. Os resultados da pesquisa serão utilizados nas reflexões sobre a Educação Inclusiva, Educação Especial, formação de professores e o ensino de Libras, contribuindo para a discussão de processos de ensino e de aprendizado de alunos surdo e ouvintes.

Garantia de recusa em Participar da Pesquisa e/ou Retirada de Consentimento

O (A) Sr. (a) não é obrigado (a) a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela a qualquer momento de sua execução, sem que haja penalidades ou prejuízos decorrentes de sua recusa. Caso decida retirar seu consentimento, o (a) Sr (a) não mais será contatado (a) pela pesquisadora.

Esclarecimento de dúvidas

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, o (a) Sr. (A) pode contatar a pesquisadora Graziéli Venturine Ahnert Bernardo no telefone (27) 99893-7760. O (A) Sr (A) também pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa – Campus do Ceunes pelo telefone (27) 3312-1519, e-mail: cepceunes@gmail.com/comitedeetica.ceunes@institucional.ufes.br, endereço Rodovia BR 101 Norte, Km 60, Bairro Litorâneo, São Mateus, ES, CEP: 29.932-540.

Nesse sentido, gostaria de contar com a sua colaboração, através de seu Consentimento Livre e Esclarecido.

Declaro que fui verbalmente informado (a) e esclarecido (a) sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito a minha participação e compreendo que posso retirar meu consentimento e interrompê-lo a qualquer momento, sem penalidade. Também declaro ter recebido uma via deste Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pela pesquisadora principal e rubricada em todas as páginas.

_____, ____ de ____ de 2023.

PARTICIPANTE DA PESQUISA

Na qualidade de pesquisadora responsável pela pesquisa “**Práticas Pedagógicas no Ensino da Libras: Um Estudo sobre Possibilidades e Desafios do Ensino da Língua Brasileira de Sinais na Educação Infantil**”, eu, Graziéli Venturine Ahnert Bernardo, declaro ter cumprido as exigências da Resolução CNS 510/16, a que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

_____, ____ de _____ de 2023.

PESQUISADORA RESPONSÁVEL

APÊNDICE D

DECLARAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Declaro conhecer e estar de acordo com a realização do projeto de pesquisa intitulado **“Práticas Pedagógicas no Ensino da Libras: Um Estudo sobre Possibilidades e Desafios do Ensino da Língua Brasileira de Sinais na Educação Infantil”**, de responsabilidade da pesquisadora Graziéli Venturine Ahnert Bernardo, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo, da Universidade Federal do Espírito Santo/UFES.

Declaro ainda conhecer a Resolução CNS 466/12 “diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos” e a Resolução CNS 510/2016 que “dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais”. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e do bem estar dos sujeitos recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.

Secretaria Municipal de Educação
e/ou
Diretora de escola

APÊNDICE E

DECLARAÇÃO ASSINADA DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE


 PREFEITURA MUNICIPAL
 DE SÃO GABRIEL DA PALHA
 SECRETARIA MUNICIPAL
 DE EDUCAÇÃO
 PRAÇA VICENTE GLAZAR Nº 159
 TELEFONE: (27) 3727-1366
 CEP 29.790-000 - SÃO GABRIEL DA PALHA-ES

São Gabriel da Palha-ES, 07 de julho de 2022

DECLARAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Declaro conhecer e estar de acordo com a realização do projeto de pesquisa intitulado "Práticas Pedagógicas No Ensino Da Libras: Um Estudo Sobre Possibilidades E Desafios Do Ensino Da Língua Brasileira De Sinais Na Educação Infantil", de responsabilidade da pesquisadora Graziéli Venturine Ahnert Bernardo, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo, da Universidade Federal do Espírito Santo/UFES.

Declaro ainda conhecer a Resolução CNS 466/12 "diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos" e a Resolução CNS 510/2016 que "dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais". Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e do bem estar dos sujeitos recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.



Secretaria Municipal de Educação
e/ou
Diretora de escola

Marlene Silva Teixeira de Souza
 Secretária Municipal de Educação
 Decreto N.º 2.041/2021

APÊNDICE F

LAUDO MÉDICO DA ALUNA COM SURDEZ



CENTRO OTORRINOLARINGOLÓGICO LTDA
DR. NEWTON CID ARAUJO DE CASTRO
RUA ÁLVARO ANTOLINI, Nº 162 VILA NOVA – COLATINA
ESPÍRITO SANTO - CEP: 29702-090
TEL: 3711-0177 / TELEFAX: 3721-5831

Paciente:
REIS.

Avaliada paciente em epígrafe apresentando exame físico Otorrinolaringológico dentro dos limites da normalidade mas com falha nos testes de emissões otoacústicas desde pequenina e BERA PEAT mostrando ausência de ondas I, III, e V a 100dBNA bilateralmente evidenciando perda auditiva de grau profundo ao BERA em ambas as orelhas. Diagnóstico de surdez profunda bilateral, de provável causa congênita e etiologia genética de caráter irreversível caracterizando necessidades especiais. Aguardando avaliação para cirurgia de implante coclear via SUS. CID: H90.0

Dr. Newton Cid Araujo de Castro
Otorrinolaringologista
CRM-ES 6707

NEWTON CID ARAUJO DE CASTRO
Colatina, 31 de março de 2022.

APÊNDICE G

FOLHA DE ROSTO – COMITE DE ÉTICA E PESQUISA

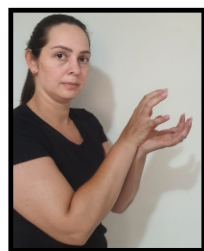
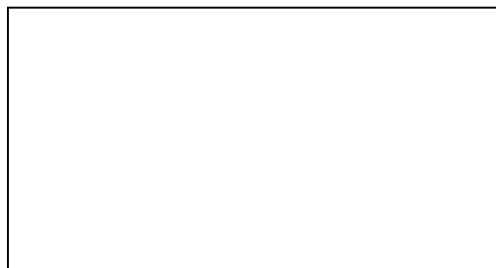
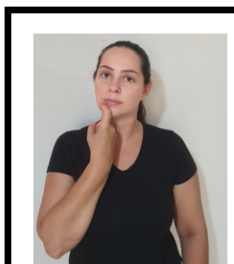
 MINISTÉRIO DA SAÚDE – Conselho Nacional de Saúde – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS			
1. Projeto de Pesquisa: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 27			
3. Área Temática:			
4. Área de Conhecimento: Grande Área 7: Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: GRAZIEL VENTURINI ANDREI BERNARDO			
6. CPF: 708.429.187/54	7. Endereço (Res. n.º): Rua Dr. Ivan Luis Baccalos Cardo Apic. SÃO GABRIEL DA PALHA, ESPRITO SANTO 28780000		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 27999937768	10. Outro Telefone:	11. E-mail: grazielvbn@gmail.com.br
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Assumo as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que esta folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: <u>15</u> / <u>07</u> / <u>2022</u>  Assinatura			
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Centro Universitário Norte do Espírito Santo - UENES		13. CNPJ: 09.094.142/0001-30	14. Unidade/Organismo: CENTRO UNIVERSITÁRIO NORTE DO ESPRITO SANTO
15. Telefone: 280810-1755	16. Outro Telefone:		
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: <u>Luiz Antonio Favero Filho</u>		CPF: <u>022.158.119-78</u>	
Cargo/Função: <u>Diretor do Ceunes</u>		LUIZ ANTONIO FAVERO FILHO  Assinatura	
Data: <u>15</u> / <u>09</u> / <u>2022</u>			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica			

APÊNDICE H

ATIVIDADE PARA VERIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO DA LIBRAS

PESQUISA PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA LIBRAS: UM ESTUDO SOBRE POSSIBILIDADES E DESAFIOS NO ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

FAÇA UM DESENHO DO SINAL CORRESPONDENTE

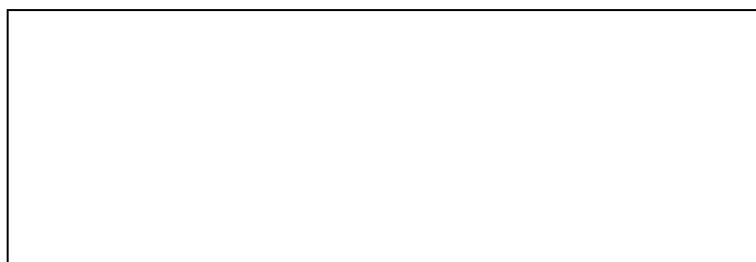
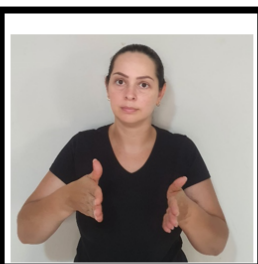


APÊNDICE I

ATIVIDADE PARA VERIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO DA LIBRAS

PESQUISA PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA LIBRAS: UM ESTUDO SOBRE POSSIBILIDADES E DESAFIOS NO ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

FAÇA UM DESENHO DO SINAL CORRESPONDENTE



APÊNDICE J

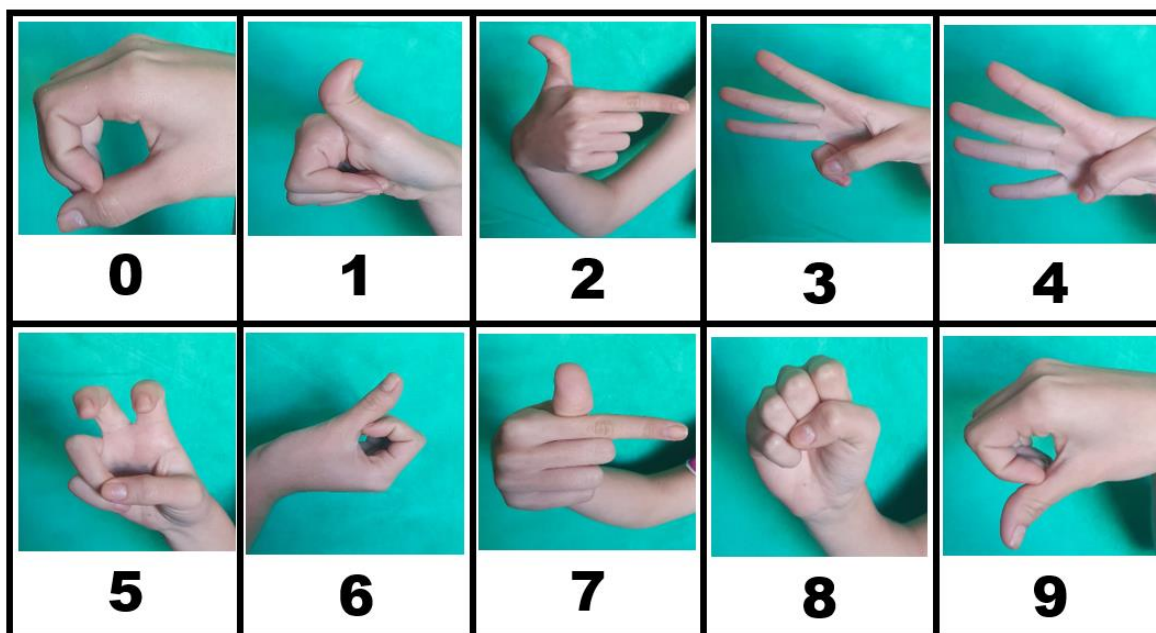
RECURSO UTILIZADO NO ENSINO DA MÚSICA “1,2,3 INDIOZINHOS” COLADO NA PAREDE DA SALA DE AULA INVESTIGADA



APÊNDICE K

NÚMEROS COLADOS NA PAREDE DA SAL DE AULA INVESTIGADA

NÚMEROS



APÊNDICE L

RECURSO UTILIZADO NO ENSINO DA MÚSICA “O JACARÉ FOI PASSEAR LÁ NA LAGOA” COLADO NA PAREDE DA SALA DE AULA INVESTIGADA



APÊNDICE M

RECURSO UTILIZADO NO ENSINO DA MÚSICA “ALFABETO PARA CRIANÇAS” COLADO NA PAREDE DA SALA DE AULA INVESTIGADA

